

Defesa Nacional



NEIRO
40

NUMERO
308

Diretores responsáveis:

Gen. Heitor Borges
Maj. Lima Figueirêdo
Maj. Batista Gonçalves

A DEFESA NACIONAL

Ano XXVII

Brasil - Rio de Janeiro, Janeiro de 1940

N.º 308

S U M Á R I O

	Pag.
Aos nossos leitores	3
Regimento Sampaio	5
Impressões do Brasil — Por André Siegfried . .	7
“Nação Armada”	24
Abrindo o debate — A Revisão do Regulamento de Infantaria — Pelo Ten. Cel. T. A. Araripe	25
O combate das pequenas unidades — Ttes. Anto- nio de Barros Moreira e Oscar Jeroni- mo Bandeira de Melo	37
Tiros especiais de metralhadoras — Pelo Cap. Augusto Cezar de Castro Moniz Aragão . .	71
Considerações sobre o emprego dos canhões e morteiros — Major Djalma Dias Ribeiro . .	87
A organização do ensino no Japão — Major Lima Figueirêdo	97
Lei do movimento dos quadros de oficiais em tempo de paz — Dec.-lei n. 1.958	105

CASA BROMBERG

Aços - "WIDIA" KRUPP

Estacas de aço KRUPP

Estructuras metálicas

K R U P P

para hangars e pontes



Máquinas em geral

Projectos e Instalações

completas para Fábricas



Bromberg & Cia.

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

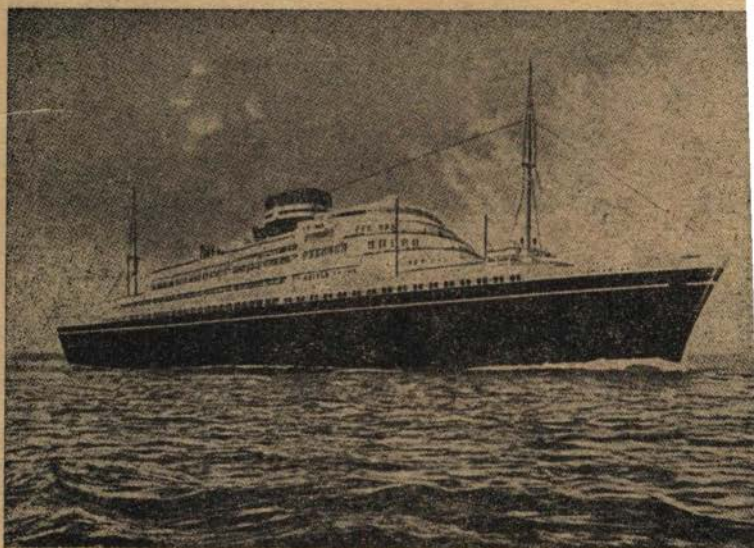
AVENIDA TIRADENTES, 32

RUA GENERAL CAMARA, 64

GRANDE CRUZEIRO A VOLTA DO MUNDO

Organizado pela OSAKA SYOSEN KAISYA

N/M. BRASIL MARÚ



N/M. BRASIL MARÚ

(Chegando ao Rio de Janeiro no dia 10 de Março de 1940)

Quanto quer ver! Quanto quer gozar! Quanto quer conhecer! Seis mares? — O oceano Atlantico do Sul, o mar das Caraibas, o oceano Pacifico, o mar Interior do Japão, o mar da China, o oceano Indico. E quantos paizes, dos mais variados, dos mais diferentes e dos mais interessantes costumes: Argentina, o Norte do Brasil, Trinidade, o Canal do Panamá, os Estados Unidos (Los Angeles e os studios de Hollywood), o Japão (30 dias de turismo inesquecível e aprazível, e todo conforto por regiões lindissimas e encantadoras), e, de volta, a China, a Malaya, o Ceilão e a Africa do Sul. Não precisamos descrever todas aquellas regiões que V. S. pode percorrer em nossas excursões ao redor do mundo. Si ainda não teve o indescritível prazer de estudar um mappa do mundo, experimente agora. Abra o seu mappa, e veja o que lhes poderão proporcionar todos aquellos paizes.

SOC. DE NAVEGAÇÃO OSAKA DO BRASIL LTDA.

SANTOS: Rua Cidade de Toledo, 31 — Tel.: 3178.

SÃO PAULO: Rua da Quitanda, 82-4.º andar — Tel.: 2-4485

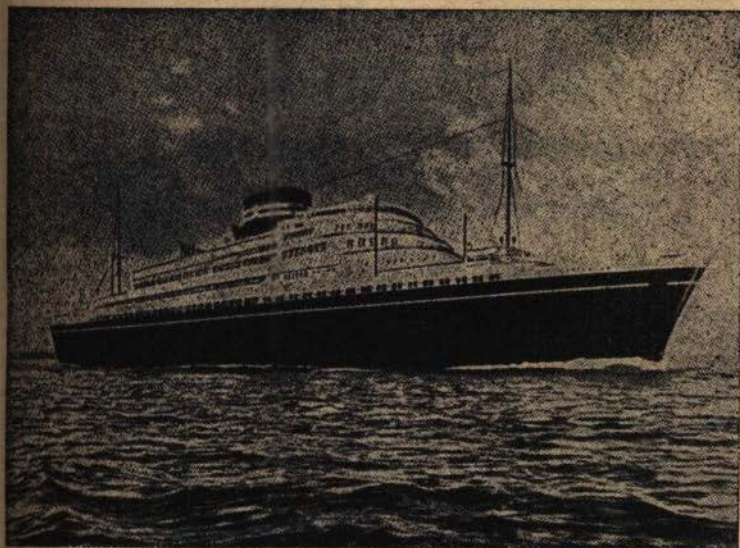
RIO DE JANEIRO: Agentes Wilson Sons & Co. Ltd.

Av. Rio Branco, 37 — Tels.: 23-5988 e 43-3569

GRANDE CRUZEIRO A VOLTA DO MUNDO

Organizado pela OSAKA SYOSEN KAISYA

N/M. BRASIL MARU



N/M. BRASIL MARU

(Chegando ao Rio de Janeiro no dia 10 de Março de 1940)

Quanto quer ver! Quanto quer gozar! Quanto quer conhecer! Seis mares? — O oceano Atlantico do Sul, o mar das Caraibas, o oceano Pacifico, o mar Interior do Japão, o mar da China, o oceano Indico. E quantos paizes, dos mais variados, dos mais diferentes e dos mais interessantes costumes: Argentina, o Norte do Brasil, Trinidade, o Canal do Panamá, os Estados Unidos (Los Angeles e os estudios de Hollywood), o Japão (30 dias de turismo inesquecível e aprazível, e todo conforto por regiões lindissimas e encantadoras), e, de volta, a China, a Malaya, o Ceylão e a Africa do Sul. Não precisamos descrever todas aquellas regiões que V. S. pode percorrer em nossas excursões ao redor do mundo. Si ainda não teve o indescriptível prazer de estudar um mappa do mundo, experimente agora. Abra o seu mappa, e veja o que lhes poderão proporcionar todos aquellos paizes.

SOC. DE NAVEGAÇÃO OSAKA DO BRASIL LTDA.

SANTOS: Rua Cidade de Toledo, 31 — Tel.: 3178.

SÃO PAULO: Rua da Quitanda, 82-4.º andar — Tel.: 2-4485

RIO DE JANEIRO: Agentes Wilson Sons & Co. Ltd.

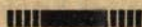
Av. Rio Branco, 37 — Tels.: 23-5988 e 43-3569

CASA BROMBERG

Aços - "WIDIA" KRUPP
Estacas de aço KRUPP
Estructuras metálicas
K R U P P
para hangars e pontes



Máquinas em geral
Projectos e Instalações
completas para Fabricas



Bromberg & Cia.

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO
AVENIDA TIRADENTES, 32 RUA GENERAL CAMARA, 64



INDANTHREN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE OLIVA, a tricolore cinzenta, a MESCLA e as LONAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHREN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHREN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e
— — — — — Marinha — — — — —

EMPRESTIMO DE SÃO PAULO

Para consolidação da divida flutuante
custeio de obras reproductivas

RS. 200.000:000\$000

Emissão de 1935

Premios trian

Tipo 95

Juros 5%

APOLICES DE RS. 200\$000

Isentas dos impostos de transmissão "inter-vivos", "causa mortis"
e todos os demais impostos estaduais

SORTEIOS DE PREMIO DE 3 EM 3 MESES

Em Março, Junho e Setembro:

1 premio de	500:000\$000
1 premio de	50:000\$000
1 premio de	10:000\$000
40 premios de 1:000\$000	40:000\$000

Em Dezembro

1 premio de	1.000:000\$000
1 premio de	100:000\$000
1 premio de	20:000\$000
3 premios de 10:000\$000	30:000\$000
50 premios de 1:000\$000	50:000\$000

AMORTISAÇÕES SEMESTRAIS NO PRINCÍPIO DE 40 ANOS

Juros pagos semestralmente

Empréstimo lançado em S. Paulo pelos seguintes bancos:

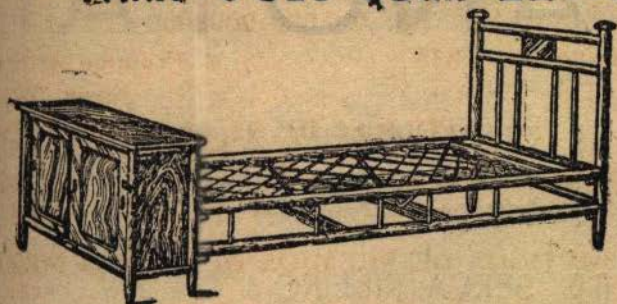
Banco do Estado de São Paulo — Banco do Comercio e
de São Paulo — Banco Commercial do Estado de São
Paulo — Banco de São Paulo — Banco Noroeste do Estado de
— Banco Francês e Italiano para a America do Sul — B
Brasileiro — Bank of London & South America Ltd. —
tish Bank of South America Ltd. — Banco Italo Belg
Royal Bank of Canada — Banco Nacional Ultramarino
Português do Brasil — Banco F. Barreto.

No Rio de Janeiro as apolices acham-se à venda nos seguintes
estabelecimentos:

Banco Bôa Vista — Banco Hipotecário e Agricola do
Minas Gerais — Casa Bancaria F. Moneró & Cia. —
(Sociedade Brasileira de Valores) — Casa Bancaria
Brasileira.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

PARA O SEU QUARTEL...



OU SUA RESIDENCIA...



CAMA PATENTE

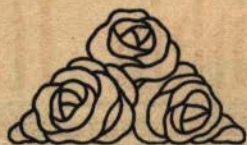
LEGITIMA SÓ COM A *faixa azul!*

LAISCIO & CIA.



CAMA PATENTE

lo — Rua Rodolfo Miranda, 76 — P. Alegre — Rua dos Andradas, 1025
 — Rua do Cortume, 38 — S. Christovam —
 — Rua do Chile, 19 — Pelotas — Rua 15 de Novembro, 38
 — Rua da Imperatriz, 368 — Fortaleza — Rua Floriano Peixoto, 794



Tecelagem Parahiba S. A.

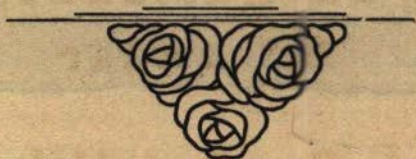
Fabrica de Cobertores



Rua Bôa Vista, 116 - 8.º andar - sala 805-806

TELEPHONE 2-3804

SÃO PAULO



Companhia Itaquereê

Uzina Itaquereê

*Município de Tabatinga
Estado de S. Paulo*

Produção em 1939 :- 81.851 saccos.

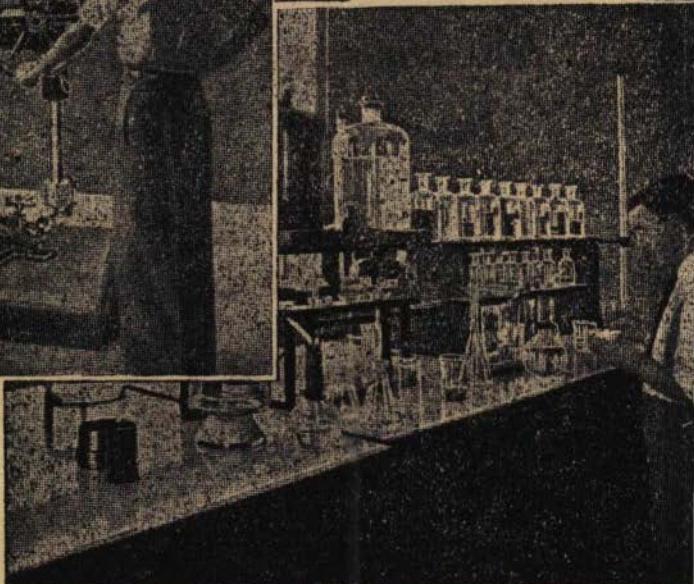
Alcool 477.000 litros.

Fuzel Oil 800 litros.

**Rua da Quitanda, 96
8.º andar**

S Ã O P A U L O

UNIFORMIDADE



METHODOS descuidados não poderiam manter a uniforme alta qualidade pela qual o cimento "MAUA" tornou-se famoso através de todo o Brasil. Uma ideia do vulto das analyses e contrólis exacto de laboratorio a que é submettido,

póde ser obtida pelas photographias acima, que são vistas parciais do gabinete de pesquisas e analyses na fabrica.

O cimento "MAUA" tornou-se synonimo do mais alto padrão de qualidade e uniformidade.



COMPANHIA NACIONAL
DE CIMENTO PORTLAND
RIO DE JANEIRO



COMPANHIA CHIMICA

Rhodia Brasileira

Santo André Estado de S. Paulo

Productos Chimicos

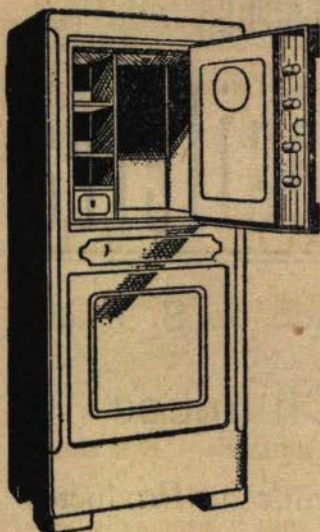
Industriaes e Pharmaceuticos. Productos
para Photographia, Ceramica,
Laboratorios, etc.

ESPECIALIDADES —————
————— PHARMACEUTICAS



Filial e Agente Exclusivo no Brasil da
Société des Usines Chimiques
RHÔNE — POULENC — PARIS

A mais antiga e a maior fabrica de Cofres e Moveis de Aço na America do Sul



Na sua residencia.
No seu escriptorio.
Ou na sua casa commercial.

Os seus valores só estarão garantidos se estiverem sob a guarda de um cofre.

NASCIMENTO

Nascimento & Filhos Ltda.

Vendas:

R. Quintino Bocayuva, 13

Tel. 2-2082

São Paulo



GILLETTE AZUL
a melhor lamina
até hoje fabricada



BARBELINO
AFFIRMA:

Gillette

Gillette

C-10

Os maiores especialistas em :
Louças, porcelanas, artigos de vidro e metal,
brinquedos em geral, botões de madreperola,
Extrangeiros e Nacionais.

Arame liso, farpado e telha de zinco, etc.
e artigos japonezes em geral

Distribuidores no Brasil das afamadas marcas:
Pneus «BRIDGESTONE»
Bicicletas LEÃO - MAYAM - CROWN
Lâmpadas eléctricas «ORIENTAL»
Canetas «PILOT» - Papel «CELLGY»
Chapas de celulósido «DAI NIPPON»
Fios de lã p. etc. «CHUO» e «SHOWA»

HACHIYA, IRMÃOS & CIA.

Importadores atacadistas = Representantes — Exportadores

Rua Brigadeiro Tobias, 684-688

Telephones 4-8141 e 4-8142

Caixa Postal 2670 - End. Tel. «HACHIYA»

São Paulo

CASAS EM:

NAGOYA, JAPÃO — RIO DE JANEIRO

FABRICAS:

BOTÕES DE MADRIPEROLA, NO RIO
BRINQUEDOS, EM SÃO PAULO

End. Tel. «Superfine»

Caixa Postal «e» (Minusculo)

Algodoeira do Sul Ltda. (Southern Cotton Ltd.)

Escritório:

Lad. Dr. Falcão Filho, 56-12º and.

Edifício Cde. Matarrazzo

Phones: 2-4101 a 2-4103 e 2-7660

São Paulo

Armazens:

Av. Pres. Wilson, 133-141

Phone 3-0271

Desvio Jafet-Ypiranga

Brasil

União dos Constructores Metallicos Ltda.

SÃO PAULO

Escritorio: PRAÇA PATRIARCHA, 8 — 7.º andar

Salas 7-E e 7-F. — Phone, 2-1682 — C. Postal 3449

RIO DE JANEIRO

EDIFICIO REX - SALA 723

Construções metálicas-Caldeiraria

Vigamentos-Serralharia

indústria e artística

C. I. "Souza Noschese" S/A

Fabricantes de artigos sanitários e domésticos

São Paulo - Rua Julio Ribeiro, 243

Telegrammas: FUNDIÇÃO — Cx. Postal 920

**Tels. 9-0378 Vendas
9-0379 Contabilidade
9-2167 Compras**

Loja—Rua Libero Badaró, 580 -Tel. 2-2966

FILIAL EM SANTOS:

Rua João Pessoa, 138 - Tel. 2055

Representante no Rio de Janeiro:

A. SOUZA NOSCHESE

Rua General Camara, 134 — Tel. 23-1079



X JOHANN FABER

BONS LAPIS —


NACIONALIZAÇÃO DO SERVIÇO

para conseguí-la, JOHANN FABER
fabrica um lapis para cada uso

LOTUS — para cópias

ZEDER — para "ticar" e sublinhar

1205 — para uso comum

Os bons lapis levam a marca  (Dois
Martelos) e JOHANN FABER

Lapis JOHANN FABER Ltda.

Caixa Postal, 3100 — São Paulo

ELEKEIROZ S. A.

ESCRITORIO CENTRAL

Rua São Bento, 503 — São Paulo

INSECTICIDAS E FUNGICIDAS

Aphicida "JUPITER".
Arseniato de alumínio "JUPITER" (em
pó e em pasta)
Arsenico Branco.
Arseniato de Calcio "JUPITER" (em pó).
Arseniato de Chumbo "JUPITER" (em
pó e em pasta).
Bisulfureo de Carbono "JUPITER".
Extracto e Fumo "JUPITER".
Enxofre Duplo Ventilado "JUPITER".
Enxofre Ventilado Cuprico "JUPITER".
FORMICIDA "JUPITER".
INGREDIENTE "JUPITER".
Verde Paris.
Pó Bortalês Alpha "JUPITER".

PRODUCTOS PARA INDUSTRIA

Acido Chloridrico.
Acido Nitrico.
Acido Sulfurico.
Acido Sulfurico desnitrado (Para accu-
muladores).
Alumen de Potassio (em pó e em pedra)
Ammoniac.

FABRICAS

em São Paulo: R. Boraceia, 2 e em
VARZEA-

Benzina Retificada.
Ether Sulfurico.
Perchlorato de Ferro.
Peroxido de Manganex (Granulado e
em pó).
Sulato de Alumínio, de Cobre, de Fer-
ro, de Magnesia, de Sodio e de Zinco.

PRODUCTOS PARA CRIAÇÃO

Carrapaticida "JUPITER".
Extracto de Fumo "JUPITER".
Querózina.
Solução "JUPITER" (para envenenar
couros).

PRODUCTOS PARA AGRICULTURA

Aubos completos "JUPITER".
Aubos completos "POLYSU".
Fertilizantes.
Aubos concentrados soluveis "JUPI-
TER".

DESTRUIDOR DE VEGETAÇÃO

Hervicida Plutão (para conservação das
linhas ferroviarias, estradas de roda-
gem, e calçamentos das cidades, cam-
pos de esportes, etc).

Representante no Rio de Janeiro

EMILIO POLTO

COPIA

DEPARTAMENTO NACIONAL DE SAUDE PUBLICA

CERTIDÃO

Em virtude do despacho exarado no requerimento de **Companhia Fazendas Reunidas Normandia S. A.** protocollado nesta Directoria sob o n.º 618 em 5 de Setembro de 1931, pedindo por certidão "si o leite produzido na fazenda em Queimados, Municipio de Nova Iguassú, Estado do Rio de Janeiro, e quaes as razões de sua superioridade", — **certifico** que o leite produzido na fazenda de Queimados, Municipio de Nova Iguassú, Estado do Rio de Janeiro, de propriedade da **Companhia Fazendas Reunidas Normandia S. A.**, tem sobre os demais oriundos dos estabulos do Rio de Janeiro, a superioridade de ser pasteurizado a 63º centigrados por vinte minutos, sob controle directo da Saude Publica, o que lhe assegura todas as suas qualidades de leite crú, perfeita hygienisação e adaptação especial a alimentação infantil e dietetica, , por ser verdade, eu Nestor Alves Martins, escriptuario do Departamento Nacional de Saude Publica, com exercicio no Serviço de Fiscalisação de Leite e Laticínios, passei a presente certidão, que vae por mim assignada e visada pelo Dr. Chefe deste Serviço.

Rio de Janeiro, 9 de Setembro de 1931.

(assignado) — **Nestor Alves Martins**

**SERVIÇO DE FISCALIZAÇÃO DE LEITE
E LACTICINIOS**

VISTO

Em 9 de Setembro de 1931

Chefe do Serviço

(assignado) — **ALBERTO DE PAULA RODRIGUES**

A DEFESA NACIONAL

Revista de assuntos militares

Ano XXVII — Tomo 1

1940

Por coincidência as duas figuras principais da direção do Exército foram diretores da "A DEFESA NACIONAL" — Generais EURICO GASPAR DUTRA e PEDRO AURÉLIO DE GÓIS MONTEIRO — os quais trabalharam por ela, contribuindo com seu saber e inteligência para orientar os mais jovens que viam na nossa revista um guia seguro e um auxiliar prestimoso.

Contando com o integral apôio de todo o Exército, "A DEFESA NACIONAL", por intermédio dos seus diretores, tudo fará para ser útil, afim de preencher in-totum, a sua finalidade — idealizada por um grupo de oficiais que, no início da carreira, sonharam com uma força de terra respeitável pela sua técnica perfeita e pela sua aparelhagem eficiente, e que, hoje, nos altos postos da hierarquia, tudo fazem para verem materializado seus róseos sonhos da mocidade.

A Defesa Nacional



EDITORIAL

A DEFESA NACIONAL, criada em 1934, com este nome e sob a direção do General Eurico Gaspar Dutra, teve o seu primeiro número publicado em 10 de Setembro de 1937. Desde então, a revista vem publicando artigos de interesse militar, bem como notícias e estudos sobre a situação da defesa nacional.

A revista tem como finalidade principal a de fornecer aos militares e aos cidadãos em geral, informações sobre os assuntos militares, bem como a de despertar o interesse da população em geral, para os problemas da defesa nacional.

A revista é publicada mensalmente, com o volume de 12 números por ano. O preço de cada número é de 100 réis, e o de cada volume, de 1.200 réis.

A revista é distribuída gratuitamente para os militares e para os alunos das escolas militares. Para os demais interessados, pode ser adquirida nas livrarias e nas lojas de artigos militares.

A revista é uma publicação do Exército Brasileiro, e é dirigida pelo General Eurico Gaspar Dutra.

AOS NOSSOS LEITORES



“A DEFESA NACIONAL” aparece agora, com sua nova vestimenta.

Em reunião de sua Diretoria levada a efeito em janeiro, ficou resolvido dar à revista um novo formato, de modo que ela tivesse uma apresentação mais alegre e mais moderna.

Ao mesmo tempo que cuidavamos da indumentária que encanta à vista, assentamos providências para melhorar a colaboração que será remunerada, como soe acontecer em toda a imprensa do Brasil.

Todos nós do Exército temos obrigação de zelar pelo futuro da nossa publicação que já conta um número indivizível de serviços prestados à classe a que pertencemos.

REGIMENTO SAMPAIO



O Exército acaba de cumprir um dever sagrado para com a sua Infantaria, dando-lhe como patrono, o bravo que regou com seu sangue o chão paraguaio, à frente da denodada "Divisão Couraçada", na luta cruenta e imperecível, travada em Tuiuti.

Foi nessa memorável batalha que o Brigadeiro Antonio Sampaio, no dia em que comemorava o seu aniversário, recebeu, como presente divino, tres ferimentos que foram a causa de sua morte.

Mercê da resistência de Sampaio e de Mallet, os quais, naquele difícil momento, simbolizaram a ligação e a compreensão que deve existir entre a infantaria e a artilharia, pôde o Brasil conquistar a mais bela página da sua vida guerreira, página resplendente de louros e glórias, que representam bravura, denodo, sangue frio, desprezo absoluto, pela vida, quando perigou a honra da Pátria.

Coube ao 1.º Regimento de Infantaria a ventura de receber o nome do herói para sua designação. Na fachada e na bandeira do brioso regimento, estará o letreiro que lembrará, a todos que o vejam, a figura varonil do bravo que morreu solitário a bordo de um transporte de guerra, após haver salvo, com seu sangue e sua energia, uma multidão de brasileiros que foram surpreendidos por um vigoroso ataque levado a efeito pela gente de Solano Lopez.

Muitas vezes um nonada decide grandes e dificultosas empresas. Uma mudança de denominação parece aos leigos nada significar, todavia, nós soldados, sabemos do alto alcance que isto representa. Que oficial ou praça pensará recuar ou entregar-se ao inimigo, ao imaginar que pertence ao Regimento de Sampaio?

Estou certo de que nenhum. Basta pensar que ele não ce-deu — lutou até vencer para morrer depois, rogando à morte que aguardasse um momento, à espera que pudesse cumprir a missão sublime que Deus lhe traçara. E, estando com o nome de Sampaio na boca, nos momentos angustiosos por que tiverem de passar, todos do seu regimento, saberão lutar como titãs, mostrando que são dignos do patrono que tiveram e que do culto da tradição, pode-se construir os mais sólidos e belos monumentos da vida de um povo.

Oficiais e praças do Regimento Sampaio. O legado que recebestes, ao mesmo tempo que vos honra, pede de vós todas as forças, todas as energias e todos os sacrifícios, para que, nem de leve seja o seu nome empanado pelo véu de uma ação menos digna. O 1.º R. I. terá sempre em mente que representa a honra da infantaria brasileira, que é depositário dos louros triunfais do valente cearense, que é mistér acabar-se com todos os seus homens como os granadeiros do general Marguerite a sobreviver com o nome de Sampaio maculado.

Os que conhecem o espírito forte dos nossos soldados, têm a certeza imperturbável de que, na hora da desdita, todos eles darão a vida para elevar a memória daquele que vive na sua bandeira e pulsa nos seus corações — SAMPAIO.

IMPRESSIONES DO BRASIL

O Sr. ANDRÉ SIEGFRIED, que esteve recentemente entre nós, estampou, ultimamente, no jornal "Le Petit Havre", na cidade do Havre, na França, uma série de artigos dos mais interessantes sobre o Brasil, suas realidades histórica, física, social e moral. São esses artigos, que nos foram remetidos, em tradução, pelo Serviço de Imprensa do Ministério das Relações Exteriores, que hoje publicamos para que os nossos leitores possam aquilatar do alto sentido de exegese a interpretação que os inspirou, de forma desvanecedora para com o nosso povo.

I — Relações entre o Homem e a Natureza

A impressão dominante que me deixa a estada de um mês, que acabo de fazer no Brasil, é que as relações entre o homem e a Natureza (com letra maiuscula) são nesse país muito diferentes das de nossas regiões de climas temperados, em nossa velha Europa explorada e civilizada já ha seculos. Esse ponto de vista, que qualquer pessoa é tentada a negligenciar quando estuda a America do Sul nos livros ou mesmo nos mapas impõe-se ao espirito quando se visita esse Continente, mesmo sem penetrar profundamente em sua imensidão. Sob esse angulo, que a ninguem tinha ainda preocupado, os problemas tomam novo aspecto, acima de tudo na ordem economica: uma adaptação, uma "mise-au-point" se tornam necessarias para sua compreensão, e ha nisso uma fonte frequente de malentendidos.

Quando o filosofo grego Protagoras dizia que "o homem é a medida das coisas", expressava uma verdade européa. Mas essa verdade faz-se erro manifesto no novo mundo, principalmente na America do Sul, onde o homem perde qualquer senso de proporção com uma natureza demasiado grande para ele. De Pernambuco a Rio ou a Santos, beirei um milhar de quilometros de litoral, mas esse milhar não é senão uma parte, uma fraca parte da costa Atlantica brasileira. Do Rio de Janeiro a Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, embrenhei-me de 500 a 600 quilometros no interior, mas, depois, olhando o mapa, verifiquei que mal havia penetrado na enorme massa do continente, cujas

dimensões desanimam com efeito a comparação. De Norte a Sul, ou de Leste a Oeste, o Brasil tem 4 mil quilômetros; sua superfície atinge quasi nove milhões de quilômetros quadrados; a França caberia tres vezes em Estados como o Pará e o Amazonas, que não passam, em suma, senão de dois dos vinte e um Estados do Brasil.

Essa natureza, que não foi concebida pela nossa escala, esmaga o homem pelo seu poder e é, para falar propriamente, inhumana. Temos que admira-la, ainda que o sentimento instintivo seja de temor, mas de um temor com o qual não tenha ela afinidades. A baía do Rio de Janeiro, esta maravilha de verdade, espanta mais do que não consegue seduzir: essas montanhas de granito sombrio, de fórmias insolitas e gigantescas, a pique sobre o mar e abrindo brechas no céu com agulhas atrevidas, não nos cansamos de admirar tudo isso, mas — todos me disseram — ninguém chega a amar tudo isso, como acontece tantas vezes na Europa das molduras naturais harmoniosas e familiares. A sensação que domina é a de indiferença, de inhumanidade da natureza.

O clima dos trópicos acaba por despaizar o europeu, que não reencontra o ritmo de suas estações, porque ali não ha estações: quando muito verão e inverno, o que significa a estação seca e a estação chuvosa, sucedendo-se quasi sem transição. Quando o sol brilha todos os dias, com um azul garantido, muito menos por isso o olham, e perdem todos o sentido do tempo debaixo de um céu que não se renova. “Não temos necessidade de olhar o céu, escreve um brasileiro, não nos preocupamos com êle, enquanto na Europa, que espera e que alegria ao aproximar da primavera!”

Mais forte ainda é essa sensação do poderio perigoso da natureza quando se topa com a floresta. Na Europa, na França, não sabemos o que seja isso. Entre nós, a floresta tornou-se um ser fraco, que é preciso proteger, porque ela por certo desapareceria se não fosse objeto de uma atenção de todos os instantes, confiada a um corpo de funcionarios especializados. A valorização do solo, isto é, civilização, fez-se ás custas dela. Na America, notadamente na America do Sul, por ser mais tropical, a floresta só é conquistada imperfeitamente. Ao menor descuido ver-se-ia a vegetação retomar o terreno que lhe havia sido ganho. Esse calor humido e constante é gerador de uma vida borborigante e invasora, que não acolhe bem o homem. Assim, as imensas reservas de riquezas naturais do continente Sul-americano deixam uma dupla e contraditoria impressão: primeiro, a confiança justificada

de que essas riquezas são ilimitadas, inexgotáveis ; e depois, ao mesmo tempo, a consciência de que sua exploração, a despeito de certas aparências, é difícil, e de que sua conquista permanece, em suma, precária.

Essas observações eram úteis de fazer, porque esclarecem as condições da vida econômica, sublinhando a necessidade de raciocinar de outro modo que não em nossos velhos países. O campo francês colabora com a natureza, com as estações e, dessa colaboração nasceu um liame complexo, que contém interesse, sentimento, quasi atração física. Os produtos da natureza não são dados, mas o resultado, depois de tudo, é proporcionado ao trabalho de modo que, por ele, o cultivador vem a amar seu esforço. No Brasil, o solo, quasi virgem, não exige do agricultor trabalho semelhante. E, essas culturas, acima de tudo no Norte, estão aparentadas com a simples recoleção. Quando a terra começa a ficar fatigada, basta mudar de sitio e ir um pouco mais adiante. Nas explorações de talhe quasi fabuloso que são certas fazendas, encontram-se frequentemente, ao lado das plantações atuais, antigas plantações abandonadas e caducas. A colonização se faz largamente por êsse deslocamento, deixando atrás de si, não terras conquistadas sobre as quais se possa apôiar um adiantamento novo, mas espaços usados que voltam ao alqueive. O perigo é o excesso de facilidade; mas, do lado oposto, ha o choque do perigo contrário, perigo de uma massa de natureza impenetrável, impossível de vencer. A imensidade, que fornecia base magnífica á confiança, transforma-se então em fonte de desânimo. E, de um como de outro lado, falta ao homem, em relação ás coisas naturais, este sentido da proporção, gerador de disciplina, que mais que qualquer outro traço, caracteriza sem duvida o esforço economico da Europa.

Assim o Sul-americano é, ora um vencedor, ora um vencido, mas, mais raramente, um colaborador regular da natureza. A vida econômica aparece então como uma sucessão de tentativas, das quais algumas triunfam brilhantemente, outras caem redondamente, seja porque o solo se tenha esgotado temporariamente, seja porque os mercados de exportação enfraqueçam e falte o escoadouro remunerador. Daí, sem duvida, esses traços da vida dos negocios: crises catastroficas sucedendo a "booms" ruidosos; daí tambem a necessidade de mudar de vez em quando, o produto que serve de base fundamental para a prosperidade. O açúcar, o ouro, a borracha, o café, foram sucessivamente os "leaders" da prospe-

ridade brasileira; amanhã poderá ser o algodão, ou então de novo a borracha. Compete-nos a nós compreender que êsse desenvolvimento em circulos sucessivos, com fases alternadas de esplendida exaltação e de depressão, corresponde a condições naturais que constituem justamente a personalidade profunda de um continente.

II — O povo brasileiro

Não ha raça brasileira, como de resto não ha raça francesa, mas existe um povo brasileiro possuidor de um sentimento nacional muito vivo. A formação desse povo, originario de elementos etnicos heterogeneos, a manutenção de uma unidade política que até aqui arrastou os anos, a despeito de forças centrifugas poderosas, suscita alguns problemas interessantes. Uma comparação, que se impõe, com os Estados Unidos, torna-os mais interessantes ainda.

O Brasil contava, em 1935, 41.560.000 habitantes; tinha 4 milhões em 1800, 14.434.000 em 1890, 30.635.000 em 1920. O progresso é assim rapido e, no entanto, que são 41 milhões de habitantes para uma superficie maior que a dos Estados Unidos? No litoral e na franja imediata, a densidade varia de 11 a 46 habitantes por quilometro, mas no interior o numero desce a 4 e no centro do país quasi só ha um habitante para 4 quilometros quadrados. A população está de fato agrupada, nos Estados ribeirinhos do Atlantico, entre Pernambuco e o Uruguai; o Distrito Federal, os Estados do Rio de Janeiro, Minas Geraes, São Paulo, com 10 % sómente de territorio, possuem 43 % da população.

Mesmo nesses Estados, o menor passeio de automovel, até 40 ou 50 quilometros das grandes cidades, é feito através de paisagens imensas, magnificas e vasias. Compara-se, por vezes, e não sem razão, o Brasil à India; mas a Asia é borbulhante, saturada de humanidade secular, enquanto o continente americano — será essa uma de suas características demograficas profundas? — permanece semeado de claros estigmatizado por uma relativa esterilidade humana.

O elemento basico do povo brasileiro é o português, que se distingue do espanhol por menos espinha dorsal e por uma boa graça mais langue; o seu "charme", que se adapta tão bem ao clima dos tropicos. No Norte do Brasil, os portugueses encontraram indios; em Pernambuco, ninguem poderia enganar-se nesse

ponto, o fundo da população é nuançada de indio; isto se manifesta na estrutura dos crâneos, na tez acobreada, principalmente, nessa attitue indefinivel que de longe, de muito longe, lembra a do chinês, por sua fluidez silenciosa, sua reserva defensiva. Mais ao Sul, a presença dos negros outrora trazidos da Africa como escravos é muito sensivel. Na Baía, no Rio, eles são numerosos dando á vida social essa tonalidade que por toda parte levam consigo: a alegria, o "laisser-aller", a preguiça a musica e a dança. Não são eles, como os indios economicamente inuteis; vencem em certos officios, mas não constituem nunca afinal de contas, um fator de atividade; se dois dias de trabalho por semana lhes bastam para viver, não trabalharão mais que isso; quando, nas ruas do Rio, vemos homens sentados sobre muros de pedra, saboreando a volupia de não fazer nada, esses homens são sempre negros. Mas, que volupia ha nesse "far-niente" que os occidentais jamais conhecerão!

Ha negros puros e indios puros, mas a regra é a mistura. O português nunca sentiu repugnancia pela mistura, e não encontraremos no Brasil essa barreira ethnica que separa as raças nos Estados Unidos como por um cordão sanitario. Politica e socialmente os homens de côr têm todos os direitos; nada impede um negro de se elevar até o cimo da hierarquia se ele possui os dons e a ambição necessarios. A apatia negra faz com que essas ascensões se tornem bastante raras; o homem de côr se contenta naturalmente com situações inferiores ou modestas; ele é soldado no Exército, servente nos Ministerios, criado nas casas, e quanto mais negro, mais por baixo da escala. No entanto, a fusão já está muito impulsionada, e ela continúa, a ponto de que nos perguntemos se no fim o elemento de côr não será finalmente absorvido no conjunto, imprimindo-lhe sómente uma tinta um pouco mais carregada.

Se fôr assim, o Brasil terá resolvido pacifica e efetivamente o terrivel problema que constitue uma cortina sombria no futuro dos Estados Unidos. Daí a 100 anos, o negro propriamente dito será verdadeira minoria no Brasil; mas nos Estados Unidos o bloco negro severamente isolado, só se pode desenvolver, cada vez mais marcado em seu tipo.

No ponto em que os anglo-saxonicos chegaram a um impasse, a facilidade portuguesa encontra, sem a ter procurado, uma solução. O preço pago — os brasileiros conscientes de modo nenhum o ignoram — é o "handicap" dessa presença da côr, fonte

de indolencia e, no dominio religioso, de superstições deleterias. O elemento português, todavia, mesmo levando em conta esses reflexos vermelhos ou negros, continua como a tela do quadro e ha já muito tempo que um povo brasileiro, constituido por essas diversas contribuições existe.

Mas ao povo brasileiro parece ocorrer o que ocorreu aos Estados Unidos no fim do seculo XIX; um affluxo novo de imigração européa veio modificar essa combinação inicial. Os Estados Unidos possuíam, parece-me, uma personalidade ethnica mais marcada em 1895 que em 1920; o mesmo acontece talvez ao Brasil, de 1886 a 1935 entraram no Brasil 4.010.913 imigrantes. Nesse total figuram os italianos com 1.373.722, os portuguezes com 1.149.502, os espanhoes com 558.087, os alemães e austriacos com 230.183. E' preciso acrescentar os japoneses, que eram 173.500 em 1934.

Quasi todos esses imigrantes se dirigiram para o sul do Brasil, que estão colonizando pela forma de uma colonia de povoamento. Por causa deles, o centro de gravidade do país tende a deslizar, do Norte em que estava outrora, para os Estados que estão ao Sul do Rio de Janeiro. Por isso mesmo o país tende a se tornar mais branco. Acrescentemos que a assimilação se faz sempre no sentido português; os recém-chegados aprendem o português e fazem-se brasileiros apaixonados e o mais nacionalista é muitas vezes o que chegou por ultimo. Por detrás desse orgulho brasileiro, ha, parece-me, um orgulho americano; um orgulho de pertencer dora avante a um continente do qual se diz que tem um futuro por si.

Uma impressão superficial leva a insistir sobre as forças centrifugas que ameaçam a unidade do país; demasiado grande, dizem. Mas, semelhante idéa é sem duvida um erro. A unidade existe realmente: na lingua, que leva em si mesma uma tradição de cultura; na civilização, que guarda patriotismo muito vivo que se orgulha do proprio tamanho do Brasil (superior ao dos Estados Unidos), de seu passado que faz dele uma nação velha, de seu futuro, que o aparenta economicamente com os povos novos. Ainda que haja um Brasil tropical e um Brasil temperado, um e outro se unem para formar essa realidade politica: a America portuguesa.

III. — O equilibrio economico: endividamento, produtividade e transferencia

O equilibrio economico brasileiro em relação ao estrangeiro suscita alguns problemas de um interesse não sómente primordial mas geral: os problemas tão graves, tão atuais, do endividamento, da produtividade, da transferencia, apresentam-se aqui com uma simplicidade e uma clareza excepcionais.

Temos um imenso país, cujos recursos mal foram, não digo explorados, nem mesmo arrolados; a expressão que vem espontaneamente ao espirito quando se fala neles é que são inexgotaveis. Não ha, entretanto senão 42 milhões de habitantes, e a franja colonizada não se estende profundamente para o interior, de fórma que o caminho aberto á iniciativa é enorme. Assim, estamos logo no coração do problema. Essa valorização, ou simplesmente o equipamento dessa nova sociedade por estradas, casas, trabalhos de urbanismo exige capitais importantes que o Brasil não fornece, ou ao menos fornece insufficientemente, por não ser um país criador de capitais: ainda é muito novo para isso, e tal coisa não está em seu temperamento, porque seus filhos gastam sem acumular; ou então, se acumulam, no favor da prosperidade, fazem-no em quantidades insufficientes para as necessidades de capitais que são massivos desde que a obra economica a empreender seja de alguma importancia. E' preciso assim recorrer ao emprestimo externo.

Desse fato nasce uma divida externa que coloca o Brasil na posição do país novo comanditado por paises economicamente mais evoluídos. Se tomarmos a balança das contas antes da suspensão parcial dos pagamentos de 1934, veremos que a coluna de debito compreende, além das importações, os gravames seguintes (em libras esterlinas ouro): 22 milhões de juros da divida do Governo, das municipalidades e dos Estados, 12 milhões de juros ou dividendos a pagar ao capital estrangeiro, 3 milhões para os gastos do Governo ou dos brasileiros no exterior, 2 milhões e meio para as remessas de imigrantes ás suas familias na Europa, ou seja o total de 39 milhões e meio. Para fazer face a essas obrigações (quando elas são solvidas), o país dispõe exclusivamente do excesso das exportações de mercadorias sobre as importações porque não ha nenhuma exportação invisivel: nem rendimentos de capitais colocados no estrangeiro, nem serviços remuneradores. E' preciso assim que a balança comercial seja, não sómente equili-

brada, mas favoravel e mesmo muito favoravel; senão não existirá nenhum meio de pagar o saldo devedor, cuja transferencia se torna impossivel. Ha, é verdade, um meio, que é um novo emprestimo para pagamento dos juros das dividas antigas, mas esse meio, que não resolve nada, acaba necessariamente, por levar o devedor a uma situação impossivel, no dia em que os seus prestamistas se recusarem a tais operações. Conclusão: enquanto a exportação caminhar, tudo caminhará.

E' aqui que surge o problema da transferencia, em suas relações com o endividamento e a produtividade. Os prazos de que pode dispôr o devedor nada são sem a possibilidade de formar uma riqueza nova, suscetivel de servir de contra-prestação, isto é, de ser exportada a preços remuneradores. Um endividamento improdutivo é irrecuperavel. E' preciso assim, em primeiro lugar, que o dinheiro emprestado seja bem empregado. Não será mal empregado se servir, por exemplo, para melhorar a higiene geral, para modernizar as cidades; a riqueza do Brasil será aumentada por isso; no entanto, as condições necessarias á transferencia não serão realizadas com esse fim. Para que a transferencia se torne possivel, é preciso que seja estimulada a produção de uma riqueza suscetivel de ser exportada; a construção de uma estrada de ferro permitindo a exportação de um minerio até então fóra de alcance, estará, por exemplo, nessas condições, como a colonização de uma região produtora de café, de açúcar ou de algodão. Mas, atenção, isto não é ainda bastante: é preciso que esse café, esse açúcar, esse algodão possam ser exportados. Se o não puderem ser, a transferencia será impossivel, de modo que se cairá sempre na exportação, que é a medida verdadeira da riqueza amoedavel do país.

Ora, o excesso de exportação foi sempre insufficiente para pagar os 39 milhões de libras acima mencionados; salvo alguns anos excepcionais, êle nunca foi geralmente, depois da guerra, senão de uma duzia de milhões. O resto só foi conhecido pelo constante affluxo de capitais estrangeiros, seja sob forma de subscrição de emprestimos, seja sob forma de investimentos. Numa palavra, o equilibrio nunca existiu.

Não quer isto dizer que o Brasil não se tenha enriquecido: o Brasil se povoou, equipou-se, embelezou suas cidades, construiu estradas. O que se não desenvolveu sufficientemente foi a produtividade de mercadorias suscetiveis de exportação. Talvez, no fundo, não seja o Brasil um país rico. Que me compreendam

bem: o Brasil é rico de produtos, mas é sempre rico de produtos exportáveis. Se a venda do café é má, de que lhe serve a superprodução? As plantações brasileiras são tropicais, notadamente, nos grandes imperios coloniais europeus: o café, o açúcar, a borracha, o algodão mesmo (esperança de amanhã para substituir o café) cultivam-se alhures. A consequencia é que o Brasil pode viver e viver feliz por si mesmo, mas só pedirá dinheiro emprestado se puder exportar. Ora, a exportação, expressa em libras esterlinas, não mostra crescimento evidente: 35 milhões em 1891, 35 milhões em 1934.

Desenha-se assim uma curiosa divisão do Brasil em duas distintas secções economicas. Ha um mercado interior dos preços que não é sensível ás marés internacionais e que evolue, por assim dizer, de fóra, ao abrigo do fluxo e do refluxo dessas marés; desse ponto de vista, a autonomia economica brasileira é espantosa. Depois, ha um mercado que se relaciona com um certo numero de produtos suscetíveis de comercio internacional e com uma certa fração da população (principalmente nas grandes cidades e no litoral). Este mercado sofre directa e violentamente o efeito das crises internacionais, que repercutem no cambio e nos preços; mas no interior, longe das agitações, o milréis permanece o milréis sem nada mais. Poder-se-ia fazer a comparação com um tanque fechado, cujo nivel seria estavel, e só se comunicando com o mar por canais estreitos, fechado por eclusas, de sorte que não haja nem interpenetração nem solidariedade efetiva. Quando sobe a maré dos preços, o Brasil externo aproveita plenamente: seu luxo não mais conhece limites. Quando se retira a maré, o Brasil interno continua a viver a mais calma de suas existencias, protegido das tempestades por sua propria simplicidade.

O credor estrangeiro que corre atrás de sua divida só vê um dos aspectos do problema: da mesma forma o brasileiro; este só vê o desenvolvimento de seu país.

IV — A industrialização do Brasil

A balança das contas do Brasil, foi sempre deficitaria: dessa situação só saiu pelo emprestimo para pagar uma parte dos juros ou atraindo capitais estrangeiros para a valorização. Quando, com a crise, os prestamistas recuaram, o serviço da divida externa deixou de ser cumprido: em virtude do esquema Aranha (1934), os credores estrangeiros só recebem nove milhões de libras ao en-

vés de 22. Pode-se concluir que esse sistema de valorização, com o concurso do capital estrangeiro, não encontrou seu equilíbrio. O orçamento continuou constantemente em deficit e o dinheiro emprestado de fóra não foi integralmentecompensado.

Expressa em ouro, a exportação, unica moeda de troca internacional do país, não aumentou de modo serio; expressa em mil-réis, ela, ao contrario, cresceu, porque a moeda nacional não cessou de baixar deante de uma inflação cronica; observação curiosa a fazer, ha paralelismo entre a circulação monetaria e a exportação calculada em papel. A exportação parece ter necessidade desse estimulante, e não se acomodaria num cambio elevado. Em verdade, nesse país, novo e exportador, a moeda não é considerada essencialmente como um instrumento de pagamento (como o era outrora na Europa), mas antes como uma especie de alavanca que permite sustentar a exportação, freiar a importação, preencher os "deficits" orçamentarios com emissões de papel-moeda. Assim considerado o cambio aparece como um regulador, debaixo dessa reserva que ele acaba sempre por levar para a baixa, porque a exportação tem necessidade della.

O sistema que vimos de evocar é o do seculo XIX, até a guerra. A Inglaterra, principal comanditaria, emprestava ou colocava capitais que eram largamente empregados em compras de produtos manufaturados britanicos. Ela era assim hostil á industrialização do Brasil. No seculo passado, a Europa, usina especializada do planeta, não desejava de modo nenhum ver os demais continentes fazendo concorrência nesse papel de exportador industrial: ela achava proveitoso e natural vender ao Brasil locomotivas ou tecidos de algodão e receber dele açúcar ou café.

Esse regime de trocas, que excluía a industrialização do país novo, vae em curso de modificação. E isso está na natureza das coisas, porque no fim de certo tempo todo país novo experimenta uma nostalgia industrial. Se ele não pode exportar artigos manufaturados, quer ao menos fabricar ele proprio uma parte daquelles que consome. Com materias primas locais de mão de obra isso geralmente é possível, tanto mais quanto o Governo não recusa nunca a proteção aduaneira que permita um desenvolvimento em vaso fechado.

Esse movimento é antigo no Brasil: desde a segunda metade do seculo XIX, Mauá, o grande homem de negocio foi seu iniciador. As industrias já eram bastante numerosas ás vesperras da guerra, mas foi acima de tudo depois de 1914 que a expansão

manufatureira se fez rapida. As circunstancias concorriam para isso, porque a Europa nada mais podia exportar, enquanto o Brasil se enriquecia como fornecedor dos beligerantes. Uma industria constituiu-se dessa maneira, mas parece evidente que ela sobreviverá ás circunstancias que a fizeram nascer. Analisemos as condições favoraveis e desfavoraveis dessa produção.

Em primeiro lugar, o país possui numerosas materias primas (minerios, madeiras, peles, algodão, etc.). Se falta o carvão (ao menos de boa qualidade) ha hulha branca em abundancia. A mão de obra, sem ser nem muito numerosa, nem muito boa (o negro é preguiçoso, o indio imprestavel), apresenta a vantagem de ser extraordinariamente barata (cinco a seis mil réis por dia; ou sejam dez a 12 francos). Depois da revolução de 1930, tem o Brasil uma legislação social bastante estrita, e de outro lado o rendimento é mediocre, mas a vantagem de um nivel de salario tão baixo é evidente.

O passivo, ao contrario, não é negligenciavel. E' preciso importar maquinas, pelo menos as mais complicadas: as fabricações dificeis não podem lutar seriamente contra a concurrencia americana ou européa; emfim, como a exportação, a despeito de algumas cidades grandes, o nivel da vida é efetivamente modesto a ponto de espantar, acima de tudo no Norte. Debaixo desse belo clima vive-se de nada: como roupas, umas calças de pano, uma camisa, um par de tamancos e é tudo. Como alimento, peixes secos, mandioca, bananas... O algarismo de 42 milhões de habitantes não nos deve impressionar: não são 42 milhões de clientes.

Diversas circunstancias favoreceram recentemente o desenvolvimento industrial. O soerguimento mundial, coincidindo com a insegurança européa, levou numerosos capitais a se refugiar no Brasil, em colocações industriais. Os lucros, ao invés de serem repatriados, como se fazia anteriormente são recolocados no mesmo lugar. Encontrou-se assim não pouco capital disponivel, sem que se fosse obrigado a solicita-lo ao emprestimo externo. A Europa deve resignar-se por isso a perder o escoadouro de certos artigos, dora avante fabricados largamente no país. O desenvolvimento recente de industrias como as de calçado, chapéos, cimento, oleos, produtos farmaceuticos, tecidos de algodão e de seda, é certamente sintomatica, tanto mais quanto se trata parcialmente, de uma emigração de capitais européa. Nossa exportação é chamada, assim, a mudar de carater; ela se tornará antes uma exportação de ma-

quinas, de peças, de artigos finos ou difíceis de confeccionar dos quais terá sempre necessidade o povo jovem que ganha dinheiro.

Assim, á fase do empréstimo de capitais tenderia a succeder-se a fase de colocação dos capitais. Há uma nuança, porque, no empréstimo, ha sempre a esperança de repatriar o dinheiro. Na colocação, o capital imobilizado incorpora-se ao país novo, e muitas vezes o capitalista acaba por segui-lo, porque ele não pode "fazer seus os frutos do capital", como se diz em linguagem jurídica, senão indo colhe-los e utiliza-los "in-loco", deixando assim de se apresentar o problema da transferencia. Será então uma lei natural que o capital, passando os mares, não volte mais?

V — Paisagens brasileiras

Abandonando o terreno economico, quero experimentar algumas impressões visuais do Brasil. Isso é difficil, porque, debaixo desse céu novo, a luz e as côres têm um valor diferente; um pintor, no Rio disse-me que só podia trabalhar com resultado depois das quatro horas da tarde.

O homem desconcerta-se diante da natureza demasiado rica.

Percorri agora quasi todo o continente americano. Em meu espirito ele se reparte em zonas de côres muito nitidas: o litoral do Pacifico, com os Andes, é de tonalidade clara, mas o Brasil, as Antilhas e mesmo os Estados Unidos se classificam numa faixa Atlantica de côr rica e carregada. E' a razão das rochas, que são primarias, negras, cinzentas ou roxas; e tambem a influencia da vegetação que é humida e tropical, isto é, suntuosa, luzidia e por assim dizer brunida. Sob a abobada sombria de arvores tropicais é uma alegria para os olhos a visão de uma negra de roupas vistosas que leva na cabeça um cesto de bananas claras. Paul Morand viu o Brasil verde; eu não vi com outra côr a Martinica ou mesmo a Nova Orleans .

O Rio de Janeiro permanece incontestavelmente a maravilha do mundo. Os aspectos tão variados e a cada momento lembramos de algum outro magnifico sitio analogo; no entanto, sempre para dizer que no Rio é mais belo, muito mais belo. O pano de fundo não tem, creio eu, equivalente na Europa. As montanhas que emolduram a baía estão a prumo ainda mais directamente que os Alpes acima de Monte Carlo; ali, a floresta virgem subsiste até ás primeiras casas da cidade; o atrevimento do perfil dos cumes é atordoante; dentes de pães de açúcar furam o céu, sem retirar do conjunto da cadeia essa calma divina,

essa harmonia quasi mística das montanhas que se desenrolam em curva em torno de uma baía, como por exemplo, no "Estrel", em Canes. Pensa-se nisso, no Rio, e na lixivia de uma atmosfera marítima e vibrante ha um pouco da mesma côr verde e violeta, do mesmo encanto a um tempo rebrilhante e velado. Ha entretanto, alguma coisa a mais, não sei que lembrança das ilhas do Pacifico ou do Extremo Oriente. Essa fantasia atormentada do horizonte é a de um Kakimono; imagine-se um painel de Leonardo Da Vinci, mas traçado por um Da Vinci chinês. Decididamente não se está na Europa.

Entretanto, essa avenida magnifica que margina a baía, com suas palmeiras reais imensas e magnificas, esse palacio da Gloria, conforme o tipo dos mais autenticos "Palaces" internacionais não é exatamente uma replica de Nice ou de Monte Carlo? Qualquer um pensaria assim se as pequenas ruas que desembocam nessa *super-promenade des Anglais* não, fossem, para falar, propriamente coloniais, com seus *Squares* plantados de arvores tropicais, suas lojas profundas, abertas sem janelas para a via publica, seu povo pitoresco onde se revela, aqui e ali, muito gesto não indio mas africano.

Reencontro Biarritz e a Europa na praia oceanica de Copacabana, onde, numa areia fina, despedaça-se em vagas imensas e lentas o turbilhão verde-azul do Atlantico. Aqui nada mais de Mediterraneo; o mar é o mal do golfo da Gasconha ou das praias portuguesas, perigoso para os banhistas; a montanha verdejante tem o aspecto frisado da *jungle*; na avenida que acompanha a praia, imensos *buildings* em forma de cubos não conseguem estragar a paizagem, mas nos lembram que estamos na America e que é preciso imitar Nova York ou Miami.

O Rio é um *décor* feerico, por detraz do qual está o Brasil. Só penetrei um pouco o Estado de Minas Geraes. A paizagem, pouco variada, é a de um *plateau* montanhoso, espantosamente acidentado de fórmãs geologicas desgastadas, côres fulvas e negras. Pensa-se no planalto central francês; mas aqui a atmosfera, apesar de tudo é a do tropico; pequenos campos de milho, bananais. Nos rios, gente com água pelo joelho procurando ouro. E' uma região mineira; seu futuro, ela o vê no minerio de ferro; seu passado é o dos metais preciosos. No Seculo XVIII, Ouro Preto, Capital da Provincia, contava 60.000 habitantes.

E' hoje uma cidade meio morta, que não contem sem duvida senão uns 15.000 habitantes, num sitio auvernhatá que lembra

Le Puy ou Saint-Flour. Dificilmente se encontraria aí um terreno de aterrisagem, tanto são numerosas as zonas escarpadas, cada qual delas encimada por uma igreja. São encantadoras essas igrejas azul celeste, de aspecto português, de um estilo Luiz XV exasperado, infinitamente suave de nuances quando as vemos de fóra, rutilantes de um ouro agressivo e iluminurado por dentro. Porque aqui tudo é ainda português: cascatas de arquitetura simples, pintadas de verde claro, de côr de rosa, de azul desbotado; os palacios que encerram pateos internos e jardins complicados. O velho Brasil, tão simples, tão desprovido de pretensões ao progresso americano, sobrevive, intacto, nessas caravanas de pequenos asnos, carregados de canastras, nessa vida de trocas rudimentares que mais lembra o oriente do que o novo mundo do século XX.

“Tudo fugiu, tu não és mais a região das grandezas”. Esse verso do poeta applica-se a Ouro Preto que, ha quarenta anos, perdeu seu titulo de capital. O Estado de Minas concebeu e creou uma capital nova, Belo Horizonte, 110 quilometros mais a No-roeste. Que diferença! Escolheu-se para o desenho um imenso vale entre montanhas afastadas, e dai a nova capital foi desenhada, organizada, construida dum só jacto. As ruas estavam traçadas, os conductos, as canalizações, preparados, fixados os edificios publicos, antes de existir a aglomeração. Essa cidade nasceu para a vida como um ser vivo que Pigmalião tivesse modelado e que em seguida tivesse chamado á existencia, assim como um ministro inaugura um palacio municipal.

Tudo, de resto, triumphou de um modo absoluto. As avenidas são largas, ensombradas por arvores magnificas. Elas irradiam de praças circulares; as casas são espaçadas e os 200.000 habitantes não chegam a dar a impressão da multidão. O quartelão administrativo e politico é particularmente bem acabado, as quatro Secretarias (Interior, Finanças, Educação, Viação e Estradas) agrupadas em torno da residencia do Governador. Aqui o velho Portugal está longe; pensamos antes nessas cidades novas do Oeste dos Estados Unidos, que se estendem á vontade na imensidade de um continente prodigo de espaço. As medidas do futuro não serão evidentemente mais as do passado, nem mesmo as de ontem. Contraste simbolico: do Rio a Belo Horizonte (580 quilometros) por estrada de ferro, precisei de 16 horas. De Belo Horizonte ao Rio, de avião, só gastei uma hora e quinze minutos.

VI — Problemas de cultura intelectual

O Brasil descende de duas civilizações: a européa e a americana. Português por origem historica, ele é parte integrante do novo mundo pela geografia. De que lado pende ou penderá o Brasil, eis justamente o problema de seu destino. A Europa, isso se adivinha, está diretamente interessada na resposta, e a França principalmente — veremos já porque.

A impressão portuguesa sobre o Brasil parece indelevel. Os portugueses são, na historia, um grande povo colonizador: eles abriram, durante o Renascimento, algumas dessas grandes estradas mundiais que permitem a irradiação da Europa pelo planeta inteiro; mais que os espanhois tiveram eles o senso da valorização das terras novas; atraídos, pelas raças exóticas, por uma inclinação singular, eles com elas se fundiram, sem lhes opor esse desdem que é a característica dos anglo-saxões.

A influencia portuguesa, de outro lado, manteve-se com persistencia porque a dinastia do velho país se transportou para o Rio no momento das guerras napoleonicas; a separação que se serviu não teve verdadeiramente o caráter de uma ruptura, visto como o Brasil conservava um soberano português: D. Pedro, o ultimo imperador, reinava ainda quando eu era menino. Vi seu Palacio, hoje transformado em Museu; as lembranças de sua pessoa, de sua influencia, de sua cõrte, estão por toda parte. Em comparação com a Argentina, país novo em toda a força do termo, o Brasil faz figura de país venerável, com algumas tradições quasi vetustas e com uma atmosfera de cultura que resce-de ainda a aristocracia. A Virgínia, o Sul dão aos Estados Unidos uma impressão analoga, em contraste com a juventude triunfante e um pouco vulgar do Oeste, mas, ao Brasil, a presença de uma velha civilização de fonte européa é bem forte, por outro modo.

Não pode deixar de impressionar o nivel elevado da cultura intelectual na elite brasileira. Conhecimento das literaturas européas, gosto pelas leituras refinées, distinção da palestra na sociedade, todos estes são traços evidentes. O povo é ignorante, sem duvida, e a quêda é pesada quando se passa dos quarteirões elegantes aos quarteirões populares, e da cidade ao campo. Entretanto, mesmo os ambientes medios, as preocupações intellectuais, á maneira francesa, são frequentes, muito mais que nos Estados Unidos. Sei por experiencia propria que se pode falar em francês

deante de auditorios de 200 ou 300 brasileiros e ser compreendido exactamente como se o seria em França; pode-se mesmo falar, pormenorizando, de nossa vida politica ou literaria, e todos os detalhes parecem interessar ao publico que conhece e ama a França um pouco como a uma patria.

E' aqui que é preciso colocar uma observação de essencial importancia. A fonte da cultura brasileira estando como está na Europa, é bem preciso que os brasileiros permaneçam espiritualmente ligados ao velho mundo. Normalmente, para Portugal deveriam eles voltar-se. Mas, a despeito de sua vitalidade, a antiga Metropole é pequena demais, demais isolada no extremo do antigo Continente. No seculo XIX, foi a França que desempenhou o papel de guia intelectual, tanto mais facilmente quanto tambem pertence á atmosfera latina e que nunca, entre os povos que descendem da latinidade não fez a França figura de povo estrangeiro. Aí está a razão da influencia que exercemos e que devemos continuar a exercer.

O adjetivo "latino" é vago. Não ha raça latina, mas existe, sem duvida, um modo latino de encarar as coisas; nesse ponto, a lingua faz muito, visto como o francês, o espanhol, e portuguez e o italiano vêm todos do latim; ha mesmo uma concepção comum do direito, dos gostos comuns, na maneira de viver, que são infinitamente poderosos. Não creio que a America espanhola ou portuguesa venha a se libertar dessa atração. A ligação Europa-Brasil está por certo destinada a durar.

Dito isto é preciso voltar á America e lembrar que o Brasil, como os Estados Unidos, faz parte do novo Continente. Ha uma especie de mistica americana, que se encontra, por toda a parte a mesma, desde o Canadá até a Argentina ;ela se exprime por uma confiança absoluta no destino do novo mundo, do qual não se duvida um só instante que não seja o mundo do porvir. As rivalidades entre a America do Norte e a America do Sul empalidecem diante dessa consciencia mais forte da unidade americana. As dissensões da Europa firmaram mais ainda, depois da guerra, essa vontade que têm os americanos de viver sua propria vida, renegando a solidariedade das desordens e das crises européas. Desse modo, a influencia dos Estados Unidos será necessariamente cada vez mais forte no dominio material. Quando se tratar da construção de casas, da abertura de rodovias, da organização de serviços de aviação será instintivamente para o lado dos Estados Unidos que o Brasil será tentado a voltar-se. Rio de Janeiro e São

Paulo têm arranha-céus que não os embelezam, mas que também, em tais logares, não espantam.

Mesmo nesse terreno da concorrência economica, creio que podemos lutar. Mas um terreno sobre o qual não devemos, em caso algum, abandonar a partida, é o da influencia intelectual. Nesse ponto, possuímos a tradição, a velocidade adquirida e, posso ajuntar, a simpatia. A obra magnifica, realizada de ha 30 anos para cá pelo Dr. Georges Dumas no dominio do alto ensino é prova disso: graças a ele, todos os anos, em São Paulo, no Rio de Janeiro, e amanhã, na Baía, professores franceses ensinam nas Universidades brasileiras, enquanto liceus franceses matem o conhecimento de nossa lingua e, coisa mais importante ainda, a presença de nossa cultura.

Não se trata de propaganda, palavra deploravel que seria necessario banir. Não é cantando louvores á França que poderemos senti-la, mas delegando para lá franceses conhecedores das questões de que falam que honrem seu país pela competencia. Temos muitos homens desse valor, para mandar. E' preciso saber escolhe-los; será preciso acima de tudo continuar a produzi-los. Creio assim que estamos condenados á superioridade e que a França, simplesmente para se manter, deve visar alto.

Nação Armada

Esta novel e já vitoriosa revista está no seu terceiro número, confirmando o alto conceito em que é tido o seu diretor — Major **Afonso de Carvalho**, como oficial empreendedor e culto.

O nosso Exercito estava precisando de uma revista como **Nação Armada**, pois "**A Defesa Nacional**" trata somente de assuntos técnicos profissionais, e a primeira, de matéria que interessa à cultura geral do oficial, ao mesmo tempo que serve de derivativo ao seu espirito.

Ha lugar para as duas, porquanto elas se completam. Temos o máximo prazer de recomendar aos nossos leitores — **Nação Armada**, onde encontrarão leitura sadia, variada, facil e de elevado alcance patriótico.

ABRINDO O DEBATE

A Revisão do Regulamento de Infantaria

Pelo Ten. Cel. T. A. ARARIPE

O Autor dêste artigo é um nome por demais conhecido no Exército, para ser por nós apresentado. Basta que se recorde o que êle fez na Escola de Sargentos de Infantaria.

Na E.S.I. teve início a formação racional dos nossos inferiores. Os sargentos que de lá saíram, depois de um curso aprimorado, foram espalhados por todo o Brasil, difundindo os conhecimentos que tinham adquirido e facilitando, notavelmente, a tarefa dos instrutores.

Pelo trabalho do então capitão Araripe, e dos seus prestimosos auxiliares, começou a aparecer uma documentação escrita que, sofrendo modificações impostas pelo evoluer da doutrina, está sendo utilizada até hoje.

Não só na E.S. I. deixou o Ten. Cel. Araripe traços indeléveis da sua passagem. Na Escola Militar e na Escola de Estado Maior, — na primeira, como Diretor do Ensino Militar, e, na segunda, como professor de Tática Geral e Diretor de Ensino, mostrou, provadamente, que são vastos e profundos os seus conhecimentos da arte bélica.

Por tudo isto, ninguém melhor do que êle poderá abrir debate a tão palpitante assunto, esperando A DEFESA NACIONAL que os mestres na matéria tragam a sua contribuição, afim de cooperar com a comissão escolhida, em bôa hora, pela Diretoria de Infantaria. (Nota da Redação).

INTRODUÇÃO

A afirmação de NAPOLEÃO de que a tática mudava de dez em dez anos, embora continue preceituando a mutabilidade dos processos da guerra, tem sido francamente ultrapassada pela realidade da evolução da arte militar. Os processos modificam-se de dia para dia, de momento a momento, envolvidos pelo aperfeiçoamento vertiginoso da Técnica moderna.

A própria experiência da Guerra, que ratifica e impõe verdades inconcussas, longe de ser elemento cris-

talizador da "doutrina militar", é fator dessa evolução contínua, através das profundas meditações que sugere e da busca de aperfeiçoamentos que incrementa. E a medida que se vai distanciando no tempo, essa experiência ou cai, muitas vezes, no domínio do esquecimento, enquanto novas idéias, novas fórmulas e verdadeiros artifícios lhe tomam o lugar ou, então, se apresenta interpretada sob aspectos diversos, por isso que a "ressurreição do passado" só se consolida definitivamente quando se analisa, com o espírito frio, todas as informações e todos os depoimentos dos participantes da luta.

Nessa evolução ininterrupta, os próprios Regulamentos são ultrapassados. Na maioria das vezes, os processos imaginados e ensaiados, bem como os materiais postos em uso, alcançam fôros de cidade muito tempo antes de serem incorporados aos Regulamentos.

A própria doutrina oficial não se enclausura nas fórmulas rígidas e, de algum modo, estacionárias dos textos regulamentares. As idéias novas, estudadas e postas em prática nos centros de estudo ou de experimentação, assumem caráter oficioso e como tal são aceitas em todos os meios de concepção e de execução. Dêsse modo, aqueles textos, modernizando-se, apenas sancionam uma situação de fato.

Em todos os Exércitos os Regulamentos são atualizados de tempo em tempo. Mesmo essa consagração oficial das mudanças se vem fazendo em prazos menores do que decênios da afirmação napoleônica.

Não é, portanto, de extranhar que se imponha a necessidade de atualizar o nosso R.E.C.I., cuja última edição tem oito anos de vida. Quanto mais não seja, a necessidade de nova impressão para suprir a edição já exgotada constitui motivo bastante para retoques e aperfeiçoamentos, que podem muito naturalmente chegar à atualização, isto é, até a acomodação às noções e processos firmados nos últimos tempos.

Assim compreendeu a Diretoria de Infantaria, pondo, sem tardança, mãos à obra de revisão.

Esse trabalho, confiado a uma comissão de oficiais bastante credenciados e com grande trato dos pro-

blemas de emprêgo da arma, poderá ser grandemente beneficiado com a colaboração dos camaradas, que, por terem meditado sôbre o assunto, por terem praticado todas as minúcias da técnica da infantaria e por terem experimentado os materiais modernos, possam sugerir idéias que permitam melhor adaptação do nosso Regulamento aos progressos da Técnica e às contingencias particulares ao caso brasileiro.

A dar o exemplo, aqui estamos para abrir o debate.

Desta feita, vamos considerar a discussão sob quatro grandes rúbricas:

- as características da arma;
- o armamento;
- a organização;
- os processos de emprêgo.

I— CARACTERÍSTICAS DA INFANTARIA

Todos os exércitos admitem, sob formas várias, que o papel da Infantaria no combate continúa sendo capital, tanto na ofensiva como na defensiva.

Diz-se na Alemanha: é a Infantaria que no combate, provoca a decisão. A atividade de combate de todas as outras armas deve ser regulada de maneira a facilitar-lhe a tornar-lhe possível o sucesso".

Na ITALIA: "a Infantaria é, por excelência, a arma nobre". Por ela fazem-se os maiores sacrifícios e tende-se para dotá-la de todos os meios necessários à sua manobra ofensiva ou defensiva e, em qualquer caso, a ela se subordina a ação das outras armas.

O JAPÃO quasi que só conta com a sua ardorosa e bem aparelhada Infantaria.

Nos ESTADOS UNIDOS, diz o Diretor da Infantaria: "aos que consideram não ser mais a Infantaria o elemento principal, a base dos futuros combates, respondendo que os engenhos e outros meios dados como substitutos da Infantaria — carros, produtos químicos, etc., são meios de que ela se utiliza no cumprimento

de sua missão. As outras armas podem aumentar a sua capacidade, mas não a substituem”.

Na FRANÇA, a nova regulamentação mantém o velho axioma: “cabe à Infantaria a missão principal no combate”, porém acentua que ela não combate isoladamente e que, pelo contrário, atua em íntima ligação com as outras armas.

Vê-se aí a preocupação de caracterizar que não ha um combate de Infantaria pura e simplesmente. Só admitindo o combate com grande quantidade de material (canhões, munições, engenhos blindados, armas, anti-blindagem, obstáculos, organizações completas, etc.), a atual regulamentação francesa riscou do seu texto os §§ 2.º e 3.º do n. 15 da II Parte do R.I. 1928, em que admitia a possibilidade de “a infantaria realizar uma progressão profunda, com o armamento próprio, quebrando as resistências locais (descontínuas e com fogos mal ajustados), mesmo quando lhe falte em parte o apoio da artilharia ou dos carros”, ou quando dizia: “Em certas zonas, as outras armas, particularmente a artilharia, não podem atirar ao mesmo tempo que a Infantaria, quer por considerações de segurança, quer por causa do terreno. Nessas zonas, compete à Infantaria executar o combate com seu próprio armamento, reduzir por si só as resistências que se opõem de maneira imediata à sua progressão (R.E.C.I., 2.ª Parte — n. 9).

Ao mesmo tempo, desapareceram as expressões, tidas como universalmente consagradas: “arma fundamental”; “arma completa, unica” capaz de combater em todos os terrenos e com qualquer tempo, de noite ou de dia; “é a rainha das batalhas e a base das combinações do comando”. (R.I. 1928 — II Parte — n. 14 e 16 e R.E.C.I. — 2.ª Parte — ns. 8 e 13).

Essa concepção radical cria a mentalidade de uma infantaria que aguardará sempre pela artilharia e pelos carros para resolver as situações que se lhe defrontam”.

Será essa mentalidade conveniente ao caso particular da nossa infantaria na situação atual?

Temos algumas dúvidas.

O Cel. TOUCHON, discutindo em suas Conferências o valor do fogo ofensivo da Infantaria, afirmava: “O fogo ofensivo da Infantaria é possível; é necessário; serve para alguma coisa.

“E’ porem suficiente?

Suas deficiências são numerosas e graves; as balas das metralhadoras nada podem contra os muros, os concretos, os parapeitos e mesmo as modestas blindagens; o tiro ofensivo, improvisado após curta fase inicial, perde prontamente todo o valor à noite e torna-se difícil nos bosques, enquanto o defensivo amarrado conserva nos dois casos respeitavel potência.

“Outrosim, quando a Infantaria fica entregue aos próprios recursos — o que acontece mais frequentemente do que se deseja — é normal que fique, mais cedo ou mais tarde mobilizada.

“Por isso o fogo da Infantaria não póde deixar de constituir uma parte do **“fogo unico”** ofensivo, de parceria com o da artilharia. Na sinfonia em que tomam parte, o canto caberá ora a um ora a outro, conforme seja o combate um assalto brutal à forte resistência ou luta mais atenuada e menos suscetivel de regulamentação minuciosa. Nos dois casos, dominará a necessidade de coordenar os elementos dêsse fogo unico, a necessidade da ligação artilharia-infantaria”.

Porém o próprio Coronel TONCHON nos cita vários casos de 1918 em que a Infantaria, sem nenhum apoio da Artilharia, conseguiu com o seu fogo resultado completos.

No nosso caso particular, a fraca dotação de artilharia e de carros, as frentes a guardar ou a conquistar, as dificuldades de estradas, os meios também precários do adversario, farão com que não se possa contar sempre com a artilharia e os carros.

Por isso, embora se coloque em grande destaque a **imperiosidade de só se empregar a Infantaria poderosamente apoiada e protegida pela Artilharia, pelos Carros e pela Aviação para romper resistências sólidas**, convem manter a idéia de que ela deve poder desembaraçar-se por si mesmo de situações difíceis, especiais mas também normais e possíveis.

Daí o nosso entender de que devemos conservar o liberalismo do n. 9 do nosso R. E. C. I.^a 2.^a Parte e não aceitar, portanto, a idéia radical do R. I. francês de 1939.

A nossa Infantaria, **sem esquecer a necessidade e o valor da cooperação das outras armas e treinada em atuar em ligação íntima com elas**, precisa habituar-se a retirar todo o proveito do seu armamento e dos seus processos de combate, atuando como se não existisse o auxílio daquelas. Não deve esperar sempre e tudo delas.

Acresce que toda a evolução do armamento da Infantaria tende para maior capacidade ofensiva. E' o caso, então, de explorarmos essa tendência para dotarmos a nossa Infantaria de meios que lhe garantam **relativa independência**.

Não haverá nenhuma desvantagem nessa tendência.

Muito pelo contrário, é sempre mais facil conter o ardor ofensivo e exigir uma atitude defensiva, do que pretender transformar hábitos de defensiva passiva em capacidade agressiva e manobreira.

Por outro lado, essa característica ofensiva da Infantaria tem repercussão sôbre o seu moral ou é uma consequencia deste.

Haja exemplo o JAPÃO. O seu exaltado patriotismo justifica a sua doutrina resolutamente ofensiva. Por isso, a sua Infantaria é organizada e armada para bastar-se a si mesma. A RUSSIA, embora nas guerras passadas o seu soldado tenha mostrado temperamento mais defensivo do que agressivo, o seu Regimento de Infantaria é organizado para bastar-se a si mesmo.

Se em relação à Artilharia é possível, na maioria das vezes, contar com o seu auxílio, o mesmo não se dará com os carros de combate. Ainda por muito tempo deveremos considerar a intervenção dos carros como excepcional, entre nós, por ser pequena a quantidade desses engenhos que poderemos dispôr, tudo ao contrário dos exércitos europeus em que a combinação Infantaria-Carro-Artilharia é normal.

Outro aspecto que interessa ao nosso caso particular diz respeito ao **terreno** e à **infiltração**. Os gran-

des espaços, a necessidade de economizar material e munições aconselham-nos a tirar maior proveito do terreno e das vantagens da infiltração. A êsse respeito, é conveniente que tenhamos em conta, para a redação do nosso Regulamento, a contraposição que os Alemães fizeram aos processos ofensivo da Infantaria francesa.

Os alemães visam grande espirito ofensivo graças à rapidez da concepção e da execução, ao desenvolvimento do julgamento, da iniciativa e da instrução, obtido mesmo nos postos subalternos. Censuram os Francêses por basearem a sua técnica de ataque na superioridade do fogo, por serem demasiadamente sistemáticos, por terem horror às situações imprevistas, por quererem manobrar com as trajetórias em vez de com tropa, por terem soldados e quadros subalternos sem iniciativa. "Na FRANÇA, escrevem, o fogo conquista, a Infantaria segue. A iniciativa dos chefes de todos os postos é, em comparação com as tarefas correspondentes, muito limitada. O esquema desempenha grande papel entre os Francêses. Por uma rápida ação de nossa parte (*durch schereller zupacken*) devemos disso tirar partido". (Resumo de Conferências dos Cmts. MAF-FRE, e FRÉNOT, Re. d'Infe. Fev. 1936).

Entretanto, se a nova Regulamentação francesa insiste sobre o método e a prudência com que devam ser montadas as operações, não é menos verdade que empresta grande importância ao movimento, à infiltração. São do texto de 1939 essas palavras: "Levar sempre e cada vez mais para a frente os seus meios de fogo, pelos lugares onde fôr possível o movimento, eis a preocupação constante que deve ter a Infantaria".

Ainda mais, em sua recente "Nota sobre a Instrução para 1939", o Generalíssimo francês insistia na necessidade de desenvolver na Infantaria o "senso da infiltração" e de acentuar o seu "amor pelo movimento para a frente".

E os comentadores do Regulamento de 1939 opinam que a nova organização do Batalhão francês proporciona à Infantaria francesa possibilidades de progressão que antes não possuía e que esta deve saber

tomar essa oportunidade “pelos cabelos” para explorá-la sempre que se apresente.

Quer-nos parecer, portanto, que, ao lado da superioridade do fogo, a nossa Infantaria deve caracterizar-se pelo “senso”, pelo “amor” e pela “capacidade” da **infiltração**, capazes de permitir ao próprio fogo o máximo efeito e de tirar do terreno o máximo proveito.

Ora, se considerarmos que a infiltração exige, na maioria dos casos, seja o terreno totalmente inundado de homens e que a mór parte dos caminhamentos sejam aproveitados, somos levados a pensar que essa circunstancia talvez aconselhe maior efetivo em homens, para os reconhecimentos e proteção do movimento.

Ainda mais, o “**o choque**”, hoje ressuscitado, como modo de ação da Infantaria, exige pessoal mais numerosos do que o indispensável ao manuseio das armas de fogo, pois, aí a massa é fator do sucesso.

Por outro lado as frentes largas, com partes menos ativas do que outras, com intervalos que devem apenas ser guardados, as necessidades da vigilância, da observação, da ligação e das fatchinas de toda a ordem são, ao nosso ver, elementos que nos levam a pensar em um efetivo em homens dentro de cada unidade, maior do que as das organizações européias, em que ha desproporção entre o grande numero de unidades e os recursos limitados das populações mobilizáveis.

Em resumo, quanto às características da Infantaria, convirá que pesemos bem:

- a maior capacidade ofensiva;
- a necessidade de bastar-se a si mesma, em várias situações;
- maior busca da infiltração e melhor aproveitamento do terreno;
- efetivo em homens um pouco maior do que as organizações europeias.

II — ARMAMENTO E MATERIAL DA INFANTARIA

Em todos os exércitos grupa-se o armamento em:
— **armas leves** (levadas por um só homem);

SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

A DEFESA NACIONAL tendo em vista facilitar a aquisição de livros, não só militares como a de qualquer outros, e para a venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu na sua biblioteca o serviço de **ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO**.

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade serão remetidos ao destinatario sendo a respectiva entrega feita mediante pagamento da importancia á agencia postal da localidade.

O porte, registro e as despesas relativas do **SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDA CONTRA REEMBOLSO** correrão por conta da Biblioteca sendo incluídos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura.

Para facilidade do serviço os pedidos devem ser feitos em ficha para esse fim destinada.

SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

A DEFESA NACIONAL tende em vista facilitar a adqui-

sição de livros, não só militares como a de qualquer natureza, vendendo nas livrarias do Rio de Janeiro, independentemente de sua

RA REEMBOLSO. O serviço de ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONSISTE em fornecer aos interessados o meio de adquirir livros e outras obras de interesse geral, a serem enviadas para a localidade.

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade serão remetidos ao destinatário sendo a respectiva entrega feita mediante pagamento da importância à agência postal da localidade.

O porte, registro e as despesas relativas ao SERVIÇO

POSTAL DE ENCOMENDA CONTRA REEMBOLSO corre-

ão por conta da Biblioteca sendo incluídos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura.

Para facilidade do serviço os pedidos devem ser feitos

a ficha para esse fim destinada.

PEDIDO

À Biblioteca de A Defesa Nacional

Caixa Postal 1602 - Rio de Janeiro



Em / /

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO *queiram*
enviar-me os seguintes livros :

Nome

Unidade

(ou rua)

Cidade

Estado

— **armas pesadas** (decompostas em fardos para o transporte, colocadas sôbre rodas ou viatura);
havendo ainda nas duas categorias:

— **armas de tiro tenso;**

— **armas de tiro curvo;**

Devemos considerar o valor dêsse armamento:

— **na ofensiva;**

— **na defensiva.**

Na ofensiva

As armas de tiro tenso tem sofrido aperfeiçoamentos de valia e entre elas, o fuzil metralhador já conseguiu ombrear com a metralhadora em eficácia nas médias, distâncias, sem prejuizo da mobilidade indispensável, como arma do escalão de fogo.

Esses aperfeiçoamentos levam a pensar-se em igualar os F. M., munidos de reparo estável, às metralhadoras pesadas do mesmo calibre.

Diz Currus na "Revue d'Infanterie" de Maio de 1939: "O fuzil-metralhador 1924-29, só por si mesmo, provoca outra consequência. Por suficiente que fosse a Mtr. Hotchkiss, calibre 8, só apresentava modestas vantagens balísticas sôbre o F.M. Daí o indagar-se: por que carregar 50 kgs. quando se poderá ter mais ou menos o mesmo resultado com cêrca de 9 kgs. e seguramente maior resultado com 5 armas de 9 kgs.? Por isso a Mtr. estava condenada a desaparecer ou a tornar-se mais poderosa. Inúmeros argumentos militam a favor da segundo solução: possibilidade de obter-se efeitos de perfuração contra blindagens pouco espessas, eficácia anti-aérea maior, trajetória mais rasante, o que permite aumentar a profundidade dos posições defensivas. Os estudos empreendidos com êsse espírito permitiram realisar tipos de novas **metralhadoras**, que atualmente estão realizadas".

Felizmente para nós, o Fuzil-Metralhador Madsen, que adotamos, reúne as propriedades exigidas a uma arma de 1.º escalão e a arma mais estável e mais potente do escalão de apóio (base de fogos).

Essa situação de Metralhadora-única simplificará a controvertida questão da centralização e descentralização das metralhadoras, porém cria o problema da diferenciação das companhias de fuzileiros e de metralhadoras armadas com a mesma arma.

Em relação à metralhadora, tornada mais potente, cuida-se de dar à unidades aparelhagem e instrução condizentes com os tiros especiais (a grande distância, mascarados, por cima da tropa, aéreo, contra blindagem, etc.), como veremos nos itens sobre organização e emprego.

Cabe ainda lembrar a tendência de dar, pelo menos aos graduados, o fuzil automático, a pistola automática e a pistola metralhadora, para reforçar a ação do escalão nas pequenas distâncias.

Mas é apontada como essencial a uniformidade de munição para todo esse material.

Ao lado do aperfeiçoamento das armas de **tiro tenso**, convém ressaltar o predomínio adquirido nos últimos anos pelas **armas de tiro curvo**, no tocante às necessidades da ofensiva. Do papel secundário e inicial de engenho de acompanhamento suplementar, **as armas de tiro curvo**, bocal, lança-granada, pequeno morteiro, médio, etc., **elevaram-se à dignidade de armamento específica e fundamentalmente ofensivo da infantaria**, emquanto o fuzil-metralhador e a metralhadora, tomam cada vez mais o caráter especificamente defensivo.

Quási todas as infantarias estão dotadas de sistema harmonioso e bem adaptado de armas de tiro curvo: — nas distâncias muito curtas e antes da abordagem intervem as granadas de mão dos grupos de combate; o lança-granada de pelotão pode atuar nas pequenas distâncias, o morteiro de companhia nas distâncias médias e o morteiro de batalhão nas grandes. Qualquer resistência inimiga que tenha escapado à ação da artilharia, dos carros e da aviação será tratada por essas armas de potência crescente.

Dêsse modo, maior dotação de armas de tiro curvo imprime à infantaria maior capacidade ofensiva; permite-lhe, em grande número de casos, bastar-se a si mesma.

Ha quem objete contra a diversidade de calibres e a complexidade de remuniamento, principalmente quanto ao morteiro de companhia.

Cremos, porém, que as armas de tiro curvo, preciso, potente e fácil, economizam metralhadoras e sua munição; economizam munição de artilharia; permitem aos chefes de pequenas unidades de infantaria maior capacidade de manobra; economizam o tempo para vencer resistências de pequeno vulto; são indispensáveis, principalmente, o morteiro leve de companhia e o lança-granadas, ao combate dos últimos 200 ms.

Além do mais, são armas rústicas e de fácil fabricação e de manejo simples.

E', na opinião corrente, fundamental que a infantaria disponha de grande quantidade dessas armas e com a gama correspondente aos escalões e às necessidades (Btl., Cia. e Pel., morteiro médio, morteiro leve e lança-granadas).

A defesa anti-engenhos blindados é muito cuidada em todos os países. Adotam-se o canhão anti-carro, o próprio carro e eventualmente metralhadoras de calibre avantajado. Não ha nenhuma divergência a respeito salvo quanto a maior ou menor dosagem dêsses materiais.

A defesa anti-aérea nas unidades de infantaria ainda não está cabalmente resolvida, pois, em regra não se tem uma arma especialmente destinada a essa tarefa. Contam uns fazê-la com as próprias Mtr. ou os F.M. da defesa terrestre, e outros com as armas anti-engenhos blindados.

A nosso ver, não será demais que a infantaria disponha de uma arma destinada ao tiro contra aviões que voem baixo e dispondo portanto de aparelhagem e processos de tiro apropriados. A solução de ter uma mesma arma que sirva para o tiro anti-blindagem e o tiro aéreo, embora sedutora por ser econômica, apresenta impossibilidades decorrentes da técnica de construção e o inconveniente do provável sacrifício de uma das duas tarefas quando se impuzerem no mesmo momento.

Além dêsses aperfeiçoamentos do armamento, é preciso considerar:

- o remuniamento (carrêta de munição blindada e para qualquer terreno);
- a aparelhagem de tiro, de observação e de transmissões;
- os trens de combate e de aprovisionamento, material êsse que se aperfeiçoa dia a dia, adaptando-se às necessidades da arma.

Na Defensiva

Em todos os exércitos, a infantaria está melhor armada para a defensiva do que para a ofensiva.

A razância das armas automáticas e a quantidade dessas armas permitem criar barreiras de fogos de difícil transposição, desde que seja respeitada a proporção entre a frente a manter e o número de armas automáticas a isso destinadas. As armas de tiro curvo completam e reforçam essa barreira.

Em resumo, será preciso atender:

- ao predomínio das armas de tiro curvo para a ofensiva;
- ao aperfeiçoamento do F. M. que é igualado à Mtr.;
- ao aproveitamento da Mtr. com calibre maior ou um canhão para missões anti-aérea, contra blindagens e tiros mais profundos;
- ao remuniamento por meios mecânicos; etc.

(Continúa)

O Combate das Pequenas Unidades

Dois jovens tenentes — ANTONIO DE BARROS MOREIRA e OSCAR JERONIMO BANDEIRA DE MELO —, traduziram um excelente trabalho do Cmt. GERIN. Estou certo de que todos os nossos leitores irão apreciar devêras o presente artigo que prestar-lhes-à efícas auxílio, quando tiverem que resolver situações táticas semelhantes.

"A DEFESA NACIONAL" felicita os dois esforçados tradutores que, aproveitando as horas de folga do labor quotidiano, empregaram-nas produzindo algo de interesse coletivo do Exército.

EXERCICIO N.º 1

O BATALHÃO NO ATAQUE

I — FIM DO EXERCICIO

- 1.º) Estudar o dispositivo inicial de ataque dum Btl. enquadrado.
Em função:
 - da missão recebida,
 - do terreno e da situação,
 - dos meios postos à disposição do Btl.
- 2.º) Demonstrar qual deve ser a ação do Cmt. do Btl. no emprêgo dos meios de fogo que não pertencem às Cias. de Fuzileiros.
Base de fogo inicial, sua constituição e fim.
Deslocamento da base de fogos.
Centralização da direção dos fogos pelo Cmt. do Btl.
Emprêgo da Artilharia de Apôio Direto.

II — ESCOLHA DO TERRENO E DO TEMA

I — Terreno

Cristas paralelas mais ou menos distantes uma das outras, prestando-se bem à demonstração do principio e do funcionamento da base de fogos. O terreno é escolhido sôbre o plano diretor de Vauthiermont na escala de 1/10.000 (sem organizações); é representado em relevo sôbre a caixa de areia na escala de 1/2.500; o

diretor verifica, antes do exercicio o plano relevo assim realizado e cuja confecção confiou ao Cabo secretario do centro de aperfeiçoamento.

Supõe-se que este exercicio seja o primeiro dos consagrados a uma tal demonstração; quando o essencial deste estiver compreendido, convirá escolher, para exercicios seguintes, terrenos menos fáceis onde a applicação do principio da "base de fogos" exigirá adaptações mais ou menos dificeis, exercitando-se assim o reflexo. E' esta applicação dum processo de instrução essencial e geral: preliminarmente convencer o fundamento do processo preconisado é fazer compreender o mecanismo fundamental, e, sómente, após ter se atingido o primeiro resultado, é que devemos exercitar, em seguida, os reflexos na pratica desse processo, por meio de applicações de dificuldade crescente.

A penuria de P. D. não será um obstaculo para a pratica de exercicios desse genero. Com efeito: O Serviço Geografico tem oficinas destes planos e com um ou dois bem escolhidos (terreno medianamente acidentado e coberto) poder-se-à elaborar um numero indefinido de exercicios; (é preciso ter-se na coleção, pelo menos um plano Diretor com organizações francesas e alemãs.

2.º TÊMA

Batalhão enquadrado, numa situação muito simples (ataque direito pela frente), mas comportando uma manobra pelos fogos.

— Evitar toda complicação dos dados do problema.

— Dar ao Cmt. do Btl. meios de fogos poderosos, afim de obrigar a servir-se dêles, afim de ressaltar a demonstração que se pretende fazer.

— Abandonar todas as prescrições que forem indispensáveis a uma ordem completa, porém inúteis para a demonstração procurada que, complicando a questão, prejudica a realização do resultado a que propoz chegar. O tema comporta assim:

— A definição duma situação geral muito simples (ambientação).

— O estabelecimento da questão, por meio duma ordem de ataque reduzida a seus elementos essenciais (Cmt., missão, meios).

TÊMA DO EXERCICIO**Situação (de conjunto) Geral**

Após ter rompido o "front" inimigo na linha geral X, Y, Z, forças de Este atingiram ao cair da noite do dia 13 de Novembro, o riacho S. Nicolas, sem contudo poderem ultrapassá-lo; reservas inimigas tiveram tempo de guarnecer a margem ocidental deste riacho, que apesar da ausência de posições organizadas, puderam no entanto, deter as vanguardas assaltantes.

O Cmt. das forças de Este, aciona suas unidades de reserva, afim de substituir as tropas que se esgotaram na execução do primeiro ataque e ordena, para 14 de Novembro, um ataque à posição onde o inimigo se aferrou.

SITUAÇÃO PARTICULAR

Um Batalhão I. pertencente a uma das divisões de reserva, logo após ter executado a substituição, ocupa a frente compreendida entre o "Moinho Velho" (cota 366-SE. Angeto) e cotovelo do riacho, na cota 362 I.

O Btl. está enquadrado; tem a composição normal; possui a dotação completa em efetivo; e está muito bem instruído e descansado. O Cmt. do Btl. no seu P. C. à extremidade setentrional da estação VAUTHI-ERMONT, recebe do Cel. Cmt. à meia noite de 13 de Novembro uma ordem, cujo extrato é o seguinte:

- Reiniciar o ataque às 7h,15m para quebrar a resistência inimiga sem lhe deixar oportunidades de reforçamento.
- Não haverá preparação de Art.
- O (tal) Btl. enquadrado terá por direção de ataque o bosque "Le Sang".

OBJETIVOS SUCESSIVOS

Crista 382 I entre o riacho S. Nicolas e o riacho L'Etang — crista SO do bosque Tremblée — bosque Le Sang.

LIMITES DA ZONA DE AÇÃO

Ao N., a linha que passa pelo Moinho Velho, ponta SO do bosque La Tremblée, ponta N. do bosque Le Sang.

Ao S., a linha passando pelas cotas 362 I — 382 I — 378 ponto 4 — e a ponta S. do bosque de Le Sang.

APOIO DA ARTILHARIA

- a) O (tal) Btl. dispõe inteiramente de um grupo de apôio direto cujo Cmt. estará a meia noite no P. C. desse Btl.
- b) O grupamento de ação em conjunto executará a partir das 7 horas sôbre as orlas orientais do bosque La Tremblée, do bosque Goutte-Bennequim, do bosque Zelin e sobre os fundos do riacho L'Etang, tiros que serão suspensos a pedido dos Cmts. de Btls. de Inf.

Meios suplementares postos a disposição do Cmt. do (tal) Batalhão:

- 2 canhões de 37 m/m.
- 3 grupos de morteiros Stocks do R. I. disponiveis às 2 hs. do dia 14 de Novembro no campo a O., proximo à Vauthiermont.

Os Cmts. de cada um destes agrupamento de petrechos estarão à mesma hora no P. C. do Cmt. do Btl.. O vale a O. do riacho São Nicolau é plano até cerca de 200 metros e accessivel à infantaria, apesar de ser ligeiramente pantanoso. Este riacho é, em qualquer ponto, francamente vadeado por homens a pé.

- c) Não foram observados vestigios de organizações anteriores na margem O.. Na jornada de 13, o inimigo parece executar alguns trabalhos de entrincheiramento na direção do caminho que marca a linha de crista diante da frente do Btl.

PREPARAÇÃO DOS EXECUTANTES

Antes da reunião, os Officiais de Infantaria e de Cavalaria do "Centro de Aperfeiçoamento", são convidados a estudar o tema e a preparar por escrito:

- 1.º) A ordem inicial de ataque dada pelo Cmt. do Btl..
- 2.º) As considerações submetidas ao Cmt. de Apôio Diréto.

Os officiais de Artilharia estudarão a escolha do terreno para a colocação de Baterias favoráveis à missão do grupo.

Dar o tempo de examinar o t ma, ambientar-se com a situação e, em caso contrário de rev r as prescrições regulamentares correspondentes ao exercício (as quais não se poderá prescindir de assinalá-las como referências no t ma inicial) com uma antecedência nunca inferior a 24 horas.

Levar cada um a se aprofundar um pouco mais na questão, pedindo a todos que redijam a ordem inicial de ataque do Cmt. do Btl..

Esta ordem deve ser curta e limitada ao essencial, se o t ma teve o cuidado de imp r um praso suficientemente curto para a concep o, reda o e difusão desta ordem.

PREPARA O DO DIRETOR

- a) A prepara o pessoal do Diretor do exercício   diferente. Ou decide imp r, como ponto de partida, um dispositivo fixado por  le (e combinado em fun o do fim a atingir pelo exercício) ou escolhe uma das ordens anteriormente redigidas pelos executantes, desde que ela realize dispositivos iniciais conforme os ensinamentos procurados, ou ao contrário, que contenha dispositivos defeituosos e onde o Diretor poderá explorar os erros para melhor ressaltar a demonstra o que procura; (em geral, o 2.  processo   preferível e mais facilmente fecundo em ensinamentos).

Num e noutro caso, a prepara o do Diretor comporta um estudo detalhado do terreno e as hipóteses mais favoráveis que deverão ser levadas ao detalhe sobre o dispositivo das forças e emprego dos fogos do supostos inimigo, (flanqueamentos avançados, concentra o pelos fogos a grande distancia, provenientes das zonas favoráveis   dissimula o dos órgãos de fogo cobertos ou contra encostas; reações diversas pelo fogo ou pelo movimento contra os sucessos do ataque, etc.).

Este estudo do terreno e estas hipóteses devem atingir   concep o efetiva e suficientemente detalhada dum dispositivo e dum plano de fogos do adversário — concep o esta que possui a enorme vantagem de ser traduzida sôbre uma carta, previamente ao exercício propriamente dito e mesmo ao exame dos trabalhos preparatórios confeccionados pelos Oficiais a instruir; tem-se assim uma situa o definida, clara e concreta, que simplifica o trabalho do Diretor no decorrer do exercício propriamente dito e mesmo no exame dos trabalhos

preparatorios confeccionados pelos Officiais a instruir; tem-se assim uma situação definida, clara e concreta, que simplifica o trabalho do Diretor no decorrer do exercicio propriamente dito, contribuindo consideravelmente para a veracidade e alcance do ensinamento visado que não se pôde agora, acusar de estar "forçado" para as necessidades da causa.

A preparação aprofundada do exercicio feita pelo Diretor é o fator essencial do seu sucesso.

- b) Faltas a prevêr e em que o Diretor deve, nas hipóteses sobre o inimigo, preparar a sanção pelo fogo — Dispersão dos meios de fogo do Btl. (Mtrs., 37, morteiro Stock) pela repartição excessiva feita pelo Cmt. do Btl. ou das más disposições tomadas pelo Cmt. da Cia. Mtr..

Determinação aos órgãos de fogo, duma posição no dispositivo, em lugar de lhe ser dada uma missão (falta muito grave, e frequente).

Determinação de uma missão incompatível com as características do material considerado (propriedades balísticas, recursos de remuniamento e mobilidade).

Esquecimento de precauções a tomar, para que no deslocamento progressivo da base de fogos seja assegurada a continuidade do fogo.

Erros quanto ao emprego da Art. de Apôio Direto, pois o infante nada tem a ver com a colocação das baterias, é da co-sinha interior da Art.; mas, pôde e deve pedir à Art., seus projetis em tal ponto, a tal hora, em tais condições e durante determinado tempo (ponto mais importante, que dá lugar a frequente erros).

Passividade do Cmt. do Btl. uma vez que o combate esteja engajado.

Ordens inexecutaveis (notadamente aquelas que seriam enviadas às unidades engajadas).

Estudo incompleto e erroneo do terreno, notadamente da compartimentação de fogos por êle imposta.

Não executar o seu trabalho e sim o dos seus subordinados (muito frequente).

Despreso do fogo; com um ardor particular ao exercicios sôbre a carta; não se admite resistência.

E' essencial arrefecer constantemente tais entusiasmos que conduzem diretamente aos nossos ataques de Inf. de 1914: não

se jogam homens contra projetis que muitas vezes não se sabe de onde vêm.

Mas também combater incessantemente contra as concepções e soluções exageradamente timoratas; mostrar que os infantes dignos deste nome, ativos, sabendo empregar o fogo, e dirigir o apoio da Art. e manobrar, chefes que saibam comandar executantes instruidos, podem atingir seus objetivos apesar do inimigo, etc..

Enfim o Diretor terá de exigir unicamente ordens e atos reagindo constantemente contra a propensão dos executantes de falar muito em lugar de agir; proibindo discursos nos quais cada um tenta explicar a decisão tomada.

Deverá também reagir contra a tendência de justificar erros cometidos, valendo-se de um texto regulamentar mal compreendido ou intempestivamente aplicado.

EXECUÇÃO DO EXERCICIO

Entre as ordens redigidas anteriormente à sessão destinada aos oficiais a instruir (Ver acima "II Tema do exercicio no fim") o Diretor escolheu escolheu as do Cmt. Z, cujos dispositivos tomados parecem de natureza a favorecer a demonstração procurada.

Além do referido Cmt., que comandará o Btl., o Diretor designa outros 7 oficiais que comandarão respectivamente as Cias. de F. V., A, B, C, e a Cia de Mrt. M, os canhões 37, os Morteiros Stockes e o Grupo de Apoio Diréto.

Cada um toma posse do cartão sobre o qual são cortados os figurativos representando os elementos da unidade que comanda.

Os oficiais assim designados se grupam em torno do Cmt. Z de um dos lados da caixa de areia, face ao Diretor; todos os outros assistentes se colocam em volta da caixa, sendo permitido fumar. E' dada a palavra ao Cmt. do Btl. Z para ler sua ordem.

DESENVOLVIMENTO DO EXERCICIO

- a) A ordem dada pelo Cmt. Z prescreve em extrato:
- Manobra pela esquerda.
 - Em 1.º escalão, 2 Cias. F. V.
 - Cia. A ao Norte, frente cerca de 350 metros.
 - Cia. B ao Sul, com uma frente aproximada de 250 metros.

Em reserva, Cia. de Fuz. C, atraz da Cia. B, a 500 metros de distancia, formação, em triangulo com o vertice para a retaguarda.

— Cia. de Mtr.;

— 1 grupo com a Cia. A, 1 secção e mais com a Cia. B.
Canhão 37 (2 com a Cia. B.)

Morteiros Stocks:

— 1 grupo com a Cia. A.

— 1 grupo com a Cia. B.

— 1 em reserva com a Cia. C..

Lugar do Comandante do Btl.:

P. C. inicial sôbre a crista ao Norte da estação de Vauthiermont. Ulteriormente — sobre a crista S. O. d'Angeot a H + 40 minutos. Depois para a orla Norte do bosque Goutte-Bennequim.

Ligações com os Btls. visinhos:

Uma fração de cada uma das Cias. A e B marcham nos limites do Batalhão.

Instruções à Artilharia:

Posição de bateria nas orlas SO de Haut-Bois.

Apôio:

1.º) — Tiro de 10 minutos começando a H-10' sobre a 1.ª linha inimiga e vila d'Angeot (orla Sul) ..

2.º) — Barragem rolante a 100 ms. em 3 minutos, a partir de H, com a suspensão de $\frac{1}{4}$ de hora depois da conquista de cada um dos objetivos.

Os subordinados do Cmt. Z são convidados a refletir durante 5 minutos e dispôr em seguida no terreno as unidades que comandam (dispositivo de partida) como a execução das ordens que acabam de receber.

Isto feito, o Diretor manda o Cmt. Z, justificar seu dispositivo, notadamente ao que se refere ao emprego dos meios de fogo, além dos das Cias. de F. V.. Mas, anteriormente êle o felicita

de ter observado na redação de sua ordem a clareza, sobriedade e brevidade necessárias: esta ordem tem 60 linhas; para se proceder ao ataque desta frente bastam ser empregadas 3 Cias. e 16 Mtrs. As outras foram enfadonhamente prolixas; pois entre as ordens remetidas ao Diretor, uma tem 17 paginas, outras de 6 a 12, o que é excessivo de resto inverosimil em vista das condições e demora sem as quais o Cmt. do Btl. deve conceber, redigir difundir em tempo util suas decisões (ver tẽma). Além do que esta abundancia de prosa não traduz necessariamente, com a maior clareza a expressão da vontade do Chefe, visto que, aqui, como em qualquer outra cousa "tudo o que é bem concebido é claramente enunciado" e "ordem incisiva" é verdadeiramente um sinal do valor do Cmt..

Em suas perguntas de justificação das ordens dadas, é essencial que o Diretor "proceda por questões precisas e exija respostas claras e breves"; sinão o exercicio se transforma imediatamente em conversa e divagações.

Razões que determinam a manobra pela esquerda?

Terreno muito coberto, bem visto sem pontos de apoio naturais ou organizados; uma boa utilização do terreno pôde provavelmente diminuir em parte a Cia. B aos fogos vindos d'Angeot e do bosque La Tremblée; o Btl. visinho da esquerda parece que terá uma progressão mais facil do que o Btl. da direita.

Seja. Mas estas razões continuarão durante o decorrer de vossa progressão?

Não; para o ataque ao 2.º objetivo, a manobra parece se apresentar mais facil pela direita.

Exato; e para o 3.º objetivo?

Ela será tambem difficil quér de um lado, quér de outro, a menos que a progressão do Btl. da minha direita...

Questão proposta; vossa indicação de manobra pela esquerda é muito positiva.

— Como você adapta à ideia de manobrar o seu dispositivo?

Porém, você dá morteiros à Cia. da direita?

Suas Mtrs. e Morteiros em reservas têm emprego previsto?

Estão eles às ordens do Cap. C?

E os que marcham com as Cias. A e B?

Estamos na realidade, e sua ordem emprega, com 2 linhas de distancias, uma mesma expressão em 2 sentidos opostos: erro. Seria necessario precisar "as ordens de....." afim de evistar confusões possiveis. Nunca uma ordem é suficientemente precisa.

Quem dará ordens aos órgãos de fogo em reserva?

Diretamente?

Frente mais larga ao Norte, mais reduzida ao Sul, para um mesmo efetivo; reservas atraz da esquerda; meios de fogos mais possantes na Cia. da esquerda.

Sim, porque ela poderá ter necessidade deles para reduzir as resistencias na vila.

Não para o momento, eu o determinarei segundo as circunstancias.

Não, eles marcham com esta Cia. mas, não estão sob suas ordens.

Estão à disposição dos Capitães destas Cias; eu precisaria melhor o seu emprego se estivessemos na realidade.

Eu.

Por intermedio do Cmt. do C. M..

Onde estará o Cap. M.?

Comigo

Como comandará estes órgãos que marcham com a Cia. C?

Terá comigo uma ligação segura.

Vejamo-lo. Crê que a Cia. C poderá constantemente marchar em triangulo? E que vantagem atribue a essa formação?

Pode ser obrigada, pelas circunstancias do terreno ou do combate a modificar esta formação: julgo, entretanto, esta boa, porque ela se presta as missões que poderei dar à Cia. C.

Você prescreve então ao Cap. de estar em condições de executar isto ou aquilo e deixa-lhe a escolha das formações que deverá muitas vezes modificar e que a êle compete e não a você. Além disso note que uma formação não possui vantagens peculiares; o terreno, o fogo inimigo e a missão indicam a melhor no momento.

Conclusão sobre este ponto: não dar nunca ordens inexecutáveis; cumpra sua missão dando aos seus subordinados indicações que lhes são necessarias e deixe-lhes agir.

Outra coisa: você tem certeza de estar pessoalmente a H + 40 sobre a crista SO d'Angeot?

Não, eu não deveria dar uma indicação tão precisa, porém dizer somente qual o itinerario em que me deslocarei.

Perfeitamente.

Crê que seus Capitães A e B estejam suficientemente orientados sobre a fixação da sua zona de acção?

Seus Capitães não tomam conhecimento da ordem do Cel. e sim da sua.

Textualmente?

Erro. Em cada escalão de Comando, é necessario utilizar de preferencia as contingencias locais á ordem vinda de cima. Por exemplo: O Cel. lhe dá como direcção o bosque Le Sang; seus subordinados que não possuem o croquis que lhe enviou o Cel., não conhecem e não vêm este bosque.

Duvido, levando em conta sua situação e recursos; porem admitamo-lo, o que resta saber é se a direcção fixada pelo Btl. que é boa para ele, o seja tambem para as suas Cias. para cada uma das quais é preciso uma direcção particular materializada por pontos de referencia do terreno; depois sobre esta direcção, por objetivos tambem materializados e no caso em estudo, sucessivos.

Objetivo sobre uma direcção dada tal é a prescrição formal do regulamento a

A ordem do Cel. fixa os objetivos.

Certamente, mas eu reproduzirei na minha ordem as indicações dadas pelo Cel.

Sim.

Eu os faria executar um croquis.

qual nos devemos cingir; a zona de ação é apenas um complemento a indicação, mas não parte indispensável e essencial.

Consultou ao Artilheiro antes de ditar-lhe as instruções dadas?

Lamentável e contrário a vontade do regulamento como aos conselhos da experiência.

Si você o tivesse consultado, o Artilheiro lhe teria feito provavelmente observações uteis.

Quais são elas, por exemplo, Artilheiro?

E' mesmo provavelmente impossível, você verificou?

Será necessário verificar. Onde julga estar em melhores condições para entrar em posição?

Cmt. Z, você tem atribuições para fixar posições de bateria?

Não.

Artilheiro: E'-me difícil apoiar na partida, se eu estou em posição nas orlas Oeste de Haut Bois.

Não, acabo somente de escutar a ordem.

Dum lado e doutro do colo a Este de Vauthiermont ao menos para 2 baterias; observatorio ao Norte da estação de Vauthiermont, desde que nada se veja de 403 (Bai-bois) o que possível, mas que necessita verificação.

Sim, porque o grupo está a minha disposição.

Não está sob as suas ordens. Você tem obrigação e o dever de lhe dizer onde, quando, durante quanto tempo e com qual intensidade o grupo deve enviar seus projéteis; colocando-o em "apoio direto" ao seu Btl., o Cmt. da Divisão lhe deu a dispensa de passar por seu intermédio para pedir os projéteis; o Artilheiro, entretanto, continua senhor da escolha de melhores meios para lhe satisfazer; sua técnica não é pois de sua alçada.

Porque você pediu uma preparação de 10 minutos?

Seria isto discutível se não fosse contrario a ordem não "efetuar preparação".

Desobedecendo-a de uma maneira tão grave você iria alertar o inimigo, talvez até fracassar tudo e em todo caso, contrariar seriamente a manobra preparada. Ainda uma coisa que o artilheiro vos fez observar.

Ele não teria entretanto deixado de objetar que você não pode montar uma barreira rolante somente na frente do seu Btl. porque esta medida concerne a Divisão; e que ainda, uma barreira feita por 3 Bias. sobre uma frente maior de 600

Espero assim obter uma neutralização que facilitará o desembocar do meu Btl.

ms. não é bem forte; que haveria maior vantagem em utilizar os seus projectis pela massa e pela surpresa, portanto por meio de bombardeios.

Enfim, você não poderia nunca prever assim tão longe como o fez, ou o que pelo menos se você poderia preve-lo não deve prescreve-lo. Até que você chegue aos bosques Le Sang surgirão imprevistos aos quais terá que adotar os fogos que estão a sua disposição.

Assim pois você fará tantas previsões quantas queira porém nada de ordens prematuras; dividida em etapas as suas decisões.

O Diretor faz estas observações quanto a ordem do Cmt. Z; insistiu sobretudo em alguns pontos, que não tencionava voltar no decorrer do exercicio.

Para o demais, ha verdadeiramente ainda muito á dizer, sendo entretanto essencial não prolongar esta forma teorica da demonstração. Para fazer ressaltar as vantagens e inconvenientes do dispositivo escolhido, será melhor esperar que o desenvolvimento do exercicio, assim conduzido, em consequencia, os evidencie. Uma discussão teorica é menos convincente do que uma realidade tangivel. Esta justificação não tem outro fim senão a de fixar antes de todo acontecimento subsequente, a maneira pela qual o Cmt. do Btl. Z concebeu a situação e sua missão, e pretende cumpri-la.

c) Os subordinados, collocaram seus elementos; sendo preciso, examinar rapidamente as soluções dadas, do mesmo modo que acaba de ser indicado para a justificação da ordem do Btl.

Não critica suas disposições em detalhes, porque não é este o objetivo do exercicio. Si ha faltas notorias, o Diretor as ressaltará no decorrer do exercicio; e as quais anotará para fazer

o objeto de um exercicio ulterior. O Cap. A empregou 2 Pels. em 1.º escalão e 2 em 2.º escalão, a 200 metros de distancia.

O que fará do seu grupo de Mtrs.?

A — Marcha com o Pel. da esquerda em 2.º escalão.

Recebeu ele missão?

Não para o momento; eu o conservo em reserva; além do que, ele não poderá atirar enquanto eu me desloco.

E seus morteiros?

Atraz de mim, em posição no corte da via ferrea, perto da estrada.

Tem eles missão?

Atirar á hora H sobre o casario que é o meu 1.º objetivo.

Poderão atirar muito tempo?

Alguns tiros somente, porque estes se tornariam perigosos para nós.

Que farão em seguida?

Não sei ainda, verei no decorrer do combate.

Cmt. dos Morteiros, você pode atirar a cerca de 500 metros?

Facilmente com a carga de 19 gramas.

Qual é o seu desvio provavel nesta distancia?

Cerca de 20 metros em alcance e 4 metros em direção.

Quando cessará o tiro e por ordem de quem?

Não tenho necessidade de ordem, verei de minha posição e cessarei o tiro quando o ataque chegar mais ou menos a 100 metros das casas.

Será mesmo prudente cessalo antes porque, devido a dispersão, haverá estilhaços.

Cap. A, você assegurará a ligação prescrita com o Btl. da direita?

Cmt. Z sua opinião?

Talvez, com efeito, mas de quem é a culpa?

Por que?

Isto não era indispensável mas foi uma boa precaução. Será este destacamento necessário?

Concordo. Cap. A, missão dada a esse Pel.?

"Marchar no limite"? Este limite está desenhado no terreno.

Bem entendido, porque o regulamento é obrigado a falar de uma maneira geral, não podendo precisar se se trata de estrada X ou da orla do bosque. Mas você faz o caso em particular e portanto deve precisar materialmente no terreno. Além do mais é o "limite" que nos interessa ou as unidades que atacam de um lado e doutro dele?

Encarrego desta missão o Pel. da direita do meu 2.º escalão.

Isto é demais.

Minha.

Porque, não fixei a importância deste destacamento.

Sim, porque é preciso saber o que faz o Btl. da direita e as orlas d'Angeot, os bosques, sebes, casas vem nos prejudicar á vista, não havendo apesar de tudo, necessidade de muita gente.

A — Marchar no limite do Btl. e informar; e quando necessário, tapar o intervalo que se produza.

E' esta a frase empregada no regulamento.

São as unidades, evidentemente.

Já que é evidente, retifique a ordem!

Assim será melhor. Capitão B, o seu dispositivo?

Bem; algumas precisões: estas Mtrs., canhões e morteiros têm missão?

Ah! Baterá durante muito tempo?

Porque um grupo de Mtrs. e somente 1 grupo de fuzileiros para o destacamento de ligação?

Marchar na altura do 2.º escalão da Cia., entre os 2 Btls.. Informar sobre a situação do escalão de fogo vizinho, e se necessario, engajar-se para assegurar a continuidade da linha de fogo.

B — 2 Pels. em 1.º escalão, 2 em 2.º escalão, menos 1 grupo encarregado, juntamente com o grupo de Mtrs., para assegurar a missão de ligação com o Btl. da esquerda. A outra secção de Mtrs. tem um grupo no escalão de fogo entre os 2 Pels., 1 grupo em reserva junto a mim, com o Pel. da direita do 2.º escalão. Os 2 canhões 37 e os morteiros seguirão neste escalão.

As em reserva, não. Serão dadas no decorrer do combate, porque na minha frente não encontro no momento missão a lhes dar. Limitar-me-ei a mandar bater a 1.ª linha inimiga a hora H pelo grupo de Mtrs. em 1.º escalão.

Não, porque minha progressão o forçará a cessar fogo.

Esta missão de ligação é uma questão de vista e de fogos; para a vista, não ha necessidade de muitos homens, para o fogo, 2 metrs.

darão um rendimento melhor do que um Pel. inteiro de Fzs.

Meu Grupo de Fzs. tem sobretudo por missão a proteção das Mtrs. e si não fosse impossivel descer além do grupo, eu teria diminuindo ainda mais o efetivo.

Não ha duvida, mas você julga que este destacamento é muito necessario?

De acordo, mas eu pergunto sua opinião.

Não estariam elas tambem nestas condições a esquerda do seu 2.º escalão?

Cmt. Z, o que pensa sobre o caso?

Erro; ele não é regulamentar quando inutil, releia o regulamento para você se convencer, acresceto ainda que o seu erro é comumente cometido por pessoas de responsabilidade.

Cap. X, voce comanda a secção de Mtrs. dividida entre as Cias. A e B.

Onde é que você marchará?

E' esta a ordem.

Para a vista é inutil; toda Cia., e eu veremos tanto quanto o destacamento. Mas, para o fogo, as Mtrs. estarão prontas para atender em caso de necessidade.

De fato; bastaria para isso dar-lhe esta missão eventual.

Z — Este destacamento não é indispensavel sem duvida, mas, é regulamentar.

X — ! ? !

E' preciso você decidir, entretanto!

Ficarei com o grupo de A.

Bem, não pergunto a você a razão dessa decisão!

E o que você fará com este grupo?

Capitão M sua opinião?

M — E' preciso evitar tanto quanto possível se dividir uma unidade constituída.

Eis o moral do incidente. Nem sempre é possível evitar esta ruptura, mas, é preciso fazer tudo para evita-la e deixar cada chefe em sua função.

Cmt. dos morteiros, onde você está?

N — Meus 3 grupos estão dispersos; eu fico com o de reserva, que talvez, irá se reunir a um dos outros.

Talvez!... Ainda um Cmt. sem emprego.

d) Tudo está pronto e cada um explicou as razões dos dispositivos essenciais. E' preciso agora, que o Diretor mostre os resultados deles, procedendo de maneira a atingir ao ensinamento que procura; possui o Diretor a parte melhor, pois que fez agir o inimigo a sua maneira (e é por isso que ele faz a manobra de simples ação) e que o Cmt. Z lhe entregou a demonstração bem a contento e razão pela qual foi escolhida.

O Diretor propõe a situação seguinte:

— o ataque assim montado deve partir às 7,15, às 7,45 hs., a direita da Cia. A está aferrada ao terreno em frente ao seu 1.º objetivo (casas B. E. d'Angeot) por fogos vindos delas e das alturas a O. da igreja (?); a esquerda conseguiu atingir a estrada (a barragem rolante deixou-a e prossegue). O Btl. da

direita está detido nas mesmas condições nas margens do riacho, pelo menos no que se refere a sua esquerda.

Favorecida pelas pequenas cobertas que apresentam os "Marigot" copadas diante de sua esquerda, a Cia. B. marcha sem muita dificuldade em ligação com o Btl. da esquerda cuja situação é igualmente favorável. O escalão fogo de B atingiu 382,1 com a ala esquerda, por causa da parada da Cia. A.

A Cia. de reserva C, está próximo á linha de partida (E do riacho), aferrada no campo descoberto e na colina, e logo que procura progredir recebe fogos de Mtrs. muito nutridos parecendo provenientes da direção do bosque La Tremblée.

Estes fogos molestam igualmente o escalão fogo da Cia. B, assim que atinge a crista.

O 2.º escalão desta Cia. entretanto sofre muito menos, tendo podido ganhar o angulo morto da estrada.

Cada um dos Cmts. de Cias., coloca seus elementos segundo esta situação. Enquanto isto, o Diretor argue o Cmt. Z sobre suas reflexões e decisões, pois de seu observatorio, poudé ele seguir completamente o desenvolvimnto da ação.

Que pensa dessa situação?

Z — Detido pela direita, posso ainda progredir pela esquerda e então progrido pela esquerda.

Como você concebe esta progressão?

Dou ordem a Cia. de reserva seguir a Cia. B, que pode se deslocar.

Mas a Cia. C não pode progredir!

Talvez que progredindo homem a homem...

Ela não pode progredir!

Lembre-se da guerra! O fogo inimigo a detem, ela está aferrada ao sólo. Além do que não ha necessidade desta ordem pois você já lhe disse antes da partida, para seguir a Cia. B sendo-lhe inutil re-

petir. A Cia. não está esgotada, como nós veremos daqui ha pouco; não pôde entretanto ultrapassar a crista porque o fogo em questão a detem.

O que é preciso fazer para que ela possa progredir?

Muito bem, e como?

Bem... mas... e a barragem rolante?

E' esta tambem minha opinião e melhor seria provavelmente não a iniciar, economizando-se melhor os fogos da artilharia. Vai ser preciso gasto de tempo e prejuizo ás Baterias para responder ao seu novo pedido.

Admitamos que isto seja possivel. Não pode você fazer outra coisa?

Nada mais existe do que o bosque La Tremblée. Fogos mortiferos partem agora, de Goutte Bennequm, dos pomares e das casas S. O. d'Angeot, na região entre a aldeia e o bosque La Tremblée.

Extinguir o fogo que a detem.

Ordem á Artilharia para bater as orlas do bosque La Tremblée de onde provém essas tiros.

Será melhor interrompe-la para atender ao mais urgente. De resto, para o momento, de nada ela me serve.

Tenho ainda em reserva 2 morteiros e duas secções de

Cap. M. como executa esta ordem?

Que estão aonde?

Então estão na esplanada descendente para o inimigo, metidas como os demais.

Talvez, com efeito, mas pouco importa, porque todos os órgãos de fogo não podem entrar em posição e muito menos atirar sob às vistas dos fogos do inimigo.

Eles experimentam, fazem massacrar e se aferram ao terreno. Resta-nos, pois, só o artilheiro que atira sobre La remblée. Pelo menos assim admitamo-lo.

Capitão A, onde você se acha?

Mtrs. Ordem ao Cap. M para que a reserva entre em posição, atirando os morteiros sobre as casas S. O. d'Angeot, e as Mtrs. sobre a garupa a O. da Aldeia e Goutte Bannequim.

M — Envio agentes de transmissão aos morteiros e as 2 Mtrs.

Na cauda da Cia. C.

Preciso que eles se coloquem em posição no mesmo local, mas, talvez não se possa atirar sobre Gaute Bennequim, por não ser visto.

Mas podem experimentar.

A — Escalão de fogo detido, á direita junto ao Moinho Velho, a esquerda no corte da estrada. O Pel. de ligação não abandonou o Moinho Velho. O Pel. de reserva está aferrado ao terreno atrás e a

Que faz?

Impossível de progredir.

Excelente pensamento, mas seus metralhadores são mortos logo que se movam.

Que faz o seu escalão de fogo?

Bom, e seu grupo de morteiros?

Não se pode mais.

Capitão B, situação?

minha esquerda; onde também estou junto com o grupo de Metrs.

Experimento progredir com a minha reserva, homem a homem, para o angulo morto da estrada na minha frente á esquerda.

Faço com que minhas Mtrs. atirem do local onde estão por um intervalo entre meu 1.º escalão e o Moinho Velho na direção da garupa a O. da igreja, afim de auxiliar o Btl. visinho.

Atira na frente dele. O pelotão da esquerda pode atirar um pouco na direção de N. O., sobre as orlas S. O. da aldeia, para auxiliar a Cia. B. neutralizando o fogo que a retarda.

Ficou atraz. Pode ainda atirar, mas, não sobre o 1.º objetivo, que nos está muito proximo. Si não se póde mais progredir no vale...

... não posso lhe mandar novas ordens. Mas elle poderia transportar seu tiro um pouco mais longe, ou pedir ordens ao Cmt. do Btl. melhor colocado que eu para o Comandar.

B — escalão de fogo face a O. e a N. E, detido na extremidade da chapada, por fogos vin-

dos de N. E. N. O.. Pels disponíveis abrigados na pequena ravina a O. e próximo à estrada. Meus 2 canhões 37 em posição à direita do meu escalão fogo atiram sobre os pomares S. O. d'Angeot; minhas Mtrs também em posição ,atiram sobre Guatte Bennequim. Os morteiros em posição na pequena ravina, atiram sobre as orlas de La Tremblée.

Por que emprega a maioria destes fôgos sôbre o N.?

Porque é de lá que vem os fogos que me detem.

Bem; e os seus morteiros vão atirar muito tempo?

Enquanto tiverem munição.

Qual a quantidade?

? ? ?

Cap. R?

R — ? ! ?

Ten. P?

P — ! ! !

Cmt. dos morteiros?

24 tiros por peça.

Seja cerca de 1 minuto de tiro a velocidade normal. Não ha mais munição alem desta?

Cerca de 120 tiros, ainda em reserva.

Onde estão neste momento?

Sôbre as viaturas, perto da estação de Vanthiermont e na viatura de bagagem do grupo, no T. C..

Póde você contar com esta munição?

Não, porque si não se pode progredir no valado, não é possível nenhum remuniciamento.

Tem certeza de atingir com os um objetivo dado?

Absolutamente não, porque o morteiro é muito pouco pre-

Conclusão: com um petrecho tão pouco preciso como o morteiro, será necessario fazer tiro coletivo, dando-se um mesmo objetivo a diversas peças. Com um petrecho que não tem mais do que 24 tiros para atirar é preciso guarda-los para uma ocasião que valha a pena, porque no caso contrário se ficará logo desarmado. O melhor pois, será instalar esses petrechos em um ponto de onde se possa remunciar e nunca em 1.^a linha.

E o 37, quantos tiros?

E' preciso?

Será necessário faze-lo tambem agir coletivamente?

Seu defeito?

Então êle tambem não pode entrar em posição em 1.^a linha.

ciso. São necessários muitos tiros para se atingir seguramente um resultado. E' necessario entretanto, por isso, segundo penso, que os morteiros sejam grupados em 2.

64 cartuchos por peça.

Muito preciso.

E' inutil, em vista de sua precisão. Nunca se colocam 2 canhões sôbre um mesmo objetivo.

E' pesado, difficilmente transportado a braço e muito vulnerável durante o transporte.

Certamente, alem do que em virtude da tensão de sua trajetória, êle atira difficilmente por cima das tropas amigas.

A menos que o terreno não indique para a posição de bateria escolhida um local favorável em relação com a situação das tropas amigas. Suponha seus canhões 37 em posição sobre a via ferrea, não poderão êles atirar sobre Angeot por cima da Cia. A?

Certamente que sim.

Convem notar que, segundo o desenvolvimento do exercicio, o Diretor deve certificar-se por meio de perguntas precisas dirigidas aos executantes efetivos e aos outros ouvintes si as prescrições regulamentares foram conhecidas e compreendidas. Esse processo de verificação e explicação sobre casos concretos é verdadeiramente muito menos fastidioso e mais frutifero do que uma dissertação árida. Porém é necessário não se afastar desta norma, porque desde que se desenvolve o menor exercicio apresentam-se logo todos os problemas do campo de batalha; ora, é pois indispensável de se manter sempre rigorosamente dentro do objetivo a atingir, do exercicio em estudo, excepto quanto a anotação de outras partes que venham a se apresentar e que farão o objeto ulterior de um outro exercicio. Essa divagação do exercicio é um dos perigos contra os quais o Diretor deve-se manter constantemente atento.

e) — O Diretor indica uma nova situação. Os fogos fornecidos pela Artilharia de Apoio, os morteiros de A e de B, as Mtrs. e os canhões 37 de B dominaram os órgãos de fogo inimigos na região ANGEOT-LA TREMBLÉE. Percebe-se no vale que se póde progredir um pouco porem muito pouco.

O Btl. da esquerda desce para o Riacho de L'ETANG; o Btl. da direita entra em Angeot. As Cias. A e B atingiram completamente o 1.º objetivo.

Mas, quando começam o deslocamento para o riacho L'ETANG são acolhidos por fogos de Mtrs. parecendo provir da GOUTTE BENNEQUIM, da crista que determina o 2.º objetivo e da região da cota 382,7.

O Cmt. Z foi ferido. O Cap. Y assume o Comando do Btl. Impressões e, si necessario, decisões do Cap. Y?

Cinco minutos de meditação.

O Cap. Y tosses e declara:

Nenhuma modificação quanto ao dispositivo para a direita e se deslocar cada vez mais na esteira da Cia. A afim de:

1.º — Estar em condições de se engajar na direção NO para cobrir meu ataque, no caso em que se acentue o retardo do Btl. da direita que, após as dificuldades de Angeot vai se defrontar com as do Bosque La Tremblée;

2.º — Achar-se, em vista do ataque ao 3.º e difícil objetivo, em situação de prolongar a Cia. A, deslocando-se para a cota 375,3 e garupa imediatamente à 0.

Pedido ao Apoio Direto:

1.º — De observar intensamente o Bosque La Tremblée e de neutralizar as metralhadoras que ali se revelem.

2.º — De estar pronto para atirar sobre o Bosque Le Sang e garupa NO, onde temo se revelarem, de um momento para outro, metralhadoras à grande distancia, contra quem, no momento os meus fogos seriam impotentes.

Ordem ao Cap. M de reunir sob seu Comando na crista da cota 382,1 Angeot, as 2 secções de Mtr. e os morteiros em reserva, os cedidos primeiramente à Cia. A e si possível os morteiros e os 2 canhões 37 que a Cia. B não os deve ter levado além da crista.

Missão deste Agrupamento de Fogo:

— Bater e neutralizar, por cima do escalão fogo, o inimigo que defende o 2.º objetivo.

— Bater preventivamente as orlas e a parte ocidental do Bosque Le Tremblée.

As Cias. A e B serão avisadas pela maneira por que vão ser apoiadas, conservando as Mrts. até á conquista do 2.º objetivo, a partir de onde deverão ser reunidas sob as ordens dum Tenente metralhador, e instalados de modo a constituírem o embrião de uma nova base de fogos, em vista da conquista do 3.º objetivo, tendo primeiramente como objetivos as orlas do Bosque Le Sang e a Região 375,3, vigiando porém, as alturas do Bosque la Grance e as que estão à NO do Bosque le Sang.

O Diretor consulta o relógio. A sessão durou ininterruptamente 1h,20 minutos e é preciso terminar, pois que, do mesmo modo, a demonstração procurada está obtida e basta-lhe agora uma curta exposição para resalta-la com toda evidência necessária.

Não se passará, entretanto, à execução das decisões que acabam de ser formuladas pelo Cap. Y. O Diretor pede simples-

mente ao Cap. M. que instale no local, segundo sua idéa, o agrupamento dos órgãos de fogo, que acaba de ser constituído sob seu Comando. Dispositivo realizado:

No centro da zona do Btl. duas secções Mtrs. reunidas, mas, não emassadas, sob o Comando de um dos Cmts. de Sec. Zona de ação: Garupa 375 (Sul do Bosque ZELIN) até o Bosque LA TREMBLÉE inclusive. Imediata abertura de fogo sobre toda a frente do BOSQUE ZELIN, até ao LA TREMBLÉE; repartição dos objetivos feita pelo comandante do grupamento.

Canhões 37: um a esquerda, com a zona de ação normal na direção dos BOSQUES ZELIN e GOUTTE BENNEQUIM; outro á direita, com a zona de ação normal para o BOSQUE LATREMBLÉE; estas peças devem poder atirar sobre a zona descoberta entre os BOSQUES GOUTTE BENNEQUIM e LA TREMBLÉE. Fogo privativo, a abrir por ordem do Cap. M ou do Tenente Comandante dos 37, que terá seu P. C. junto ao Cap. M.

Morteiros reunidos em um só grupamento, sob as ordens diretas do seu comandante, na pequena ravina à O da estrada. ZONA DE AÇÃO — Todo o terreno à O. do riacho L'ETANG até ao limite maximo de alcance, fogo privativo a abrir por ordem do Cap. M.

Remuniciamento geral.

P. C. do Cap. M junto do Cmt. Btl. (crista do 1.º objetivo, no meio da zona do Btl.).

N. B. — Sob pena de ultrapassar os limites de uma atenção proveitosa, um exercício desta natureza NÃO DEVE DURAR MAIS DO QUE UMA HORA E MEIA (compreendendo critica e realização); é bom ainda dividir a sessão em duas, de tres quartos de hora cada uma, separadas por intervlo de 15 minutos para repouso.

III — CRITICA

Conclusão e coroamento do exercício, a critica, como a moral, dum apologo, deve evidenciar duma maneira precisa, o ensinamento procurado e cabalmente demonstrado. E' missão exclusiva do Diretor. Acabaram-se as discussões.

A critica compreende duas partes:

- Um resumo em que se critica as disposições tomadas.
- Uma conclusão didatica breve e muito nitida.

1.º — O Btl. enquadrado tinha por missão atacar na sua frente, uma posição inimiga constituída por cristas sucessivas sensivelmente paralelas, em terreno quasi totalmente descoberto e sem grandes obstaculos naturais. As zonas de ação dos Btls. vizinhos, ao contrario, apresentam-se cobertas, bem vastas e ao norte, uma aldeia largamente desenvolvida, obstaculo em nada desprezível. Em frente de ataque cerca de 600 metros; reforço apreciavel nos meios de fogo (quasi todas as disponibilidades do regimento).

Nestas condições o comandante Z resolveu levar seu esforço pela esquerda, traduzindo esta decisão, primeiramente pelo dispositivo adotado para as Cias. A, B e C e depois pela atribuição dos meios de fogos mais numerosos e mais potentes à Cia. da esquerda do primeiro escalão. Além disso, reservou o emprego de quatro grupos de metralhadoras e um de morteiro, repartindo uniformemente sobre toda a frente o apoio de artilharia de que dispunha, dando-lhe a forma de barragem rolante.

A vontade de manobra e de apoio do movimento pelo fogo, está pois, perfeitamente nitida, e evidente (O Cmt. Z o explicou muito bem) que o dispositivo e a repartição dos meios visam a realizar esta vontade.

Qual foi o resultado?

a) O escalão de fogo é quasi imediatamente detido pelo fogo;

b) Para o Cap. A, impossibilidade de instalar as metralhadoras que marcham com ele. Possibilidade do tiro do grupo de morteiros deixado mais atrás, porém o capitão A, impotente de conduzir o fogo, opina que o Cmt. Btl. deve retomar a si o comando deste órgão.

c) Favorecido pelo terreno, o Capitão B pôde avançar um pouco mais e pôr em ação os seus órgãos de fogo suplementares. E' levado porém, a lhes dar objetivos situados fóra da sua zona de ação e mesmo fóra da do Btl. Seus órgãos não podem ser remuniciados e o grupo de morteiros está sem munição e quasi sem utilidade, desde o momento em que abriu o fogo.

d) A Cia. de reserva e os órgãos de fogo disponiveis, que marcham com ela, estão aferrados ao solo pelo fogo inimigo, tornando-os inuteis.

e) O Cmt. do Btl. não pode dispôr sinão de sua artilharia para combater o fogo que o entrava; mas, para fazer isto, será

necessario renunciar à barragem rolante, que entretanto, deixou a infantaria imobilizada.

Como se explicam esses resultados?

O inimigo para defender a frente 382,1 — ANGEOT, realizou um dispositivo de fogos que concentra no vale do RIACHO SAINT-NICOLAS os projetis lançados por metralhadoras dispersas na profundidade de sua posição e notadamente, no que interessa ao ataque do nosso Btl., no BOSQUE LA TREMBLÉE e na garupa O. de ANGEOT. (1)

Foram estes fogos que deteram o ataque no vale. Contra eles, os fuzileiros-volteadores são impotentes. São, portanto, os fogos mais perigosos para o ataque. Não porque eles matem melhor do que os tiros mais proximos, mas devido a sua dispersão e afastamento, as armas que os produzem, gosam de uma impunidade relativa e escapam em todo caso, á ação direta do 1.º escalão do ataque, mesmo provido de carros de combate.

Será sufficiente dar à este escalão os meios de lançar ao longe projectis poderosos? Não, por muitas razões, que acabamos de constatar: estas armas potentes, só difficilmente podem ser instaladas para o escalão avançado do ataque, em virtude da sua vulnerabilidade. Com excepção do morteiro, estas armas não poderiam atirar neste local, si não tivessem na sua frente elementos amigos. O remuniamento torna-se extremamente difficil e muitas vezes impossivel. Ainda admitindo que, elas tivessem munição e podessem atirar, achar-se-iam incapazes de uma ação coordenada entre elas, visto cada capitão ter licença para emprega-las como bem entendesse. Os objetivos longinquos, sobretudo que particularmente justificam os tiros dessas armas, estão quasi sempre fóra da zona de ação da companhia com que marcham pois acabamos de ver os projetis de metralhadoras, canhões e morteiros das companhias A e B se concentrarem fora da zona dessas companhias e até do Btl., sobre o BOSQUE LA TREMBLÉE e se encontrarem com os obuzes de artilharia enviados à pedido do Cmt. do Btl.

Esta coordenadação fortuita, poderia fazer illusão, pois obteve-se o resultado necessario: Dominar o fogo adverso, testemunhan-

(1) — Ver acima a necessidade para o Diretor, no curso da sua preparação do exercicio, de conceber um dispositivo logico e sufficientemente completo para os fogos da defesa.

do em todo caso, uma notavel unidade dedoutrinano Btl. Mas, não nos deixamos seduzir por ela!...

Notem bem vocês que, primeiramente os capitães A e B atiraram naturalmente sobre aquilo que os importunava — as metralhadoras do BOSQUE LA TREMBLÉE — e atiraram com os órgãos capazes de atingirem estes objetivos bastante afastados. Isto não é para diminuir os seus meritos, nem a qualidade de suas iniciativas e muito menos o senso tatico, felizmente inspirado. O Cmt. do grupo de morteiros, atribuindo primeiramente à Cia. A e logo obrigado a agir sem ordem, merece os mesmos elogios. Todos tres, foram dignos da confiança de seu comandante de batalhão, e na verdade, em suas ações simultaneas, cada um agiu como si major fosse.

Todos vocês já concluíram com efeito — como o Capitão Y manifestou nas suas explicações e decisões — que não é distribuindo entre seus capitães, metralhadoras, morteiros ou canhões que o Comandante de Batalhão auxilia da melhor maneira possivel seu escalão de fogo. NÃO SÃO ARMAMENTOS QUE ELE LHES DEVE DAR e SIM FOGOS UTEIS. Para serem uteis, estes fogos devem poder se aplicar oportunamente e com a potencia necessaria num vasto raio de ação, variavel em cada caso e mesmo em cada fase do combate, mas que o terreno indica sempre com precisão. Um tal emprego do fogo não é possivel sinão, pela centralização da direção e da conduta de fogo das armas em questão.

Estudo e vigilancia do terreno num vasto raio de ação, direção oportuna duma massa de fogos poderosos, tal é a base necessaria do acrescimo da potencia de fogo; dando assim na exata o papel e os deveres do comandante de batalhão na conduta do combate.

O Cap. Y nos mostrou que compreendeu bem este papel e deveres. Muito oportunamente procurou aproveitar-se duma serie de circunstancias favoraveis, para constituir em proveito do batalhão a "BASE DE FOGOS" em que fala o regulamento. Previu para o futuro, prescrevendo o necessario para o fracionamento e preparo do deslocamento desta base para a frente. Reservou a si, a direção do fogo desta base, conjuntamente com o emprego da artilharia de apoio direto. Confiou ao seu oficial metralhador a conduta de fogo de todos os seus meios, da mesma maneira que deixou ao artilheiro a conduta de fogo de suas bateria. Pôs em ação este fogo, preventivamente escolhendo os objetivos com um

grande senso tático do terreno e das possibilidades oferecidas pelo fogo defensivo do inimigo.

Todas essas disposições poderiam se realizar tão facilmente? Esta é uma outra questão que nós não poderemos estudar na carta, sem um excesso de hipoteses. A concepção porém é boa, assim como também o começo da realização indicada pelo Cap. M. Vocês tem pois, um bom exemplo duma BASE DE FOGOS bem compreendida.

2.º — Agora, concluamos do particular para o geral:

Atacar é avançar. Somente o fogo inimigo pode impedir que se avance, só podendo ser dominado pelo fogo. **UM DISPOSITIVO OFENSIVO E' POIS UM DISPOSITIVO DE FOGO COMBINADO, TENDO EM VISTA PERMITIR O MOVIMENTO.**

Só ha unidade reunindo em proporções convenientes os diversos meios de combate da infantaria. Só ha unidade onde a combinação de uns e outros possa ser convenientemente realizada — **O BATALHÃO E' A UNIDADE FUNDAMENTAL DE ATAQUE.**

As Companhias F. V. que fazem, sobretudo, o combate de movimento não têm meios para combater a mór parte dos fogos que as detém. Pois só possuem armas para o corpo a corpo ou de curto alcance, não podendo se utilizar de outros tipos. O combate de fogos pertence mais particularmente às metralhadoras pesadas, canhões 37, morteiros de infantaria, canhões de apoio direto, emfim todas as armas que exigem um certo retraimento para darem o seu rendimento total. **O COMANDANTE DO BATALHÃO E' O GRANDE MESTRE DESSES FOGOS,** porque só ele, está em condições de obter a coordenação e o feito da massa, como também de assegurar a direção no decorrer do combate e sua adaptação às necessidades do movimento.

A MANOBRA DO COMANDANTE DO BATALHÃO E' UMA MANOBRA PELOS FOGOS E O TERRENO A DETERMINA.

Para que estes projetis, instrumentos desta manobra, obedeçam ao Comandante de Batalhão, será necessario que as respectivas armas que os lançam, estejam reunidas, bem à mão, e à disposição do Major.

A BASE DE FOGOS necessaria à TODA infantaria que ataca, só pode ser constituida pelos órgãos de fogo do Batalhão (metralhadoras, canhões 37, Stockes).

O DESLOCAMENTO NECESSARIO DESTA BASE à medida que o ataque progride, será PROGRESSIVO, pois que o fogo deve ser continuo e o Batalhão dever dispor a qualquer momento

de uma base de fogos solida. Tal deslocamento deverá pois ser **PREVISTO E PREPARADO** (tanto no espirito como nas ordens iniciais ou sucessivas dadas pelo Chefe).

A artilharia de apoio direto está em condições de auxiliar a obter este resultado, para poder, de uma maneira melhor do que os órgãos de infantaria, deslocar seus fogos sem mover peças.

Poderá acontecer que o terreno interdito a constituição duma tal base de fogos, como no caso de terrenos extremamente cobertos ou compartimentados em excesso. O combate aí em seu conjunto escapa à vista do Comandante do Batalhão, que então está na obrigação de **RENUNCIAR A CENTRALIZAR OS FOGOS QUE NÃO PODE DIRIGIR**.

O Comandante da Companhia de Metralhadoras é o mais indicado para desempenhar o papel de Comandante da base de fogos do Batalhão, representando junto ao Major, o Chefe do Estado Maior para estes fogos, ou ainda, um papel analogo ao que o comandante da Artilharia Divisionaria desempenha junto ao General Comandante da D. I.

A seguir:

A COMPANHIA NO ATAQUE

A DEFESA NACIONAL

Conselho de Administração: — Renato Batista Nunes, Tristão de Alencar Araripe, Otávio da Silva Paranhos, Jair Dantas Ribeiro, Everaldino Alceste da Fonseca e João Dias Campos Junior.

TIROS ESPECIAIS DE METRALHADORAS

Pelo Cap. AUGUSTO CEZAR DE CASTRO MONIZ ARAGÃO

I — Um Esquadrão de Metralhadoras, cujos quadros não estão em condições de preparar um tiro amarrado, às grandes distâncias, mascarado ou indireto, não passa de um Esquadrão de Fuzileiros, sem grande mobilidade.

II — Nos corpos de tropa e na Escola das Armas tive a oportunidade de constatar, que, de um modo geral, os oficiais subalternos não sabem realizar os tiros especiais de metralhadoras. E' uma lastimavel verdade.

III — Com o objetivo de facilitar esta instrução nos corpos de tropa, apresento algumas sessões típicas, organizadas em colaboração com o Capitão MAURO MOUTINHO DA COSTA, então comandante do Esquadrão de Cavalaria da Escola Militar, para os cadetes desta unidade.

AUGUSTO CEZAR MONIZ DE ARAGÃO

Capitão, Instrutor da Escola das Armas

ESCOLA MILITAR

Chefia de Cavalaria

3.º Ano

INSTRUÇÃO DE TIRO

SESSÃO PARA O DIA 21 DE JULHO DE 1938

Local: Encostas N.O. de Cota 60 N. de VILA NOVA.

Hora: 8 (oito).

Turmas de Instrução: 1.º Pelotão.
4.º Pelotão.

Uniforme: de instrução, com equipamento.

Arreioamento: aliviado.

Material: 2 metralhadoras "Hotchkiss".

2 T.T. plataforma.

2 níveis de pontaria modelo 1918.

Tabela de tiro para metralhadora "Hotchkiss".

6 balisas bicolores.

20 estacas queixo.

4 croquis de amarração.

Ponto atingido pela instrução: Os cadetes conhecem o funcionamento e a nomenclatura da metralhadora "Hotchkiss".

Já receberam toda instrução preparatoria de metralhador.

Objetivo da sessão: Mostrar aos cadetes a necessidade de todo tiro ser amarrado.

Ensinar-lhe a técnica do tiro amarrado.

Quadro do exercício: Sendo eminentemente técnico, o exercício será executado fóra de qualquer idéa tática.

Execução do exercício: Vêr quadro n.º 1.

QUADRO N.º 1

Fazes	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
1.º)—Entrada em posição.	<p>1.º — Um remuniador coloca o T plataforma no local escolhido pelo Tenente, após rápida preparação que permita o giro horizontal do T, em torno do olhal.</p> <p>2.º) — Pelo olhal do T fincar uma estaca, que lhe permita girar horizontalmente.</p> <p>3.º) — O 1.º municiador coloca o reparo sobre o T, na posição alta, prendendo-o com as tranquetas.</p> <p>4.º) — O metralhador coloca a arma sobre o reparo.</p>	<p>1.º) — Para obter-se o máximo de estabilidade da metralhadora, é necessario fixa-la sobre uma plataforma de madeira, que por sua vez é presa ao solo. Devido a forma, esta plataforma tem o nome de T</p>	
2.º)—Colocação em vigilancia.	<p>1.º) — No limite esquerdo ou direito do setor, a 10 metros da peça, fincar uma baliza, bem na vertical.</p>	<p>1.º) — Toda peça que entra em posição é imediatamente apontada sobre uma direção bem determinada no ter-</p>	

Fazes	Operações a executar	Ensinaamentos	Observações
	<p>2.º) — Com a peça bloqueada em direção, com o índice em zéro caso a baliza esteja a direita ou em 100, no caso contrário, visar a baliza fazendo girar o T em torno do olhal.</p> <p>3.º) — Imobilizar fortemente o T plataforma, por meio de estacas queixo fortemente enterradas no sólo.</p>	<p>reno. Chama-se a isso, colocar a peça em vigilância.</p>	
3.º)—Amarração da pontaria em direção.	<p>1.º) — Visar o objetivo, deslocando a peça.</p> <p>2.º) — Ler a graduação do limbo e anota-lo no croquis de amarração do tiro (1).</p>	<p>1.º) — A cada objetivo corresponde:</p> <p>a) uma pontaria em direção;</p> <p>b) uma pontaria em alcance.</p>	<p>(1) No caso de se querer amarrar varios objetivos, iniciar a amarração da esquerda para a direita.</p>
4.º)—Amarração do tiro em alcance:	<p>1.º) — Visar o objetivo com a alça correspondente á distancia a que se encontra.</p>	<p>1.º) — Quando se visa um objetivo com a alça correspondente á distancia a que se</p>	<p>(1) — A alça da metralhadora "Hotchkiss" é graduada</p>

<p>1.º caso—Objetivos a menos de 2.000 ms.</p>	<p>2.) — Blocar a peça em altura.</p> <p>3.º) — Medir o Angulo de elevação, com auxilio do nivel de pontaria.</p> <p>4.º) — Anotar esta medida, Angulo de Elevação, no croquis de amarração.</p>	<p>encontra, o cano da peça toma uma inclinação, cujo angulo que a mede tem o nome de Angulo de Elevação.</p> <p>2.º) — Este angulo é a somma algebrica de Angulo de Sitio com o Angulo de Tiro.</p> <p>3.º) — Até 2.000 ms. o Angulo de Elevação é dado directamente pela metralhadora, visando-se o objetivo com a alça correspondente e medindo-se a inclinação do cano com o nivel de pontaria modelo 1918. (1)</p>	<p>para distancia até 2.000 metros.</p>
<p>5.º)—Amarração do tiro em alcance.</p> <p>2.º caso—Objetivos entre 2.000 e 3.000 metros (1).</p>	<p>1.º) — Visar o objetivo com a alça em branco.</p> <p>2.º) — Blocar a peça em altura.</p> <p>3.º) — Medir a inclinação do cano com o nivel de pontaria.</p> <p>Este angulo é o Angulo de Sitio, correspondente a Peça-Objetivo.</p>	<p>1.º) — Quando se visa um alvo com a alça em branco, a Linha de Visada se confunde, praticamente, com a Linha de Sitio.</p>	<p>(1) A tabela de tiro do Reg. n.º 10 só consigna os angulos de Projeção até 3.000 metros.</p>

Fazes	Operações a executar	Ensinaamentos	Observações
	<p>4.º) — Verificar na Tabela de Tiro qual o Angulo de Tiro para a distancia a que se encontra o objetivo.</p> <p>5.º) — Obter o Angulo de elevação, somando o Angulo de Sitio ao Angulo de Projeção.</p> <p>6.º) — Registrar este Angulo de Elevação no croquis de marcação do tiro.</p>		
6.º) — Execução da pontaria.	<p>I — Pontaria em direção.</p> <p>1.º) — Deslocar o cano para o lado em que está o objetivo colocando o indice sobre a graduação do limbo, correspondente á anotada no croquis de amarração do tiro.</p> <p>2.º) — Bloquear a peça nesta posição.</p>		

	<p>3.º) — Colocar os limitadores de ceifa de modo a realizar a ceifa prevista pelo comandante de Seção.</p> <p>II — Pontaria em alcance</p> <p>1.º) — Graduar o nível de acôrdo com o Angulo de Elevação anotado no croquis para o objetivo considerado.</p> <p>2.º) — Colocar o nível de pontaria sobre o cano.</p> <p>3.º) — Agir sobre o volante de elevação de modo a trazer a bolha de ar entre os dois traços de referencia do nível.</p>		
<p>7.º) — Execução do tiro.</p>	<p>1.º) — Executar o tiro em séries.</p> <p>2.º) — Verificar frequentemente, durante o tiro, a posição da bolha de nível.</p>		

ESCOLA MILITAR
Chefia de Cavalaria**Instrução de tiro****SESSÃO PARA O DIA 3 DE AGOSTO DE 1938****Local:** Sala 11.**Hora:** 8 (oito).**Turmas de instrução:** 1.º Pelotão.
4.º Pelotão.**Uniforme:** de instrução.**Material:** Regulamento n.º 10.

Tabelas de tiro.

Papel.

Lapis.

Borracha.

Compasso.

Transferidor.

Papel para calco.

Carta da VILA MILITAR — 1:20.000.

Ponto atingido pela instrução: Os cadetes já trabalharam, no tiro amarrado e mascarado, com as tabelas de tiro.**Objetivo da sessão:** Ensinar aos cadetes fazerem o tiro de metralhadoras às grandes distâncias.**Quadro do exercício:** Sendo eminentemente técnico, o exercício será realizado fóra de qualquer idéa tática.**Dados do problema:**

- a) Posição da peça (099770-101260).
- b) Posição do objetivo (102370-100290).
- c) Boletim de sondagem:
 - Hora da sondagem 10 horas.
 - Altura do ponto de sondagem: 30 ms.
 - Temperatura: 34°.
 - Estado higrométrico: 2 (1)
 - Pressão: 750 m|m.
 - Direção do vento: 4.800.
 - Velocidade do vento: 7 ms.

Execução do exercício: Vêr quadro anexo.

NOTA — (1) O estado higrométrico ou humidade relativa varia de 0 (zero) a 1 (um). Este 2 (dois) corresponde pois a 0,5 (meio).

Fazes	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
I — Localização na carta da posição de tiro e do objetivo.	I — Utilizar as coordenadas da posição de peça e do objetivo e os conhecimentos topograficos que possuem (1) (2).		(1) A peça está em M.º do PAIOL sôbre a curva de nível 50, no ponto em que se interrompe a L. do 0 (zéro) de 50. (2) O objetivo está no ponto cotado 14 (600 metros S.W. da Est. HONORIO GURGEL.
II — Cálculo do angulo de elevação inicial.	II — Determinar a distância topográfica entre a posição de tiro e o objetivo: a) Com o duplo decímetro tomar a distância entre os dois pontos (0m,14); b) Calcular a que distância natural corresponde essa distância tomada na carta (2.800 ms.).	I — Leitura da carta: Emprêgo da escala numérica. II — Para se obter o sitio em milésimos é bastante dividir a diferença de nível pela distância, topográfica em quilometros. III — Chama-se ângulo de elevação inicial ao ângulo	

Fazes	Operações a executar	Ensinos	Observações
	<p>III — Determinar o ângulo de sitio:</p> <p>a) Determinar a diferença de nível (— 36 metros);</p> <p>b) Transformar esta grandeza linear em grandeza angular (— 12 mls. 8).</p> <p>IV — Calcular o ângulo de elevação inicial ($E = \alpha + S$).</p> <p>a) Somar ao ângulo de sitio ($S = -12,8$), o ângulo de tiro correspondente ao alcance de 2.800 ms. (+ 188,0).</p> <p>$Nc = + 188,0 + (- 12,8) = 175,2$.</p>	<p>correspondente à inclinação a dar-se ao cano da arma para determinado tiro, sem se levar em conta as correções.</p> <p>Em contraposição, dá-se o nome de ângulo de elevação do momento à inclinação dada ao cano para determinado tiro, após terem sido introduzidos as correções atmosféricas do momento. Também se chama ângulo de elevação corrigido.</p>	
III — Correção da pontaria em alcance determinação do ângulo de elevação corrigido ou do momento.	<p>V — Determinar a correção temperatura e pressão a fazer:</p> <p>a) Calcular a pressão a 50 metros de altura, em função da pressão 750 para</p>	<p>IV — A cada 100 metros de aumento na altitude, corresponde uma diminuição de 9 m m. na pressão atmosférica.</p> <p>Logo, para um aumento de</p>	(3) 748.2 que, por aproximação, tomou-se 748.

a altura de 30 metros, 20 metros corresponde uma diminuição de dada no boletim de son-dagem.

$$P \ 50 = 750 - \frac{9 \times 20}{100} =$$

$$= 748 \ (3)$$

$$\frac{9 \times 20}{100}$$

- b) Entrar com este valor para a pressão e 34° para a temperatura no abaco V do Reg. n.º 10, achando para o **pêso de 1^{m3} de ar:**

1 kgm. 118

- c) Entrar com este valôr na tabela das variações dos ângulos de tiro em função do alcance, tabela VII do Reg. n.º 10, encontrando-se para correção o **pêso de 1^{m3} de ar** (temperatura e pressão):

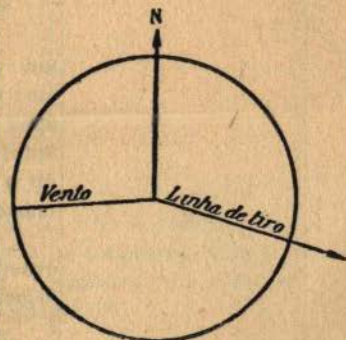
— 12,mlm. 54

- VI — **Calcular a correção vento a introduzir:**

V — Entrando com o valor de 748 para pressão e 34 para temperatura no ábaco V, vê-se que o **pêso de 1^{m3} de ar** está entre 1,k125 e 1,k115, donde intercalando-se tem-se que o **pêso de 1^{m3} de ar** é igual a 1,k118.

VI — A tabela VII foi construída em uma atmosfera cujo **pêso do metro cubico** é de 1,kgm.175. Logo, entra o **pêso da atmosfera da tabela** e a do tiro a realizar ha uma diferença de — 57 grs..

Ora, si a 2.800, para uma diferença de **pêso do ar** de 100 grs., ha necessidade de



Fazes	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
	<p>a) Construir, graficamente, em papel de calco o ângulo formado pela direção do vento com a linha de tiro (4).</p> <p>b) Aplicar a figura, assim construída, sobre a rosacea da tabela III do Reg. n.º 10, de modo que a linha correspondente à linha de tiro fique sobre a seta (Alvo).</p> <p>c) Verificar sobre que gradação está a linha correspondente à direção do vento. Sobre 18, mede, negativo.</p> <p>d) Ir na taboa dos alcances, na coluna do vento por segundo, procurar 7. No ponto de encontro da linha verde com o alcance de 2.300 ms. tomar a cor-</p>	<p>uma correção de 22 mlm., para uma diferença de — 57, haverá de:</p> $\frac{22 \times 57}{100} = - 12,54$ <p>VII — A direção do vento, 4.800 ml., é dada em relação ao Norte geográfico.</p> <p>Para têr-se o ângulo formado pela direção do vento e direção do tiro, é bastante construir os ângulos que cada uma das direções forma com a direção do Norte em um mesmo papel (4).</p> <p><) = vento menos tiro.</p> <p>Soma-se 6.400 m. quando</p> <p><) vento < <) tiro</p>	

	<p>reção aí consignada. Dar-lhe o sinal negativo" — — 13.</p> <p>VII — Calcular o ângulo de elevação do momento (ou corrigir);</p> <p>a) Somar o ângulo de elevação inicial (175,2) as correções de peso do m3 de ar (—12,54) e vento (— 13)</p> <p>$Nm = 175,2 + (-12,5) + (-13) = 149,ml.7.$</p>		
IV — Correção da pontaria em direção: determinação do limbo do momento.	<p>VIII — Determinar a correção vento a fazer:</p> <p>a) Colocar sobre a rosácea da tabela IV do Reg. n.º 10 a pagina (4), nas mesmas condições da letra b, do item VI.</p> <p>b) Executar as mesmas operações descritas nas letras c e d do item VI.</p>	<p>VII — Limbo inicial é o limbo segundo o qual se visa o objetivo.</p> <p>Limbo do momento é o limbo, segundo o qual se faz o tiro, após a introdução das correções.</p> <p>IX — Cada divisão do limbo corresponde a 10 milésimos ou seja um decamilesimo.</p>	<p>(5) A metralhada é apontada sobre o objetivo com o limbo em 70.</p>

Fazes	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
	<p>b) Executar as mesmas operações descritas nas letras c e d do item VI, encontrando para correção vento: — 7 ml.</p> <p>IX — Calcular o limbo do momento (5):</p> <p>a) Somar ao limbo 70 a correção vento (— 0,7).</p> <p>$Lm = 70 + (-0,7) = 69,3$</p>		
V — Execução do tiro.	<p>X — Apontar em direção:</p> <p>a) Deslocar o cano, colocando o índice entre as graduações 69 e 70, mais ou menos a 3 décimos daquela.</p> <p>b) Bloquear a peça em direção</p> <p>c) Colocar os limitadores de ceifa de modo a realizar</p>		

a ceifa prevista pelo comandante da Secção.

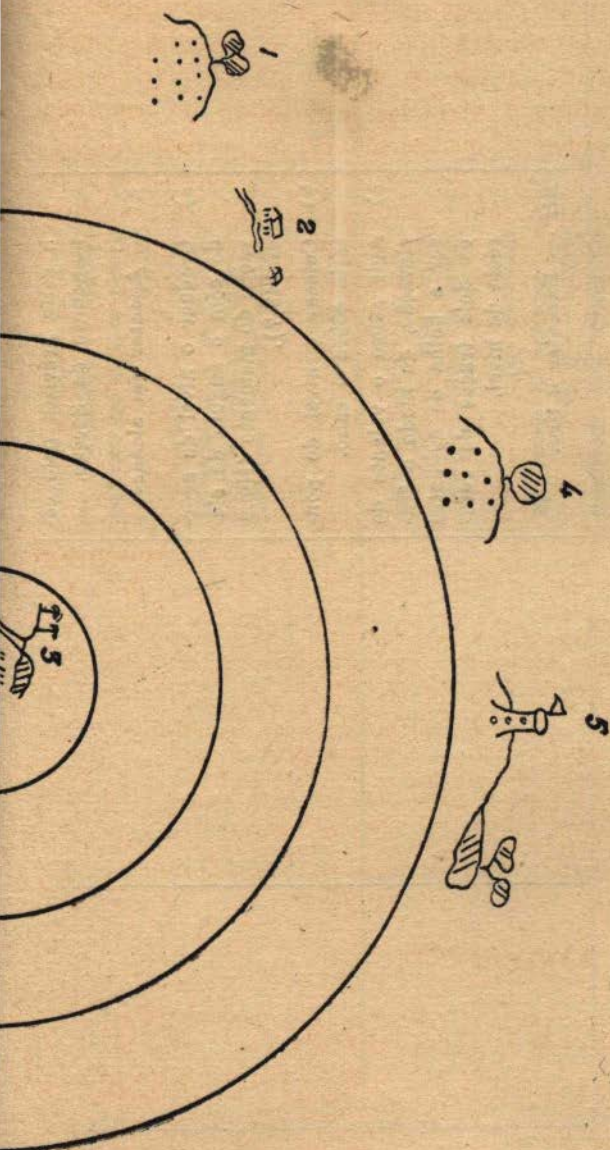
XI — Apontar em alcance:

- a) Graduar o nível de acordo com o ângulo de elevação do momento ($Nm = 149,7$).
- b) Colocar o nível de pontaria sobre o cano.
- c) Agir sobre o volante de elevação, de modo a trazer a bolha de ar entre os dois traços de referência do nível.

XII — Executar o tiro.

CROQUIS DE AMARBAÇÃO

Objetivos	Limbo	Alt. can- ces.	Sitio	Ang. de tiro	Ang. elev.
1	94,6	2,600	-9	198,00	147,00
2	87,0	2,100	+2	99,00	101,00
3	81,0	4,80	—	—	3,70
4	79,0	2,700	+8	173,00	141,00
5	68,5	2,500	+12	144,00	136,00



CONSIDERAÇÕES SOBRE O EMPREGO DOS CANHÕES E MORTEIROS

Major DJALMA DIAS RIBEIRO

Todos os oficiais do Exército devem ler o presente artigo, escrito com clareza, concisão e precisão, por um dos mais habéis artilheiros que possuímos.

O Autor focalizou um assunto palpitante, sobre o qual temos muito que pensar. Os chineses estão fazendo face aos nipons apenas com o morteiro que, após um ano de guerra, foi, também, largamente distribuído à infantaria japonesa.

O Major Djalma tem autoridade para falar acerca da questão, pois foi professor eficiente na antiga E. A. O. e, agora, no sub-comando do Grupo Escola, deixou claramente provado que, dia a dia, se torna um oficial mais completo e dedicado exclusivamente aos mistéres da sua profissão.
(Nota da Redação).

Preliminares

Quando surgiu o canhão e os Exércitos organizaram a Arma de Artilharia, pareceu, aos observadores entusiastas da nova Arma, que só ela resolveria todos os problemas do campo de batalha e o país que fosse melhor dotado de canhões, teria o adversário a sua mercê.

A história, entretanto, aí está para demonstrar que os acontecimentos não tomaram estes rumos. O canhão, indiscutivelmente, veio modificar a manobra das unidades e tornar-se, desta forma, um colaborador precioso no quadro dos Exércitos.

Passam-se os tempos e, surge como elemento de combate, o avião — que fez prodígios na guerra 1914/1918, quando ainda em estágio primário. A nova arma empolga os meios militares e leva os Exércitos a organizarem a sua Aviação Militar qualitativa e quantitativamente, nas máximas proporções compatíveis com

os respectivos orçamentos nacionais. Aperfeiçoado continuamente o elemento de combate da terceira dimensão, fica a impressão que o avião vai representar o papel capital, preponderante na guerra futura, relegando para um plano secundário as forças de terra e de mar.

Vem a guerra da Espanha, irrompe a Grande Guerra de 1939 e não obstante a Aviação prestar um serviço de real valor, ela não supre, nem apaga o papel das demais armas, que continuam a desempenhar, com galhardia e brilho, as suas árduas tarefas nos campos de batalha.

Com o aparecimento de novos engenhos de guerra, vem, muitas vezes, a alguns, a impressão que determinadas Armas vão entrar em declínio, perder sua finalidade, esquecidos, êstes exaltados admiradores das novidades, que todas elas têm a sua oportunidade de emprego harmonioso nos combates variados do campo de luta.

Com o advento do avião e do motor, a Cavalaria passou durante uma época a ser uma Arma de utilidade discutida e os cavalarianos sentiram o travo das opiniões dos menos avisados, que a julgavam sem influência ponderável no desenrolar das batalhas. Mas a Arma de Andrade Neves adaptou-se rapidamente aos novos meios que lhe forem proporcionados e manteve invicto o "panache" conquistado na epopéia Napoleônica e hoje, como ontem, a sua ação é desempenhada com a audácia, o entusiasmo e a bravura que formam seu tradicional apanágio.

Os engenhos de tiro curvo, surgidos diante de Porto Artur, na Guerra Russo-Japonesa, imediatamente depois de adotados pela Alemanha e só bem mais tarde fazendo parte da organização do Exército Francês, têm dado agora a falsa impressão, a um punhado de profissionais, que êste novo armamento pode substituir o ca-

nhão e que a Arma de Artilharia vai ter o seu brilho empanado.

E' este ponto de vista que pretendemos analisar, tentando mostrar que canhão e morteiro se completam no fornecimento de fogos sobre o terreno, têm aplicações harmônicas no combate, um remata as deficiências do outro; o seu emprêgo e a sua finalidade, porém são diferentes e um não substitue o outro.

O morteiro

E' verdade conhecida que a manobra das pequenas unidades está estreitamente subordinada às propriedades técnicas do armamento usado; e, assim, quando appareceu, na Infantaria e na Cavalaria, a metralhadora, a manobra das pequenas unidades destas Armas foi grandemente modificada, alcançando uma grande eficiência, notadamente na defensiva, onde a arma automática, abrigada e colocada atrás de um obstáculo, podia realizar uma barragem sobre larga faixa de terreno, impossivel de ser transposta pelos atacantes, que, ao tentar atravessá-la, ficavam sob a ação do tramo realizado pelas trajetórias das armas da defesa.

O atacante, infante ou cavaleiro, não dispunha organicamente de meios próprios para atingir o defensor abrigado em seus ninhos, e desta forma este ficava com marcante superioridade sobre aquele.

Para restabelecer o equilíbrio entre o defensor abrigado e o atacante descoberto é, que surgiu na Infantaria e na Cavalaria o engenho de tiro curvo, o qual, de 1904 até aos nossos dias, vem conquistando, nas ações ofensivas, a primazia entre o armamento orgânico destas duas Armas.

E isto porque, a potência do fogo, se apresenta sob dos aspectos distintos e inconfundíveis: fogo ofensivo e fogo defensivo.

Na defensiva, já vimos, o fogo rasante das metralhadoras tem a eficácia bastante contra o assaltante que é obrigado a se descobrir para progredir e que cairá fatalmente sob os fogos das armas automáticas da defesa, que, estáveis e abrigadas, executam o tiro em zonas pre-estabelecidas, sistemáticas.

Na ofensiva, o fogo deve neutralizar e destruir o defensor que se encontra abrigado e atrás de um obstáculo, tornando-o incapaz de impedir a progressão do atacante. Para atingir êste defensor, é necessário que os projetis do atacante incidam no terreno sôbre grandes ângulos, o que só é conseguido com o emprêgo dos engenhos de tiro curvo.

Conclue-se, daí, que, para a Infantaria e Cavalaria, a metralhadora é a arma capital da defensiva e o morteiro é a arma essencial da ofensiva. Como é natural e lógico isto não implica em afirmar que a metralhadora não tenha um papel a desempenhar na ofensiva e que o morteiro deva permanecer inerte da defensiva.

Parece oportuno deixar aqui bem assente, que os tiros feitos pelos morteiros, assim como o das metralhadoras, ficam restritos à zona imediata da frente compatíveis com as suas possibilidades de alcance; a partir daí e em toda a profundidade em que se escalonam os elementos adversários, ficam êstes fora da ação dos fogos das armas da Infantaria e da Cavalaria.

Inicialmente o morteiro de 81 m/m fez um estágio no Regimento. Era a arma com que o Coronel exercia a sua vontade, seja antes da ação, atribuindo-o a um dos Batalhões, seja depois de desencadeado o combate, acionando o seu fogo em proveito de determinada unidade.

Em seguida a prática demonstrou que o morteiro era necessário no Batalhão e o Batalhão foi dotado organicamente deste engenho de tiro curvo.

Hoje, finalmente, é ponto assente, nos principais Exércitos, que o morteiro é imprescindível na Companhia de Fuzileiros. Na França "o morteiro de 60 constitui o seu principal engenho ofensivo", conforme especifica o artigo 207 das "Instruções provisórias do Morteiro 60" de 25-II-936.

Entre nós, as Companhias de Fuzileiros não dispõem ainda de morteiros, mas a sua adoção é de tal forma evidente, sua utilização e emprêgo aparecem como tão exuberantemente necessários ao mais simples análise, que tudo faz crer não haverá demora em incluí-lo no armamento orgânico destas sub-unidades.

No momento em que se agita o problema de dotar o Exército de mais uma espécie de armamento, é necessário bem ponderar sobre a sua influência no problema vital do remuniciamento.

A fabricação do cartucho para o morteiro de 60 m/m será um encargo a mais imposto à nossa incipiente indústria militar e, tal fato, merece ser analisado com espírito desapassionado; a questão do transporte da munição apresenta também uma face interessante da questão e que requer exame, parecendo merecer especial atenção a solução encontrada na França pela adoção da Chenillette Renault, que teve uma influência considerável, para remover as dificuldades do remuniciamento.

Bem pesadas as vantagens e as dificuldades que possam trazer a inclusão do morteiro de 60 m/m, somos de opinião que ele deve fazer parte do armamento orgânico das nossas Companhias de Fuzileiros e Esquadrões de Cavalaria.

O canhão.

Em estudos desta natureza é preciso lembrar que **“A artilharia é, por excelência a arma dos fogos poderosos, largos e profundos”**.

Para quem conhece as possibilidades do armamento bélico moderno, não pode restar dúvida que a Artilharia e só a Artilharia é capaz de realizar estes fogos.

Além disto, a Artilharia é a arma do Chefe, por excelência — traduz a sua idéia de manobra, expressa a sua vontade, inicialmente pelo dispositivo tomado e, no correr do combate, quando êste dispositivo sofre as modificações resultantes das reações do adversário, no momento em que a Infantaria e a Cavalaria estão empenhadas e consequentemente sem capacidade de executar novas missões, a Artilharia permanece sob a direção do Chefe, livre e capaz de fazer sentir a sua vontade no ponto visado e com a intensidade requerida.

Em virtude das características técnicas do canhão e de suas possibilidades, as missões de fogo pedidas à Artilharia nas diferentes fases da batalha podem ser resumidas e enquadradas nas três principais:

- ações longinquas;
- luta contra a artilharia inimiga; e
- ações na zona imediata do combate.

As missões compreendidas nas duas primeiras categorias só podem ser realizadas pelo canhão com seus fogos poderosos, largos e profundos, mostrando-se os demais armamentos incapazes de aí cooperarem com a arma de Mallet.

Na zona imediata do combate, a Artilharia apenas auxilia a Infantaria ou a Cavalaria, fornecendo um su-

plemento de fogo, ao fogo dos diferentes armamentos que estas duas Armas empregam.

No emprêgo da Artilharia é preciso ter a exata compreensão das possibilidades da Arma e saber tirar daí o máximo efeito.

Emprêgo do canhão e do morteiro na ofensiva.

Sem analisarmos todas as fases do combate ofensivo, procuraremos mostrar, em linhas gerais, o emprêgo do armamento que estamos estudando.

“Na ofensiva — prescrevem as Instruções de 25 de fevereiro citadas — o morteiro 60 é empregado unicamente em missão de acompanhamento”, não executa portanto, os tiros de apôio, nem toma parte na preparação do ataque.

E' por excelência a arma que dispõe o Capitão para quebrar as resistências fragmentárias que se opuzerem à progressão de seus Grupos de Combate, devendo, assim, manter estreita ligação com êle, para abrir o fogo quasi ao mesmo tempo que a resistência aparece, e estar com a sua dotação de munição completa no instante em que se desencadear o ataque.

Só procedendo desta forma pode a Companhia de Fuzileiros ou o Esquadrão de Cavalaria progredir rapidamente.

A destruição e a neutralização das resistências que se revelarem, no momento do desencadeamento do ataque, cabem a base de fogos, isto é, às metralhadoras e aos morteiros de 81 m/m, sendo que êstes morteiros já podem ter cooperado na preparação, nos pontos em que os canhões não são suficientes para bater.

A Artilharia tem na ofensiva um papel preponderante, destruindo ou neutralizando os obstáculos que se

opõem à progressão da Infantaria ou Cavalaria, além do limite da zona de segurança destas armas, sob a condição única de que estes obstáculos estejam previstos com tempo necessário, para que a Artilharia, preparando o seu tiro, realize um fogo oportuno. Não é possível pensar que uma resistência, um ninho de metralhadoras que surge durante um lance de Companhia ou Esquadrão, ou que desponte no flanco de um batalhão possa ser imediatamente neutralizada pela artilharia que se encontra grandemente afastada. Estas resistências devem ser reduzidas pelos próprios engenhos de tiro curvo da Infantaria e Cavalaria.

À Artilharia cabe realizar as ações:

- longinquoas;
 - contra a artilharia inimiga;
 - na zona imediata do combate;
- estas últimas dentro das condições que indicamos.

O emprêgo do canhão e do morteiro na defensiva.

Na defensiva, conforme tivemos ocasião de afirmar, as armas de tiro rasante têm ensejo de encontrar o máximo de seu rendimento, cabendo às metralhadoras o papel preponderante.

Os morteiros de 60 e 81 m/m, especialmente este último, servem para bater as partes do terreno em ângulo morto, que ficam, assim, fóra dos efeitos dos tiros das armas automáticas; também a estes engenhos podem ser confiadas as missões de tiros no interior da posição, caso o inimigo consiga progredir aí.

Um outro emprêgo ideal para os morteiros, em particular para o de 60 m/m, será nos contra-ataques imediatos, cuja execução demanda rapidez na ação e é tão

delicada pelas dificuldades de ligação entre as Companhias de Fuzileiros ou Esquadrões, o Batalhão ou Regimento e a Artilharia de apôio direto.

A Artilharia cabem as ações:

- longinquas;
- contra a artilharia inimiga; e
- na zona imediata do combate, no que diz respeito aos tiros de contra preparação, de barragem e no interior de posição, que tenham sido previstos.

Conclusões:

Parece que do rápido estudo que acabamos de realizar podemos tirar algumas conclusões, interessantes apesar de conhecidas e aceitas:

A Infantaria e Cavalaria devem possuir organicamente:

- 1 morteiro de 60 m/m na Companhia de Fuzileiro ou Esquadrão de Cavalaria;
- 2 morteiros de 81 m/m no Batalhão ou Regimento de Cavalaria;
- 4 morteiros de 81 m/m no Regimento de Infantaria.

Dada a necessária e acentuada tendência para aligeirar a Infantaria e a Cavalaria e as dificuldades que o remuniciamento apresenta, o número de morteiros não deve ultrapassar o indicado acima.

Finalmente, o emprêgo do morteiro, que tão assinalados serviços veio prestar, em nada diminuiu o valor e a necessidade do emprêgo da Artilharia que no campo de batalha tem missões particulares que as demais Armas não podem realizar.



Feira Internacional de Amostras

LEIPZIG – Alemanha

1940

3 a 8 de Março



Exposição Internacional de artigos
de uso geral.

Bugra-Exposição de machinario para
impressão, artefactos de papel e
papelão etc.

Exposições collectivas de 12 paizes.

60% de desconto nas Estradas de
Ferro Allemãs.

Serviço de trens especiaes dos
paizes adjacentes.

Serviço de alojamento no hall da
estação central.

Demais informações com o Delegado Official da
Feira de Leipzig para o Brasil.

Rua da Assembléa, 104 - s. 907/913- Caixa Postal 1597

E com os Representantes Honorarios nas capitães dos Estados

Phone: 42-7135 — Rio de Janeiro

A organização do ensino no Japão

Do primeiro Jardim da Infância até os nossos dias — Instrução elementar — Educação civica desde os primeiros anos — Papel dos pais — Todo o menino japonês sabe marchar — Escolas de noivas — Como se escolhe uma esposa — Cuidado com a educação física — Desenvolvimento do esporte — O problema da alimentação — Organização universitária — A prática superando a teoria — O plano Hirao e sua aplicação no Brasil — Menos doutores — Escolas de geishas — O major Lima Figueirêdo discorrendo sobre a instrução no grande império oriental.

Rio, dezembro (Bureau Interestadual de Imprensa) — O major Lima Figueirêdo, observador do Exército brasileiro junto às forças japonesas, em campanha na China, aproveitou a permanência no Oriente para realizar estudos pormenorizados sobre os aspectos mais interessante da vida nacional do Japão.

A mesma objetividade com que viu e analisou os problemas brasileiros, (seus livros demonstram um espírito amadurecido na meditação da nossa realidade, seguro na apreensão dos fenômenos e nas conclusões) encontramos nas suas observações sobre o grande império oriental.

O major Lima Figueirêdo soube penetrar a vida japonesa. Seus olhos lucidos não ficavam nas exterioridades, no pitoresco. Penetraram o espirito desse povo admirável que, em menos de um século, creou uma grande potência, vencendo todos os obstáculos, — os de uma civilização fechada, enquistada em hábitos multi-seculares e os de natureza física. Esta ocidentalização rápida revela as grandes qualidades de inteligência e de ação do japônês.

O major Lima Figueirêdo dedicou especial cuidado ao estudo da organização do ensino no império japonês. Sobre o assunto nos falou longamente, fornecendo-nos dados interessantes e externando-se em observações felizes.

Primeira balisa para a formação do grande Japão

O problema da educação, principiou o nosso entrevistado, foi a primeira balisa para a grandeza do Japão atual. O primeiro "jardim da infância" foi aberto em 1876. Em 1934, contava o país 1.786, com 5.521 professores e 133.735 alunos. Nestas escolas frequentam crianças de menos de três anos, que nelas permanecem até aos cinco. Em cada estabelecimento ha um número limite de 120 alunos e cada professor cuida de 40 alunos no máximo.

Compreenderam as autoridades nipônicas que, desde cedo, se deve incutir no espirito do menino a idéa de um nacionalismo puro e o culto de todos aquêles que trabalham pela grandesa do país.

Estas crianças recebem, no meio dos divertimentos que lhe são proporcionados, o espírito japonês, através de canções, jogos e recitativos.

Educação elementar

Ao sair do jardim da infância, com a idade de 6 a 7 anos, o menino está perfeitamente orientado dentro das diretivas do governo japonês. O objetivo da educação elementar é incutir no pensamento da criança os elementos da moral oriental e dar-lhe uma educação geral, conhecimentos e habilidades, para que possa conduzir-se na vida prática, ao mesmo tempo que cuide do seu desenvolvimento físico.

A criança japonesa, de início, sente muita dificuldade, pois, além do alfabeto denominado "catacana", com quarenta e oito simbolos, ela é obrigada a saber, no mínimo três mil caractéres chineses para lêr os livros elementares. Sucede com isto que uma criança nossa, com 11 anos, tem o raciocinio mais desenvolvido e maior vivacidade do que um joven japonês de 15 a 16 anos. Aquí, como em todo o Ocidente, com vinte ou vinte e dois anos os rapazes já podem enfrentar a vida por si sós.

No Japão, não é assim. Geralmente, o homem termina seus estudos dos 25 aos 27 anos.

Todo menino japonês sabe marchar

Desde os primeiros anos é dada à criança educação militar. Todo o menino japonês sabe marchar. As meninas sabem jo-

gar esgrima japonesa e jiu-jitsu que é ensinado com carinho especial. Apesar dessa educação militar, dada quasi desde o berço, ninguém é dispensado do serviço militar feito na caserna.

A função dos pais

Depois de outras considerações sôbre o ensino militar, continúa o major Lima Figueirêdo, o papel principal na formação da criança nipônica, é exercida pelos pais, no lar. O lar é a primeira escola. Há, para este trabalho, um centro inicial que é exercido nas escolas para noivas.

Escolas para noivas

A curiosidade do reporter se traduz numa pergunta, que o entrevistado dá pressa em satisfazer.

Nas escolas para noivas, que são um curso superior para moças, recebem as alunas toda a instrução necessária a u'a mãe de família e a uma perfeita dona de casa, orientando tudo dentro de um espirito nacionalista às vezes exagerado.

Onde não entra o amor

Quando um rapaz quer casar-se, continúa o major Lima Figueirêdo, comunica seu desejo ao pai. Este vái à escola de moças pedir ao seu diretor informações acêrca de uma mulher trabalhadeira, pontual, caprichosa, patriota, que possa ser a celula inicial da formação da familia do seu filho.

Nem o amor, nem a belesa, nem a graça entram em linha de conta para esta decisão.

Há tambem escolas para noivas de colonos, onde as moças recebem uma educação completa, de modo que possam auxiliar os seus futuros maridos nos trabalhos do campo e da casa.

Tocando neste assunto, cumpre-me declarar que o japonês procura quasi sempre casar-se com uma patricia sua, porque esta tem a mesma formação mental. Todavia, êle se une gostosamente ao branco, mas êste costuma repudiar o amarelo. Pelo contrário, por um complexo de superioridade, o nipon não deseja, nunca, ligar-se ao negro. E daí, a existência quasi que exclusiva de casamentos de amarelo com amarelo.

Excursionismo

Existe no Japão uma prática que deveria ser posta em execução no Brasil. E' a das excursões de crianças pelos campos e pelas montanhas. Todo gurí japonês é um escoteiro. Uma vês por semana, pelo menos, êle passeia com seus colegas e professores, que lhes dão ensinamentos diante do livro da natureza. Não se vê, nunca, um menino vagabundo nas ruas. Mesmo nas praias de banho ha professores para ministrar educação física à petizada.

Educação física

O reporter faz uma pergunta sôbre a educação física no Japão.

E o nosso entrevistado continúa: A educação física no Japão possúe papel saliente. O instrutor é acompanhado "pari-passu", pelo medico e em todas as escolas há aparelhagem completa que visa o fortalecimento da saúde da criança. O vestuario japonês -- quimono -- mereceu a culpa do fraco desenvolvimento da criança. A menina, principalmente, nasce amarrada no "obi" que lhe alonga o tronco e atrofia os seios. Hoje, nas escolas, todas as meninas são obrigadas a comparecerem com o traje europeu, que lhes permite todos os movimentos. A parte esportiva tomou um desenvolvimento extraordinario e a prova são as performances obtidas pelo Japão nos campeonatos internacionais. O esporte não é praticado em clubes, como em nosso país, e, sim nas Universities. Estabeleceram-se campeonatos entre elas, com enorme e animada assistencia. Não ha profissionais. Sómente os técnicos vivem do esporte. Muitas vezes, um atleta, ao concluir o curso universitário, ao envez de ir exêrcer a sua profissão, é contratado como técnico, por um certo período, dentro do qual êle é profissional. Os japoneses fazem o esporte não só pelo esporte, como conscientes de que estão trabalhando pelo fortalecimento físico da raça e pelo nome do seu país nas pelepas internacionais, a que forem chamados. Lá não há como aquí, homens que se batem pelo dinheiro e que recebem tratamento como cavalos de corrida.

Hábitos nocivos

Um hábito japonês a ser combatido é o de sentar-se no chão, que traz, como consequencia, ficarem as pessoas com as pernas muito curtas.

Ainda deve ser abolido o costume das crianças serem carregadas nas costas que acarreta ficarem as mesmas com os membros inferiores completamente curvados.

Fica-se com pena das meninas encantadoras que trabalham nas companhias de revistas e apresentam despidas as pernas que são verdadeiros bодоques.

Alimentação

As autoridades nipônicas trabalham afincadamente para fortalecer a sua gente. Um dos cuidados essenciaes é o da alimentação da criança. As escolas cuidam, com extremo cuidado, desse problema que, todavia, ainda não foi solucionado totalmente, em virtude da grande pobreza existente em algumas regiões do país.

Notando que havia uma grande mortalidade infantil, foi instituido um curso de estudos para as mães, afim de orienta-las antes e depois do parto. Este curso é de duas horas por dia e durante duas semanas. Multiplicam-se, tambem, associações — cuja principal é a Associação dos Homens Jovens — que têm por escopo incutir no povo, cada vês mais, o espirito de nacionalidade ou melhor o japonismo, de modo que, mesmo longe da pátria, o nipônico seja sempre nipon. Essas idéias passam a circular nas suas veias como o próprio sangue.

Ensino universitário

O major Lima Figueirêdo tece, ainda, outras considerações sobre o espirito nacional do japonês e, a seguir, aborda o ensino universitário.

— O ensino superior no Japão está extraordinariamente desenvolvido. Há grande número de Universidades. A principal é a Universidade Imperial de Tóquio, que fica no meio de uma grande praça ajardinada e possui cursos de engenharia, medicina, odontologia, direito, agricultura, filosofia, línguas modernas, etc..

As principais cabeças do Japão têm saído dessa Universidade. Seus professores são recrutados entre os homens mais cultos do país e se dedicam, exclusivamente, à sua função.

Ensino eminentemente prático

O nosso entrevistado continúa a sua exposição:

Observei que todo o ensino é orientado dentro de uma finalidade prática. Os alunos de engenharia encontrei-os, por varias vezes, descalços, em manga de camisa, sujos de óleo, trabalhando com interesse sob as vistas de um professor, nos gabinetes e nas oficinas, fóra das horas de estudos. A teoria demasiada é desprezada. Só querem saber da prática. Os nossos engenheiros possuem mais solida cultura teórica que os japoneses. Geralmente, não deduzem coisa alguma, agarrando-se às formulas e tabelas, tendo em vista o resultado immediato.

E' um gosto ver-se as obras de engenharia no Japão. Dada a carência de materias primas, tudo é calculado no limite mínimo. Vigas finissimas, formam pontes e viadutos das estradas de ferro.

O plano Hirao

Um excelênte técnico em matéria educacional, sr. H. Hirao, que foi Ministro da Educação de seu país, organizou um plano que possui o seu nome. De acôrdo com o mesmo, o curso primário passaria de seis para oito anos, o secundário tambem seria aumentado. O numero de universitários, porém, seria diminuido. Na sua opinião, há necessidade de um povo instruido. O número de doutores deve, no entanto, ser o menor possível. Tinha êle tambem em vista evitar a aglomeração de rapazes nas grandes cidades. Instituiu uma verdadeira barreira nos programas de admissão às universidades.

Tive ocasião de palestrar, demoradamente, com o sr. Hirao e acabei-me convencendo de que o seu plano daria resultados no Brasil, país de doutores com um povo analfabeto. Sou portanto, contrário ao funcionamento das Universidades privadas, como vem sucedendo atualmente. Para atingirmos o nivel de 99½% da massa alfabetizada, temos que seguir as pégadas do Japão. Abrir escolas novas e fazer com que o professor fique no interior do país, pois, sou testemunha de ter encontrado, no sertão paranaense, ótimas escolas fechadas por falta de mestres. As nossas professoras tiram os cursos nas escolas normais para permanecer nos grandes centros. Não ha força que as faça seguir para o "hinterland", onde o analfabetismo campeia.

45.903 escolas

Há no Japão, atualmente, 45.903 escolas com 12.760.200 alunos. Isto dá uma escola para cada 100 quilômetros quadrados e 20 alunos para cada 100 pessoas.

No Ministério da Educação funciona, permanentemente, uma comissão de fiscalização e revisão dos livros de estudo. Os livros são padronizados. O professor ministra a aula pelo livro adotado, obrigatoriamente, fazendo com que o ensino seja mais fácil. Por todo o canto do Japão funcionam livrarias. O povo lê muito, quer jornais e revistas, quer livros. Ao Ministro da Educação o governo imperial japonês empresta todo o apóio e todos os poderes, fazendo dêle um dos homens mais importantes do país.

Escolas de geishas

Antes de terminar a sua palestra cheia de ensinamentos e rica de observações, o major Lima Figueirêdo ainda fez referência às Escolas de Geishas.

A palavra "geisha" significa arte. De fato a "geisha" é uma artista. Na escola, meninas de 13 a 14 anos, aprendem a servir uma mesa, arranjo de flôres, a cerimonia do chá, noções de inglês, geografia e história, política do Japão, dansas orientais e ocidentais, maneira de portar-se com os homens, etc. A "geisha" exerce papel importante na vida do homem japonês. É geralmente com ela que se diverte. Nos restaurantes a "geisha" dá a nota alegre. Algumas conhecem perfeitamente até a política interna e externa do país e sabem tornar uma conversa agradável.

Outras são ótimas dansarinas.

Enfim terceiras sabem comover os corações pelas canções.

A "geisha" é necessária à vida japonesa. Sómente delas não gostam as esposas, terminou o major Lima Figueirêdo.

Bibliotéca da "A Defesa Nacional"

Livros á venda

Lei do ensino Militar e Organização do Exército	1\$200
Les leçons de l'instructeur — Laffargue	20\$000
Les leçons du Fantasin — Idem	8\$000
Limites do Brasil — Major Lima Figueirêdo	11\$000
Lições de Topometria e Agrimensura - Cel. Arthur Paulino	17\$000
Manual de Hippologia	9\$500
Morteiros — Cap. Guttenberg Ayres de Miranda	9\$500
Manobras de Nioac — General Bertholdo Klinger	4\$500
Manual Colombofilo — Dr. Freitas Lima	8\$500
Manual de Topografia Militar — Cap. Del Corona . . .	13\$000
Mais Uma Carga, Camarada — General V. Benicio da Silva	21\$000
Manual do Sapador Mineiro — Major Benjamin Galhardo	16\$000
Manuel de l'Officier de Res. de Cavallerie	20\$000
Manuel de Mitrailleur — Cap. Petri	6\$500
Mementos de ordens — numeros 7, 11 e 12	2\$000
Moyens de l'Aereonautique	10\$500
Memento de l'Instruteur — Pailé	13\$000
Memento du Chef du Bataillon — Vanegue	13\$000
Formulario do Contador — Ten. José Salles	4\$500
Futebol sem mestre — Cap. Ruy Santiago	5\$500
Guia de Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago ed. 1938	11\$000
Guide de l'Officier de Mitrailleur de Cavallerie — Desaugles	13\$000
Historia da Guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguai	55\$000
Hommes des-des équipes des chefs	9\$000
Indicador Paranhos até 1935	13\$000
Indicador Paranhos até 1936	5\$500
Indicador Paranhos de 1937	5\$500
Impressões de Estágio no Exército Francês	2\$500
Instrução de Transmissões	11\$000
Inst. Prov. sur l'Org. du Terrain — 1. ^a Parte	5\$000
Idem 2. ^a Parte	11\$000
Idem 3. ^a parte	17\$000
Instruction General sur le tir de l'Artillerie	21\$000
Instruction sur l'Org. des Mouv. et des Transp. Mil. Guerre	5\$000
Inst. sur le devetaillement en mutnion aux armées	5\$000
Inst. sur la liaison et les Transm. en Campagne	16\$000
Inst. du 12 Aout 1936 sur l'Emploi Tact. G. Unités	12\$000
Invasão e Tomada das Ilhas Balticas — Cap. José Jm. Silva Gomes	4\$500
Indice dos Decretos	1\$500

DECRETO-LEI N. 1.958 – DE 10 DE JANEIRO DE 1940

Lei do movimento dos quadros de oficiais em tempo de paz

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o art. 180, da Constituição, decreta:

LEI DO MOVIMENTO DOS QUADROS DE OFICIAIS EM TEMPO DE PAZ

I

PRINCÍPIOS GERAIS

Art. 1.º A presente Lei do Movimento dos Quadros de Oficiais tem por fim regular a passagem dos oficiais pelas diferentes funções militares, de modo a satisfazer as necessidades do serviço e distribuir equitativamente os onus e vantagens dele decorrentes:

a) proporcionando a toda a oficialidade o indispensável e perfeito conhecimento da tropa, o completo desenvolvimento do hábito de comandar e a capacidade de instruir e administrar;

b) assegurando a presença constante dos estados-maiores, nos corpos, estabelecimentos e repartições militares, de um quadro mínimo, indispensável para manter a continuidade administrativa e a atividade eficiente dos diversos órgãos;

c) garantindo ao oficial, que sirva em localidades de condições de vida precária, o direito de transferência para guarnições melhores, além de outras compensações.

II

CLASSIFICAÇÃO TERRITORIAL EM ZONAS

Art. 2.º Para os efeitos desta Lei, os Estados são agrupados em três zonas de serviço assim constituídas:

1.ª zona: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Amazonas, Pará e Território do Acre (Estados limítrofes com países estrangeiros).

2.ª zona: São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais e Goiás.

3.ª zona: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão.

III

QUADROS MÍNIMOS

Art. 3.º Em regra, todos os corpos de tropa, estados-maiores, estabelecimentos, repartições, e outros quaisquer órgãos militares, devem estar com a totalidade dos oficiais correspondentes aos seus quadros.

A redução no efetivo dos quadros normais só é admissível por força das mutações da escala hierárquica e nas funções, ou de circunstâncias imperiosas, não devendo, tanto quanto possível, descer a menos de dois terços na totalidade desses quadros.

Parágrafo único. O efetivo mínimo de professores e instrutores nos estabelecimentos de ensino não poderá descer a menos de quatro quintos do total consignado nos respectivos quadros.

Art. 4.º Os quadros mínimos fixados no art. 3º devem ser constituídos da forma abaixo e computados entre os oficiais prontos no serviço, tomados esses separadamente entre combatentes e os de cada espécie de serviço:

a) nos corpos de tropa — em cada grupo de postos (subalternos, capitães e oficiais superiores), que fazem parte do quadro do corpo;

b) nos estados-maiores — em cada grupamento de funções (chefe e sub-chefe de estado-maior, chefe e sub-chefe de secção, adjuntos);

c) nas repartições e estabelecimentos — em relação à totalidade de oficiais do quadro respectivo.

§ 1.º Em se tratando de comando (chefia ou direção), levar-se-á em consideração, no cômputo do quadro mínimo, a presença constante do comandante (chefe ou diretor) ou a do sub-comandante (sub-chefe ou sub-diretor).

§ 2.º O completamento dos quadros para atingir a totalidade dos efetivos previstos em tempo de paz, far-se-á rigorosamente na ordem seguinte: tropa, estados-maiores, órgãos especiais de serviços, repartições ou estabelecimentos.

Para a tropa e os estados-maiores o complemento será feito na ordem numérica das zonas e a partir da primeira.

IV

CONDIÇÕES DE SERVIÇO

Art. 5.º Todo oficial do Exército ativo deverá servir obrigatoriamente durante a sua carreira militar, na 1.ª zona, até o posto de tenente-coronel, inclusive, quer na tropa, quer nos serviços ou em comissões diversas:

O de Infantaria, Artilharia e Engenharia:

Como subalterno (inclusive aspirante	2 anos
Como capitão	1 ano
Como major ou tenente-coronel	1 ano

O de Cavalaria:

Como subalterno (inclusive aspirante)	2 anos
Como capitão	2 anos
Como major	1 ano
Como tenente-coronel	1 ano

O de Aeronáutica:

Como subalterno	1 ano
Como capitão	1 ano
Como major ou tenente-coronel	1 ano

O dos Serviços:

Como subalterno (inclusive aspirante)	2 anos
Como capitão	1 ano
Como major ou tenente-coronel	1 ano

Parágrafo único. Os coroneis de quaisquer das armas ou dos serviços ficam sujeitos a servir na 1.^a ou demais zonas, desde que as necessidades do serviço assim o exijam.

V

CLASSIFICAÇÕES — TRANSFERÊNCIAS — NOMEAÇÕES

Art. 6. As classificações, transferências e nomeações de oficiais para as diferentes funções militares, serão feitas:

- por necessidade do serviço;
- por interesse próprio;
- por conveniência da disciplina.

Art. 7. As classificações, transferências e nomeações por necessidade do serviço serão feitas exclusivamente:

- a) para completar os quadros dos corpos, estados-maiores, repartições ou estabelecimentos;
- b) para satisfação das exigências do art. 5, da presente lei;
- c) para o desempenho de certas funções expressas em leis e regulamentos, que exijam requisitos especiais do nomeado;
- d) para atender a solicitação do oficial interessado, depois de dois anos de ininterrupto serviço nas guarnições constantes do art. 21.

Art. 8. A transferência por conveniência da disciplina será efetivada depois do oficial ser devidamente punido pela falta.

Parágrafo único. O oficial transferido por conveniência da disciplina terá direito a passagem para si e sua família, bem como transporte para bagagem, sem direito a ajuda de custo.

Art. 9. O completamento dos quadros de uma guarnição far-se-á:

- a) pela designação de oficiais que tenham obrigatoriamente de servir na zona a que ela pertencer;

b) na falta de oficiais nessas condições e de solicitações de conformidade com a letra "d", do art. 7, pela designação dos que sirvam ha mais de dois anos em uma mesma guarnição de 2.ª ou 3.ª zona.

§ 1.º Nenhum oficial, com menos de dois anos de officialato, poderá ser designado para servir nas guarnições previstas no art. 21.

§ 2.º Na falta de segundos tenentes nas condições fixadas no parágrafo anterior, poderão ser designados primeiros tenentes para essas guarnições.

Art. 10. Todo official promovido será, em regra, classificado na 1.ª zona, desde que haja vaga numa de suas guarnições, ou designado para funções a serem desempenhadas nessa mesma zona.

Parágrafo único. Excetuam-se da regra deste artigo os subalternos promovidos que já tenham o tempo exigido de zona, caso em que poderão ser classificados em outra.

Art. 11. Nenhum official poderá ser designado para funções estranhas à tropa ou aos estados-maiores, sem que tenha cumprido, no posto, as exigências de serviço com relação à 1.ª zona, salvo casos especiais a critério do Ministro.

§ 1.º Nenhum official dos quadros das armas poderá permanecer por mais de dez (dez) anos consecutivos afastado da tropa.

§ 2.º Nenhum official de qualquer arma ou serviço poderá permanecer por mais de 12 (doze) anos consecutivos na Capital Federal, salvo aqueles que pela natureza de serviço ou de sua categoria não possam servir em outras guarnições, por falta de função inerente ao seu posto ou especialidade. Nas demais guarnições o tempo máximo de permanência de um official será de 10 (dez) anos de serviço consecutivos.

Art. 12. Somente por motivo de interesse imperioso do serviço e por ordem expressa do Ministro da Guerra poderá o official ser transferido de uma guarnição para outra antes de um ano de permanência naquella em que se encontrar.

Art. 13. A classificação dos officiaes superiores nos quadros, ordinário ou suplementar (geral ou privativo), bem como sua transferência para os corpos de tropa implicam em decreto; e a dos capitães é feita pelo Ministro da Guerra, por proposta das Diretorias das Armas ou Serviços.

Parágrafo único. A classificação e transferência dos subalternos são da alçada das Diretorias das Armas ou Serviços.

Art. 14. A designação ou nomeação dos officiaes superiores para o exercicio de funções próprias do quadro suplementar (geral ou privativo) ou dos Serviços que impliquem em chefia ou direção é feita por decreto; a dos capitães e subalternos é da competência do Ministro.

Art. 15. As classificações e transferências de officiaes effectuar-se-ão dentro de 15 dias após as datas de promoções dos officiaes.

Parágrafo único. Fora dessas épocas só serão admitidas classificações e transferências por motivo de reversão à actividade, rein-

clusão nos quadros do Exército, terminação de licença ou comissão, dispensa desta e conveniência da disciplina.

Art. 16. Os oficiais do Quadro de Estado-Maior serão movimentados pelo Estado-Maior do Exército.

Art. 17. O oficial transferido do quadro ordinário para o suplementar geral, sem comissão determinada, permanecerá na guarnição onde se acha, até nova classificação ou nomeação salvo ordem expressa do Ministro, em contrário.

Parágrafo único. Quando se tratar de oficial de posto superior ao do comando da guarnição, passará ele a aguardar nova classificação ou nomeação adido à guarnição mais próxima de comando superior ao seu ou na sede da Região.

Art. 18. O oficial que, por qualquer circunstancia, atingir a primeira metade do quadro, sem ainda ter satisfeito as exigências de arregimentação, para efeito de promoção, tem o dever de solicitar a sua transferência para uma das unidades com sede na zona compulsoria, o que lhe não poderá ser negado.

Parágrafo único. Nenhuma reclamação poderá ser feita pelo oficial que, não tendo cumprido a obrigação imposta por este artigo, venha a sofrer restrições em seus direitos de promoção ao posto superior.

Art. 19. O tempo de serviço em uma zona é contado do dia em que o oficial se apresentar na guarnição a que se destina.

§ 1.º Somente em serviço de justiça, inspeções, condução de contingentes, escoltas, comissões de serviço de remonta ou abastecimento, recebimento de numerário, captura de insubmissos, férias e serviço de aviação pela via aérea, por um prazo que não exceda de 60 (sessenta) dias em um ano de (90 dias para os juizes do Conselho de Justiça), não se interrompe a contagem de tempo na zona de serviço.

§ 2.º No caso de deslocamento de tropa de uma zona de serviço, para outra, será o serviço considerado:

a) como na zona da sede, si o afastamento fôr inferior a 30 dias.

b) como na zona de destino, e a contar do dia da partida ao de regresso, si o afastamento fôr superior áquele prazo.

§ 3.º Será computado, como se fôra em zona compulsória, o tempo de serviço do oficial em operações, desde que durante elas se abone o terço da campanha.

Art. 20. O tempo que os militares passarem ou viverem a passar afastados de suas funções, em consequência de ferimentos recebidos em combate ou moléstias adquirida em campanha, deverá ser computado como se o oficial ou praço o houvesse passado no exercício das funções que desempenhava no momento de ser afastado e na respectiva zona.

VI

GUARNIÇÕES ESPECIAIS

Art. 21. São consideradas guarnições especiais, em virtude de estarem situadas em locais de condições de vida precária, as seguintes:

São Luiz das Missões, Bela Vista, Obidos, Coimbra, Foz do Iguaçu, Cáceres, Caslavasco, Porto Velho, Guajará-Mirim, Porto Murtinho, Rio-Apá, Tocantins, Içá, Tabatinga, Macapá, Cucuí, Rio Branco, Vila Bittencourt (Japurá), Três Lagoas e Oiapoque.

Parágrafo único. Além destas, outras podem ser assim consideradas, por ato do Governo.

Art. 22. Depois de dois anos de serviço numa dessas guarnições, o oficial tem direito a solicitar transferência para outra de sua livre escolha.

Não havendo vaga, será ela aberta com a transferência do oficial que, ha meiz de dois anos ininterruptos, sirva na guarnição escolhida, a começar pelo que tiver mais tempo de permanência nessa mesma guarnição.

Parágrafo único. Na impossibilidade absoluta de aberturas de vagas na fórmula estabelecida por este artigo, será o solicitante disso cientificado, e poderá, então, escolher outra guarnição, procedendo-se de modo analogo.

Art. 23. Durante os dois primeiros anos em que permanecer ininterruptamente em serviço em uma mesma guarnição do art. 21, terá direito o oficial à contagem desse tempo, pelo dobro, para efeitos de transferência para a reserva ou reforma.

VII

TRÂNSITO

Art. 24. Ao oficial que, em virtude de classificação, transferência ou nomeação, tiver de mudar de guarnição, serão concedidos trinta dias de trânsito, para iniciar a viagem a contar da data do desligamento do corpo, repartição ou estabelecimento onde esteja servindo.

§ 1.º O desligamento será feito:

a) no mesmo boletim que publicar a transferência, nomeação ou classificação, nos casos de não haver carga a passar, salvo si o oficial estiver em serviço de justiça;

b) dentro de oito dias, nos demais casos, salvo si se tratar de oficial de administração em função de almoxarife, ou de oficial médico, na falta de outro médico militar na guarnição;

c) em prazo fixado no ato da transferência, nomeação ou classificação.

§ 2.º O prazo para o desligamento do oficial em função de almoxarife é de trinta dias, a contar da publicação da transferência, nomeação ou classificação, e o do médico após a chegada de um substituto na guarnição.

§ 3.º Esgotados os prazos consignados nos parágrafos precedentes, será o oficial desligado e si não houver terminado a passagem de carga, será nomeada pelo comandante do corpo, chefe da repartição ou do estabelecimento, uma comissão para sua conferência.

§ 4.º Dentro de uma mesma guarnição não haverá concessão de trânsito.

§ 5.º Poderão ser concedidos ao oficial chegado à guarnição de destino, até oito dias de dispensa do serviço, para instalar-se.

§ 6.º Mediante concessão do Diretor da Arma ou Serviço, e desde que o oficial transferido se venha a movimentar para a nova guarnição antes de completar o prazo de trânsito acima estipulado, poderá ser-lhe permitido gozar o restante desse prazo, seja na localidade de destino, seja em qualquer outra ao longo do itinerário que tenha de seguir. No primeiro dos casos encarados, deixa de ser applicavel ao official a concessão contida no § 5.º. Na hipótese última, o acréscimo de despesa de viagem, devido a interrupção, correrá por conta do interessado.

Art. 25. Serão responsabilizados pecuniária e disciplinarmente, todos os oficiais ou funcionários que, no corpo, repartição de origem ou repartição pagadora, intervierem na confecção ou pagamento de folhas de vencimentos ou vantagens devidas aos oficiais que hajam excedido os prazos de desligamento e trânsito para seguir a destino, consignados no art. 24 e seus parágrafos da atual lei.

Parágrafo único. Igual sanção será aplicada ao comandante ou chefe que retardar por mais de 48 horas a publicação de ato official de transferência, nomeação ou classificação que chegue ao seu conhecimento.

VIII

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 26. Os oficiais que exerçam funções de Instrutores ou Auxiliares de Instrutor nos Estabelecimentos de Ensino, quando promovidos, serão mantidos no desempenho de suas funções, até o fim do ano letivo, salvo si a permanência acarretar incompatibilidade hierárquica ou funcional.

Art. 27. A publicação de ato de transferência, nomeação ou classificação, implica na cassação das férias ou dispensa do serviço em que se encontre o official.

Art. 28. A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 29. Para os efeitos da presente lei serão computadas todas as frações de tempo já passadas pelos oficiais nas zonas de serviço compulsório.

Art. 30. Os acréscimos de tempo de serviço consignados no art. 23 são computados a partir de 1 de julho de 1938.

Anteriormente àquela data, vigorarão os acréscimos consignados na Lei n. 23.825, de 3 de fevereiro de 1934.

Art. 31. Será computado como em zona compulsória o tempo de serviço já passado anteriormente pelos oficiais em zona assim considerada pelo Decreto-lei n. 624, de 18 de agosto de 1938.

Art. 32. Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1940, 119° da Independência e 52° da República.

GETULIO VARGAS

Eurico G. Dutra



ASSEGURE O SEU
"ASSEIO CORPORAL" COM

LIFEBUOY

SABONETE DE SAUDE

FABRICAMOS:

Fitas para machinas de escrever, contabilidade, endereços, multigraphicas e outras.

Papeis carbono em folhas planas, em caixas e duplos (duas faces).

Almofadas para carimbos,

Bobinas de papel para machinas de contabilidade,

Coupons e Fitas para detalhes de Caixas Registradoras.

Limpa Tipos.

POR ATACADO

Rua Seminario, 161 a 165. -- Caixa Postal 2662

S. PAULO

Fabrica Helios Limitada

Brazcot Limitada

Exportadores de algodão, Beneficiamento em Alvares Machado,
E. F. S., Birigui, N. B. Marília
C. P. José Theodoro. E. F. S.
S. João B. Vista, C. M. Cambará
(Est. Paraná)



END. TEL. "BRAZCOT"

FONES

2-6800

2-6804

2-7050

Rua Boa Vista, 116 - S.104

SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 3603

Equipamentos Militares

Botas de campanha para o Exército. — Lonas para Marinha
É bom producto quando leva a marca "LOCOMOTIVA"
Artigos exclusivamente Nacionais e que constituem o orgulho da INDÚSTRIA BRASILEIRA
Nossas fabricas foram installadas em 1907

São Paulo Alpargatas Company

Caixa Postal, 1805
Telegr.: "Alpargatas"

R. Dr. Almeida Lima, 14
Telephone 3-1131

SÃO PAULO

Fabrica de Casimiras Kowarick

F. KOWARICK & C.

GRANDE PREMIO NAS EXPOSIÇÕES NACIONALES DE 1908 E 1922

Fabrica na Estação de Santo André
(EST. DE SÃO PAULO)

Escritorio: S. PAULO - Rua 3 de Dezembro, 17-2.º

Caixa do Correo, 66 — Telephone: 2-1776

Endereço Telegraphico: BERKO

CODIGOS: A. B. C. 5.ª e 6.ª EDIÇÃO, RIBEIRO, BORGES, MORSE E MASCOTE

Panos Militares para Officiaes de qualquer typo

Société de Sucreries Brésiliennes



USINAS DE AÇUCAR E ALCOOL

Medalha de Ouro Torino, 1911 — Grande Premio Rio de Janeiro, 1922
Grande Premio Rosario de Santa Fé, 1926

Endereço Telegr.: - "FRANBA"

Codigos:

Ribeiro - A. B. C. 5th - A. Z.

SOCIEDADE

Capital Rs.

AGENCIAS:

Rio de Janeiro, Minas Geraes,
Paraná, Rio Grande do Sul,
Bahia, Pernambuco e Pará.



PHONES 5 { 2 1 7 4
2 1 7 5
2 1 7 6

ANONYMA

10.000:000\$000

SÃO PAULO

Caixa Postal, 2 J

Av. Agua Branca, 2.000

Carneiras, pellicas. mestiços, vaquetas, bezerros, chromo, buffalo, porco, solas
raspas, verniz, etc.

Varam, Gasparian & Cia.

Industriales

CAPITAL REALIZADO 6.000:000\$000

Caixa Postal, 2312 - End. Telegr. - VARGASCO-

Codigos: Mascotte - Ribeiro

LANIFICIO ARMENIA
Fabricação de
Camisarias e Entretelas

RUA TAQUARY, 941

Telephone 2-8520

SÃO PAULO

Escritoria Central
Rua Taquary, 941
Telephones 2-8520 e 9-4388

FIACÃO DE LÃ
PENTEADA E CARDADA

Fabricação de fios para
Tecelagem, Malharia e Novellos

R. Lopes Coutinho, 315
Telephone 3-3359
SÃO PAULO



HELICES DE PASSE VARIAVEL

completamente automatico possibilitam a exploração integral da capacidade do motor em todas as posições de voo.

O aproveitamento da nova

HELICES VARIAVEL "JUNKERS"

inteiramente automatico pelo sistema hidraulico a oleo está garantido pelos seguintes melhoramentos:

- 1.º) Regulação automatica da helice.
- 2.º) Movimentação das partes da engrenagem no cubo de variação dos passes somente durante a mudança.
- 3.º) Alcance de mudança ate à posição minima de resistencia da helice.

Esses melhoramentos importam em

CONFIANÇA ABSOLUTA NA HELICE
SEGURANÇA NO SERVIÇO AEREO

JUNKERS FLUGZEUG- UND -MOTORENWERKE A.-G. DESSAU



SOCIEDADE COLONIZADORA DO BRASIL LTDA.

VENDEM-SE LOTE

Linhas Sorocabana, Noroeste e Norte-Paraná

Instalações Industriais:

Fabricas: Beneficiamentos de algodão, café, arroz e farinha. Serrarias e Olarias.

Usinas: Geradoras de electricidade, assucar e alcool.

Instalações de Utilidade Publica no Patrimonio: Delegacia de Policia, Juiz e Cartorio de Paz, Agencia do Correio, Igrejas Catholicas, Hospitais e Serviço telephonico.



CASA BANCARIA BRATAC

de CARLOS V. KATO

JUROS AO ANNO: Depósito de conta corrente movimento 4%,
Depósito de Prazo Fixo 6%.

Casa Matriz: Rua Annita Garibaldi, 217 — S. Paulo — Caixa Postal, 2975 — Telephones 2-3121 e 2-3122
Av. 10 de Novembro, 66-C — Caixa Postal, 248 — Telephone, 389 — MARILIA

Filias: { Rua Joaquim Nabuco, 34 — Caixa Postal, 267 — Telephone, 167 — ARAÇATUBA
Rua BASTOS — Est. Rancharia — L. Sorocabana
Pra. TIETE — Est. Linsavira — L. Noroeste

CASA BRATAC

Importação e Exportação dos Productos Estrangeiros e Nacionais

Casa Matriz — Rua Annita Garibaldi, 219 — São Paulo — Caixa Postal, 211 — Telephone 2-1145
Succursaes: Rio de Janeiro - Santos - Marilia - Araçatuba - Ourinhos - Porto Alegre - Lavras (E. Rio O. do Sul
Tibagy (Est. do Paraná) - Corumbá (E. Mato Grosso) - Carangola (E. Minas Geraes) - Ribeirão Preto

— RUA ANNITA GARIBALDI N. 217 — SÃO PAULO —



CASA TOZAN, LTDA.

**IMPORTADORA
EXPORTADORA
COMMISSARIA
BANCARIA**

Rua Florencio de Abreu, 74/76
Tel. 3-1141 e 3-1143 - Caixa Postal, 528
End. Telegraphico : «TOZAN»
SÃO PAULO

**Fios de Seda Natural, Fios em Geral, Papel Transparente,
Artigos para Lavours, Ferragens, Productos Chimicos.**

Companhia Paulista de Papeis e Artes Graphicas

SOCIEDADE ANONYMA
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO

Séde: SÃO PAULO
CAIXA POSTAL 193
RUA PIRATININGA, 169
(ANTIGO 13)
TELEPHONE 3-2141



Filial: RIO DE JANEIRO
RUA PEDRO 1.º N. 33
TELEPHONES
22-7673—74—75



Refinação de Productos de Petroleo

CAETANO LOURENÇO

Fundada em 1931

Capital..... 100:000\$000

Contribue para a grandesa do Brasil
fazendo dos sub-productos de petroleo
kerozene de 1.a qualidade.

Rua Coronel Emygdio Piedade, 622
TEL. 3-3653 - São Paulo

VARTA ACCUMULATOR

ACCUMULADORES ESPECIAES PARA
AVIÕES
CARROS DE ASSALTO
SERVIÇO DA CAMPO

Accumuladores Cadmio — Nickel
D E A C para todos os fins

VARTA DO BRASIL LTDA. - Av. Nilo Peçanha, 38-B-38-D
TELEPHONE 22-5547 — RIO DE JANEIRO

Aços Roechling Buderus do Brasil Limitada

Rio de Janeiro

Rua General Camara n. 316
Tel: 23-5732 - 23-0001
Caixa Postal, 1717

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz n. 71/103
Tel: 4-4144
Caixa Postal, 3928

Porto Alegre

Avenida Julio de Castilhos, 265
(Esquina da Praça Vis. R. Branco)
Caixa Postal 563 . Tel: 5069
Endereço Telegraphico " OECHLING "

INDUSTRIA PESADA Usinas Allemãs

Representante para todo o Brasil

PETERSEN, MICHAELLES & CIA. LTDA.

Rio de Janeiro

R. Mayrink Veiga, 8

São Paulo

R. Libero Badaró, 306

Redação e Administração:

QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO

Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas

O Gerente é encontrado todas as 2.as e 3.as feiras das 15 às 17 horas.

BIBLIOTECA

LENDAS DE LIVROS — Na sede da Sociedade — Diariamente, das 9 às 12 hs. e das 14 às 15 hs. No Quartel General — (antiga sede) — Diariamente, das 14 às 17 horas; aos sábados das 13 às 15 horas.

LVROS EM CONSIGNAÇÃO — Os Srs. consignatarios poderão receber os saldos dos meses anteriores, diariamente na sede da Revista durante o expediente da Biblioteca.

COMENDA DE LIVROS — A Biblioteca de "A Defesa Nacional" se encarrega da aquisição de livros nacionais e estrangeiros que não existem em depósito em sua sede, mediante encomenda dos Srs. Officiais.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Srs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio de Janeiro.

a) — Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.

b) — Fazer, mediante encomenda,, a aquisição de objetos na praça do Rio de Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 1.602, Rio. As colaborações deverão ser entregadas ao Major Lima Figueirêdo, Gabinete do Ministro da Guerra, Quartel General, Rio de Janeiro.

P R E Ç O S

Officiais e sub-tenentes	ano	30\$000
	semestre	15\$000
argentos	ano	25\$000
	semestre	14\$000

Os assinantes avulsos caso desejem que a revista siga registrada devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", serão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.